



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)**

ADRIANA DO VALLE CORDEIRO

**O CURTA-METRAGEM COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA: experiências do fazer
audiovisual na formação continuada do DF**

Brasília
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dC794c do Valle Cordeiro, Adriana
O Curta-Metragem como Práxis Pedagógica: experiências do fazer audiovisual na formação continuada do DF / Adriana do Valle Cordeiro; orientador Felipe Canova Gonçalves. -- Brasília, 2023.

145 p.

Dissertação (Mestrado em Artes) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Cinema e Educação. 2. Formação Continuada de Professores. 3. Festival de Curtas na Escola. 4. Práxis Pedagógicas. 5. Política Pública de Educação Audiovisual. I. Canova Gonçalves, Felipe, orient. II. Título.

ADRIANA DO VALLE CORDEIRO

**O CURTA-METRAGEM COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA: experiências do fazer
audiovisual na formação continuada do DF**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Artes submetida à Universidade de Brasília, Programa de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), área de concentração Ensino de Artes.

Linha de pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Brasília
2023

ADRIANA DO VALLE CORDEIRO

**O CURTA-METRAGEM COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS DO
FAZER AUDIOVISUAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO DF.**

Brasília, março de 2023

Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Artes submetida à Universidade de Brasília, Programa de Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), área de concentração Ensino de Artes.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves
Universidade de Brasília
Orientador

Prof. Dr. Moira Toledo Dias Guerra Cirello
Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP/SP
Avaliador – Membro Externo

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas
Universidade de Brasília
Avaliador – Membro Interno

Prof. Dr. José Mauro Ribeiro
Universidade de Brasília
Avaliador – Suplente

Dedico este trabalho ao meu filho André, que
me acolhia com seu abraço nos momentos
mais difíceis de uma mãe solo pesquisadora:
“mãe, calma, você vai conseguir!”

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Léa e à minha irmã Eneléia pelo amor incondicional. Aos meus irmãos. Ao meu Pai (*in memoriam*). À Terezinha Lopes, mulher que admiro por sua sabedoria, alegria, simplicidade e fé. À sua linda família. Vocês são a minha rede de apoio em todos os momentos e sou grata à Deus por suas vidas.

Ao Paulo Duro, Gleison Cardozo e a Karla Calasans, irmãos e irmã de alma que o universo me presenteou acolhimento, risadas, parceria e muito aprendizado. Sem os quais não teria me aventurado nesta pesquisa.

Aos parceiros de trajetória, os ex-cursistas profa. Sara Barreto, prof. Zaldo e prof. Edmar que acolheram o projeto com muito carinho. E a todos e todas que passaram pela formação.

Ao meu orientador prof. Felipe Canova, que o Prof-Artes me presenteou com a sua recente chegada, pavimentando a linguagem audiovisual no Instituto de Artes. Contribuições valiosas com seu olhar experiente, dialogando com generosidade e positividade durante toda a pesquisa.

Ao prof. João Rafael, o primeiro a me incentivar a pesquisar a formação continuada e o audiovisual no Prof-Artes.

Aos professores Rafael Villas Bôas e Moira Toledo, que apontaram caminhos importantes que alicerçaram a pesquisa, na qualificação.

Ao Prof-Artes/UnB e aos mestres que guiaram as aprendizagens na arte da investigação em arte. Valioso programa para a formação continuada de professores de Artes da rede pública do Distrito Federal e do país.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, por conceder-me afastamento parcial e total para estudos.

Aos professores, servidores e unidades de ensino que foram incentivadores e parceiros do projeto Canal E.

Aos amigos e amigas do Canal E, em especial: Adalgiza (Giza), Adriane Fritz, Alexandre Furtado, Flávia Oliveira, Ieda Garcia, José Brilhante, Lívia Lúcia, Luiz Carlos (Lucs), Silene Ramos, Silvana Leal, Jacqueline Pontevedra, que permaneceram na resistência até o encerramento das atividades. Um salve aos que chegaram antes de mim e a todos com quem convivi e que fizeram parte dessa história.

RESUMO

Este trabalho busca compreender a contribuição da Educação Audiovisual, na criação de curtas-metragens, como um meio educativo contemporâneo para o ensino e a aprendizagem nas escolas públicas, sob a perspectiva da formação continuada de professores, a partir do recorte de seis anos do curso “Nos caminhos do Audiovisual”. A pesquisa abre um diálogo participante e polifônico, como metodologia, trazendo as análises e reflexões em parceria com grupo focal, os formadores do curso. Apresenta o trabalho de três ex-cursistas, com os desdobramentos da formação nas práticas pedagógicas em sala de aula. Professores “iniciados” na aprendizagem fílmica, como aponta Bergala (2008), um dos referenciais da investigação. Encontro com o cinema e a educação em sinergia com a formação continuada. Um recorte que precisou ser ampliado para registrar um movimento político, técnico e pedagógico que, a partir de ações formativas, seminário, festivais e mostra de curtas, constituiu a política de Educação Audiovisual da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, descontinuada pela extinção do setor responsável por sua idealização e implementação.

Palavras-chave: Linguagem audiovisual. Curta na escola. Formação de Professores. Práxis pedagógica. Política Pública de Educação Audiovisual.

ABSTRACT

This work seeks to understand the contribution of Audiovisual Education, *in* the creation of short films, as a contemporary educational means for teaching and learning *in* public schools, from the perspective of continuing teacher education, from the six-year perspective of the course “In the ways of the Audiovisual”. The research opens a participatory and polyphonic dialogue, as a methodology, bringing analyzes and reflections *in* partnership with a focus group, the course trainers. It presents the work of 3 course participants, with preparations for training *in* pedagogical practices *in* the classroom. Encounter with cinema and education *in* synergy with otherness. A cut that needed to be expanded to register a political, technical and pedagogical movement that, based on training actions, seminars, festivals and short film shows, constituted the Audiovisual Education policy of the State Department of Education of the Federal District, discontinued by the extinction of the sector responsible for its idealization and implementation.

Keywords: Audiovisual language. Short at school. Teacher training. Pedagogical praxis.
Public Policy on Audiovisual Education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	– Aluna Indira recebendo o troféu de melhor atriz	30
Fotografia 2	– Alunos do CEM Paulo Freire recebendo o troféu de melhor filme...	30
Fotografia 3	– Plateia do 3º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF.....	31
Fotografia 4	– Exercício prático de captação.....	42
Fotografia 5	– Exercício prático de captação.....	49
Fotografia 6	– Elaboração dos roteiros dos filmes	50
Fotografia 7	– Processo edição da atividade	57
Fotografia 8	– Gravação do curta “Doce Lembrança”	60
Fotografia 9	– Atividade “Sala de Roteiristas”	64
Fotografia 10	– Plano Geral, “O Sapato”	66
Fotografia 11	– Plano detalhe, “O Sapato”	66
Fotografia 12	– Gravação do filme “Uma noite de Rei”	68
Fotografia 13	– Apresentação da moviola.....	70
Fotografia 14	– Atividade no laboratório de edição.....	71
Fotografia 15	– Sessão Pipoca da turma de 2019.....	73
Fotografia 16	– Cursistas e convidados.....	73
Fotografia 17	– Curta “Nenen’s”	85
Fotografia 18	– Gravação do filme “Uma história que vale a pena ser contada”	86
Fotografia 19	– Edição do curta no Canal E.....	87
Fotografia 20	– “Sessão Pipoca” da turma de 2018.....	87
Fotografia 21	– Lanche coletivo.....	97
Fotografia 22	– Grupo Canal E e parceiros no 5º Festival de Curtas, Cine Brasília	98
Fotografia 23	– Profa. Sara e entrevistada, gravação “Íreté Ohún”	102
Fotografia 24	– Atividades desenvolvidas pela profa. Sara.....	103
Fotografia 25	– Atividades desenvolvidas pelo prof. Edmar.....	107
Fotografia 26	– Atividades desenvolvidas pelo prof. Erizaldo.....	110
Fotografia 27	– Recebendo a homenagem ao Canal E, “7º Curta um Curta”	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Proposta Pedagógica “Nos Caminhos do Audiovisual”, 2014	45
Quadro 2	– Slide da avaliação dos cursistas	51
Quadro 3	– Slide da avaliação dos cursistas	51
Quadro 4	– Avaliação geral do curso realizada Canal E.....	52
Quadro 5	– Carga horária do curso 2015	53
Quadro 6	– Captura de tela AVA/EAPE.....	54
Quadro 7	– Proposta Pedagógica do curso “Ficção”	56
Quadro 8	– Slide “Identidade Artística”	58
Quadro 9	– Estudo dirigido para construção de roteiro	59
Quadro 10	– Captura de tela da atividade <i>Story Line</i>	61
Quadro 11	– Slide sobre roteiro técnico do filme “Meu Amigo Nietzsche”	63
Quadro 12	– Roteiro técnico do curta “O sapato”	65
Quadro 13	– Slide sobre montagem	69
Quadro 14	– Slide de apresentação do programa de edição Adobe Premiere	72
Quadro 15	– Proposta Pedagógica do Curso “Não ficção (Documentário)”	74
Quadro 16	– Slide “Jornada do Héroi”	76
Quadro 17	– Slide atividade imagética 1	77
Quadro 18	– Slide atividade imagética 1	78
Quadro 19	– Slide atividade imagética 2.....	81
Quadro 20	– Slide atividade imagética 2.....	81
Quadro 21	– Slide atividade imagética 2.....	82
Quadro 22	– Slide “Como nascem os documentários”	83
Quadro 23	– Slide com a ideia para o curta “Nenen’s”	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDF –	Conselho de Educação Do Distrito Federal.
CESAS –	Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul.
CRT –	Centro de Recursos Tecnológicos.
DCNE –	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.
DIMD –	Diretoria de Mídias e Conteúdos Digitais.
DINOV –	Diretoria de Inovação e Mídias Digitais.
DODF –	Diário Oficial do Distrito Federal.
EAPE –	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Distrito Federal.
EAPE –	Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação.
FAAP/SP –	Fundação Armando Alvares Penteado.
FAPDF –	Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal.
GBLL –	Gerência de Bibliotecas, Livro e Leitura.
GITEAD –	Gerência de Formação Continuada para Inovação, Tecnologias e Educação a Distância.
G MID –	Gerência de Mídias Educacionais.
GMIP –	Gerência de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas.
GMULT –	Gerência de Multimídia.
GSF –	Gerência das Séries Finais.
MMDS –	Serviço de Distribuição Multiponto Multicanal.
NTE –	Núcleo de Televisão Educativa.
NUTEL –	Núcleo de Telecomunicações.
PCN –	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PROF-ARTES –	Programa Mestrado Profissional em Artes.
SEEDF –	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
SIGEAP –	Sistema de Inscrições e Certificados da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Distrito Federal.
SINEPE/DF –	O Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal.
SINOVA –	Subsecretaria de Inovação e Tecnologias Pedagógicas e de Gestão.
SUBEB –	Subsecretaria de Educação Básica.
TV –	Televisão.
UNESCO –	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
UEs –	Unidades de Ensino.
OUV-DF –	Sistema de Ouvidoria do Distrito Federal.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA À EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL	21
1.1 TV EDUCATIVA - CANAL E	22
1.2 CANAL E - TV EDUCATIVA OU EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL?.....	25
1.3 O FESTIVAL DE FILMES CURTA-METRAGEM DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DF	26
1.4 A CONSTITUIÇÃO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NA SEEDF...31	
1.5 CANAL E- EXTINÇÃO	33
2 NOS CAMINHOS DO AUDIOVISUAL	37
2.1 A MEDIAÇÃO NO AUDIOVISUAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA.....	37
2.2 O PERFIL DO CURSISTA NO CURSO.....	40
2.3 O CURSO E O DESPERTAR DAS HABILIDADES.....	42
2.4 PROPOSTA PEDAGÓGICA E AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS DO CURSO	44
2.4.1 Elaboração e execução do Projeto-Piloto - 2014.....	44
2.4.2 Nos Caminhos do Audiovisual - Ficção - 2015 a 2017.....	55
2.4.3 Nos Caminhos do Audiovisual: Novas Trilhas -Não Ficção (documentário) 2018 a 2019	73
2.5 FILMES PRODUZIDOS NO CURSO - 2015 A 2019	88
2.6 REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS	88
3 “NOS CAMINHOS DO AUDIOVISUAL” NA PRÁXIS ESCOLAR	90
3.1 GRUPO FOCAL	90
3.2 CURSISTAS E SEUS PROJETOS AUDIOVISUAIS	98
3.2.1 Nos caminhos do “CinEducação”, Centro de Ensino Médio 04 de Sobradinho 2 - DF	99
3.2.2 Nos caminhos do "Festival de Curtas do CEF 602”, Centro de Ensino Fundamental 602 do Recanto das Emas - DF"	105
3.2.3 - Nos caminhos do "Cine Com Ciência– Luz, Câmera, Educação”, Centro de Ensino Fundamental 01 do Cruzeiro – DF.....	108
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS	121
APÊNDICE A - Filmes Produzidos no curso, Ficção – 2015 a 2017	124
APÊNDICE B - Filmes Produzidos no curso – ficção e documentário – 2018 e 2019	133

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Todos os dias, a mesma coisa!”, grita Helena, que deixa a sala de aula transtornada. Ela é uma adolescente trans que ao longo do ensino médio sofre vários tipos de violências e preconceito de gênero, para se ver e ser reconhecida em sua transição de gênero de Roberto à Helena. Esse é um trecho da fala de “Helena”, um curta-metragem realizado pela turma de 2017. O curta faz parte do acervo de 23 filmes produzidos, ao longo das seis edições do curso “Nos Caminhos do Audiovisual”, com a participação de 79 cursistas, que são os professores da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), do qual participei como Formadora.

O curso foi uma das ações da Gerência de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas – GMIP, mais conhecida por Canal E (1996-2020). A gerência ofertava o curso com encontros presenciais semanais e em ambiente virtual de aprendizagem (AVA), com um total de 180h. Uma parceria com a Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – EAPE/SEEDF¹, responsável pela aprovação da proposta pedagógica do curso e certificação aos concluintes, bem como pelo aval da realização dessa pesquisa no âmbito da Secretaria.

A presente dissertação, sob o título **O Curta-Metragem Como Práxis Pedagógica: Experiências do Fazer Audiovisual Na Formação Continuada do DF**, propõe compreender a contribuição da Educação Audiovisual para o ensino básico, a partir da minha vivência no curso “Nos Caminhos do Audiovisual”, implementado na rede pública entre 2014 e 2019. O trabalho dialoga amplamente com a linha de pesquisa proposta pelo Programa Mestrado Profissional em Artes – Prof-Artes, que é das “Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes”, por meio da experimentação cinematográfica, uma vez que busca estruturar e documentar os conhecimentos tácitos adquiridos no curso.

Uma rica experiência de formação continuada que surgiu a partir da necessidade da proposição de ações sistematizadas que provocassem a constituição de uma política pública de Educação Audiovisual no âmbito da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Por isso, apresento um panorama geral dessas ações e como elas dialogavam, retroalimentavam e suscitavam novas proposições, como, por exemplo, o Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de

¹A Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação, EAPE, é a Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal da Fundação Educacional do Distrito Federal, criada em 1988, conforme a Resolução nº 2.416, de 10 de agosto de 1988, com o intuito de propiciar aos profissionais da educação do sistema público um espaço/tempo de reflexão sobre os seus fazeres e saberes, bem como favorecer modificações no trabalho docente a partir da articulação teoria-prática e promover o aperfeiçoamento profissional de especialistas, professores e demais servidores do quadro de pessoal da atual, Secretaria de Educação do DF.

Brasília², a Mostra #curtadecasa, o Seminário Mídias, Educação e Linguagens Audiovisuais: Perspectivas para o Audiovisual na Educação Básica do Distrito Federal, a Portaria de Educação Audiovisual nº 307, publicada no DODF em 03 de outubro de 2018.

“Nos Caminhos do Audiovisual” compõe parte importante da minha trajetória como professora efetiva de Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas, desde 1998, mas que se dedica ao audiovisual na sua intersecção com a educação a partir de 2003, quando cheguei ao Núcleo de Televisão Educativa Canal E (posteriormente, GMIP). Uma permanência de cerca de 17 anos que se mistura com a minha própria história pessoal e profissional, aos contextos macros das políticas educacionais, como também, técnicos e pedagógicos do Canal E.

Nos 24 anos de existência (e resistência) do Canal E, o curso foi um marcador temporal para o início de um repensar sobre o trabalho que era desenvolvido, ainda nos moldes de uma TV Educativa, que representaria a virada da sua proposta original para o que se vislumbrava como uma educação do olhar, educação estética, por fim, educação audiovisual. O curso foi o primeiro com uma formação específica em audiovisual para professores de forma contínua, pois até aquele momento, só aconteciam oficinas intermitentes e a convite das escolas ou regionais de ensino.

Escolher o curso como recorte da investigação, dentre as outras ações, pareceu assertivo por ser uma formação continuada sistematizada e institucionalizada, realizada em serviço, ao longo do ano letivo, com mais de 130 professores inscritos em suas várias edições, de diferentes áreas do conhecimento, com a possibilidade de gerar, inclusive por meio de dados, análises e reflexões que poderão esclarecer as minhas questões de pesquisa. Também porque “Nos caminhos do Audiovisual” representava o elo mais constante do Canal E, que é um órgão externo à unidade escolar, com a sala de aula, no sentido de ouvir diretamente dos cursistas as suas demandas audiovisuais e educacionais.

E as demandas, há muito, já apontavam para a implementação de práticas audiovisuais, uma vez que a escola passou a vivenciar o que a pesquisadora Adriana Fresquet aponta como "O Cinema expandido na sala de aula expandida". Diz que as tecnologias da produção e da reprodução de imagens e sons portáteis, cada vez mais acessíveis, alteram o cinema no sentido arquitetônico, da sala de cinema, podendo ser visto inclusive nas salas de aula, possibilitando também o *fazer* cinematográfico nas escolas. Proporcionado pelo curso, o curta “Helena” acima mencionado é um exemplo do “cinema expandido” realizado por professores da educação básica.

² Em 2019, passou a chamar Festival de Curtas das Escolas das Escolas Públicas do Distrito Federal.

Circunscrita ao contexto apresentado, a dissertação perpassa por 3 eixos de análise que dialogam entre si:

- 1) O Canal E e a educação audiovisual, as políticas públicas de formação continuada do DF;
- 2) O curso “Nos Caminhos do Audiovisual”, com as experiências de formação, práticas e estratégias pedagógicas, descrição de curtas, e as reflexões sobre seus desafios e potencialidades;
- 3) A sala de aula, a transposição didática da formação em audiovisual no ensino-aprendizagem, como análise dos resultados das formações realizadas.

Importante destacar, ainda, que a investigação busca referenciais teóricos que corroboram uma análise mais crítica e reflexiva dessas práticas, a fim de qualificar e redimensionar os próprios processos formativos que realizamos na SEEDF.

O curso é uma ação de formação continuada com dois aspectos centrais e essenciais que justificam e dão relevância à pesquisa: Primeiro, “Nos caminhos do Audiovisual” foi criado e implementado por profissionais da própria Secretaria. Professores-formadores que propiciaram práticas audiovisuais mais próximas da realidade das salas de aula, que vivenciam cotidianamente as diferentes dinâmicas do ensino público. Por esse aspecto, estabelecem com o professor-cursista um diálogo mais horizontalizado, uma vez que é ministrado por seus pares. Assim, contrapõem-se aos cursos e oficinas que partem das extensões universitárias, da iniciativa privada, ou de agentes e produtores culturais, que são importantes para ampliar os conhecimentos específicos da área, mas que por vezes, entram na educação básica com ações pontuais, localizadas e intermitentes, mais voltados para os resultados das pesquisas ou da contrapartida dos fomentos culturais, do que propriamente com a demanda da comunidade escolar.

O segundo, é a centralidade do *fazer*, da criação fílmica, como pontuado no objetivo geral do curso: “fomentar a produção de curtas que promovam ações educativas, estimulando a apropriação da linguagem audiovisual na construção do conhecimento em sala de aula e fora dela”. Em geral, para os professores, ofertam-se cursos de curta duração que abordam um ponto específico sobre um tema como a história do cinema, o cineclubismo, a construção do roteiro, mais voltados à apreciação estética e à contextualização, sem o ato de ligar a câmera. “Nos caminhos...”, trilha as diferentes etapas da produção para que o professor-cursista possa experimentar a realização do seu próprio filme – “foi câmera, foi áudio, AÇÃO”! A formação provoca o *iniciar* da vivência estética com e para o audiovisual, como destaca Alain Bergala:

Estou convicto, no entanto, que para se iniciar a uma prática criativa, uma experiência direta e pessoal, ainda que modesta, é mais valiosa. Trata-se de uma diferença de exigência entre *ensinar*, no sentido clássico, e *iniciar*. Sempre faltará algo ao iniciador

que nunca teve a experiência íntima do gesto de criação e *do que ele implica para o sujeito* (BERGALA, 2008, p 171. Grifo do autor).

Os cursistas foram *iniciados* no universo de uma linguagem que tem uma semiótica específica, cânones clássicos, rupturas estéticas, interferências diretas das inovações tecnológicas, e os cursistas experimentaram o que implica o *gesto de criação* “para o qual é quase indispensável ter corrido o risco, ao menos uma vez na vida, de escolher sua posição, seu eixo, sua distância, seu enquadramento [...] de fixar o movimento da câmera, etc.” (BERGALA, 2008, p 171). E apesar de serem professores participantes da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2005), com mais acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), bem como aos dispositivos de captação de imagens e sons, de recepção e de difusão, poucos deles compreendiam essa gramática. Em que medida, o curso promoveu um “saber de outra ordem, vivida tanto no corpo quanto no cérebro que” veremos adiante, e, ainda segundo Bergala, “não se pode adquirir apenas pela análise dos filmes, por melhor que seja conduzida” (BERGALA, 2008, p 171).

No entanto, como a criação fílmica não pode estar dissociada da apreciação estética, da análise e da contextualização histórico-cultural, a abordagem didático-metodológica desenvolvida durante os anos do curso apresenta uma diversidade de produções audiovisuais e atividades práticas que colaboram para ampliar a apreensão da *mise en scène* cinematográfica. Por isso, é importante destacar que, apesar do curso prever a realização de um curta, de ficção e/ou não ficção (documentário), e o resultado desse processo culminar na Sessão Pipoca com apresentação de todas as obras produzidas pelas/os cursistas, o foco de interesse são as aprendizagens que emergem ao longo de todo o processo de feitura dos curtas. Dessa forma, o momento da exibição dos filmes dá ao cursista *iniciado* a oportunidade de poder avaliar:

o engajamento no processo, a coerência do processo, o fato de que alguém realmente fez escolhas e as submeteu à prova da realidade da filmagem e da montagem. Enfim, que tenha havido uma experiência e que esta tenha realmente ensinado alguma coisa por outras vias que não a do ensino no sentido clássico do termo. (BERGALA, 2008, p 175).

Ver o filme na tela “rebobina a fita” dos cursistas ativando a memória das primeiras discussões sobre qual a história que se queria contar. Por que e como contar essa história? E *afetar* é a palavra escolhida pelos formadores para dar início à construção do argumento. O que te *afeta*? Para a turma de “Helena”, a história de uma estudante trans, da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que lutou para ter o direito de poder usar seu nome social, inclusive na chamada, *afetou* todo o grupo e foi a escolhida para ser rodada. Ver o filme na tela revive as várias sugestões de como seria apresentada essa personagem para o público do ponto de vista fílmico:

“aos poucos”, “na sala de aula”, “foco nos pés, nas mãos, nos olhares”, “enquanto a chamada é ditada pelo professor”. Ver o filme na tela, revela as escolhas do grupo pelas imagens e pelo áudio que melhor contariam essa narrativa. Trilha percorrida do roteiro à pós-produção, que só os *iniciados* vivenciaram, sendo cada etapa da produção um “gesto de criação” na construção técnica e estética do próprio filme, possibilitando a elaboração de narrativas autorais e contra hegemônicas.

Para nortear as questões de pesquisa, é fundamental esclarecer que entendemos o audiovisual como *linguagem*, articulada com a arte, a cultura, a comunicação e as tecnologias, estabelecendo como referencial, no que tange o termo *educação audiovisual*, a política pública construída pelo Canal E, e instituída pela SEEDF, por meio da Portaria nº 307, DODF, de 02 de outubro de 2018:

Art. 3º. Entende-se por Educação Audiovisual as ações ocorridas nos componentes curriculares ou de forma inter, multi e/ou transdisciplinar, e que estão relacionadas ao acesso, à apreensão e à produção da linguagem audiovisual e midiática.

Parágrafo único. As ações envolvem:

I - o acesso qualificado ao audiovisual, com produtos adequados aos contextos educativos institucionalizados e em interface com práticas sociais dos campos da comunicação, cultura e ciências dentro e fora da escola;

II - a apreensão da linguagem audiovisual e midiática, como um conjunto de competências imprescindíveis para que estudantes compreendam, interpretem e façam uso das linguagens de modo crítico, autônomo e autoral;

III - a produção audiovisual e a difusão da produção realizadas por estudantes da educação básica sob a mediação de profissionais da educação (SEEDF. Portaria 307 de 02/10/2018).

Com o termo referenciado, apresentamos as nossas questões de pesquisa que propõem caminhos para compreender a contribuição da Educação Audiovisual para o ensino básico, na perspectiva da formação continuada: como o fazer cinema com o professor pode colaborar para a proposição de práticas pedagógicas mais ajustadas aos desafios da educação contemporânea? Por que é importante implementar ações de formação continuada sistematizadas para a promoção de políticas públicas para a educação audiovisual? Por que é fundamental identificar de que maneira as metodologias de ensino e aprendizagem em audiovisual chegaram às salas de aula após a participação de docentes da SEEDF no curso “Nos Caminhos do Audiovisual”?

Outras questões que se ancoram no objetivo geral de discutir a efetividade do fazer audiovisual, do Cinema, do professor(a) como um caminho possível na formação continuada na SEEDF e transformador da sua prática pedagógica por meio da análise do curso “Nos Caminhos do Audiovisual” também foram levantadas. Em diálogo com este objetivo, proponho os seguintes objetivos específicos:

a) sistematizar o conjunto das ações pedagógicas desenvolvidas no âmbito da formação continuada em audiovisual na SEEDF, em perspectiva histórica e polifônica dos sujeitos de sua construção, para que possam ser avaliadas e aplicadas em outras ações de formação;

b) investigar as transposições didáticas para a sala de aula, a partir das aprendizagens do curso;

c) Pontuar as intersecções com outras ações do Canal E: Seminário, Portaria de Educação Audiovisual, Festival e Mostra de Curtas.

“Nos caminhos do Audiovisual” nasceu no coletivo, como é coletivo o fazer audiovisual, cinema. O projeto-piloto executado em 2014, com 60h, foi discutido e elaborado pelo grupo de profissionais da educação do Canal E (GMIP), que se revezavam ministrando os conteúdos de acordo com as funções que exerciam e os conhecimentos específicos de cada etapa da produção de um audiovisual. Em 2015, após uma avaliação do projeto, o curso passa a ter 180h, e ser ministrado por mim e mais três professores-formadores que aceitaram o desafio de assumir integralmente, sem deixar de cumprir as outras demandas da gerência. É com esses companheiros de muitos anos de trabalho que integro a equipe do curso, os quais apresento no capítulo 3.

E são essas as vozes coletivas que dão corpo ao curso e que trago para constituir uma narrativa pessoal e ao mesmo tempo polifônica, com outros olhares e perspectivas em diálogo com os professores-formadores e cursistas (*iniciados*). Só após compreender que a investigação não poderia se dar sem o coletivo, é que pude vislumbrar abordagens metodológicas que permitissem esse compartilhamento, encorando na Pesquisa Participante referenciais teóricos, estratégias, instrumentos que entrelaçam as diferentes camadas de análise macro, da política, e micro, das escolas.

O “como” da Pesquisa Participante (PP) segundo Brandão é “onde afinal pesquisadores e pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes” (BRANDÃO, 1981, p. 11, apud CIRELLO, 2010, p. 25), tendo os envolvidos interesses comuns na constituição de um movimento pela educação audiovisual nas escolas. Por outro lado, é necessária a apresentação e a análise dos relatos das experiências, do *fazer*, de cursistas nos desdobramentos da formação nas suas salas de aula.

É fundamental deixar claro o envolvimento efetivo e, sobretudo, afetivo como formadora, tendo a árdua missão de manter o rigor científico nas reflexões e nas inferências subjetivas, na percepção do *objeto* a partir dos *sujeitos*, sinalizando no texto marcadores pronominais: eu – pesquisadora, nós – formadores, cursistas e outros sujeitos envolvidos no processo.

Essa é uma pesquisa que resgata ações que ocorreram no passado recente, tendo a sua última edição em 2019. Em 2020/2021, veio a pandemia, um novo curso “Videoaulas: Aperte o Play, Professor (a)”, a extinção do Canal E, a mudança de local de trabalho. Sendo assim, somados aos três anos distantes do objeto de estudo, a investigação tomará como dados em grande medida as memórias dos participantes, os documentos formais e informais, as fotografias, vídeos e os curtas produzidos. Por isso, sob esse olhar coletivo, reencontrar os *sujeitos* e revisitar os materiais potencializaram as análises e reflexões sobre o tema.

Com a metodologia delineada, uma das estratégias adotadas foi trabalhar com o grupo focal, constituído com os formadores e a entrevista com cursistas. A primeira providência foi convidar os três formadores que me acompanharam neste percurso audiovisual para participarem colaborativamente da pesquisa. Outro passo importante foi a escolha dos 3 cursistas que vão compor o *corpus* de pesquisa. O primeiro é o professor Dr. Erivaldo Cavalcante, que já tem um longo caminho no audiovisual e a educação, desenvolvendo o projeto “Cine Consciência”, A professora Sara Barreto, que passou a desenvolver um projeto de audiovisual em uma escola da periferia e o professor Edmar Oliveira, cursista em 2015 e participante de 4 edições do Festival de Curtas.

Os procedimentos estarão centrados no grupo focal e no grupo de cursistas. O grupo focal será responsável por sistematizar as estratégias, avaliação e análise dos feedbacks, tendo realizado o primeiro encontro em maio de 2022. E para os cursistas, a estratégia adotada será uma entrevista semiestrutura. Trazendo referências textuais, documentos, os curtas e as vivências do curso para contextualizar as etapas.

Em resumo, o *corpus* dessa investigação parte do curso “Nos caminhos do Audiovisual”, nos anos de 2014 a 2019, trazendo as experiências de formação continuada com a *linguagem* e seus desdobramentos, concomitante às ações do Canal E.

A dissertação está dividida em 3 capítulos. No primeiro capítulo trago brevemente minha trajetória profissional até à chegada ao Prof-Artes, contextualizada ao movimento para a educação audiovisual implementado pelo Canal E.

No segundo, seguem os referenciais teóricos adotados e reflexões sobre a importância da experimentação artística e estética do audiovisual, sua relação institucional com a TDIC. Trata especificamente do curso, suas metodologias, referenciais, os curtas, a sessão pipoca. A Mediação, o *fazer com (iniciação)* – o que é fazer cinema com o professor da escola pública. Compreender a formação como o espaço de troca do professor.

O capítulo três apresenta o grupo focal em uma roda de conversa com uma entrevista semiestruturada. Concluiremos o capítulo com as experiências dos cursistas, relatando práticas

audiovisuais em suas escolas, como uma síntese do processo audiovisual vivenciado no curso “Nos Caminhos do Audiovisual”.

Por fim, vivemos um momento em que a educação passa por uma ruptura paradigmática nos meios, modos, espaços e tempos educativos, inserindo irremediavelmente as tecnologias digitais e, fundamentalmente, o audiovisual como caminho factível nos processos de ensino e aprendizagem conectadas, que apontam para ambientes educacionais híbridos. Somada a esse contexto, a pesquisa “O curta-metragem na formação continuada: experiências do fazer audiovisual como práxis pedagógicas no DF”, torna-se um valioso instrumento que pode revelar o impacto das possibilidades cognitivas, filosóficas, estéticas, mítica, existencial, antropológica e poética da obra cinematográfica no ensinar e no aprender.

1 DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA À EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL.

Neste capítulo contextualizo o objeto de pesquisa desta dissertação, ao mesmo tempo em que, como participante dos processos formativos aqui descritos, busco pormenorizar a minha jornada de 25 anos na Secretaria, que se inicia na sala de aula, passa pela Coordenação Pedagógica em nível central, pelo Canal E, pela Educação a Distância e, atualmente, como professora-formadora na EAPE. Sendo assim, situo e reflito sobre a minha jornada à história do Canal E, para entender o movimento coletivo da gerência, que levou às ações que culminaram na Portaria nº 307, a fim de iniciar as reflexões sobre a principal questão que norteia a dissertação que é compreender a contribuição da Educação Audiovisual na Educação Básica.

No pré-projeto apresentado para o Programa de Mestrado Profissional em Artes-Prof-Artes, a pesquisa estava quase que exclusivamente voltada à sistematização das metodologias e práticas implementadas no curso "Nos caminhos do Audiovisual", porém, ao longo da investigação foi essencial trazer o contexto ao qual estávamos submetidos, pesquisadora e objeto.

No ano de 1997, me licencio em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas, pela faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília. Em 1998, assumo o primeiro concurso na rede pública para o ensino de Artes Cênicas, momento em que a Secretaria passa a ter professores de arte de áreas específicas, não generalistas, para atender a demanda do PAS-UnB, que passou a ter provas de teatro, música ou artes visuais. Nos dois primeiros anos de magistério, leciono em turmas do ensino médio e fundamental, continuando meus estudos na linguagem teatral em cursos do Fórum Permanente de Professores-UnB.

Em 1999, sou indicada pela escola para fazer parte do grupo de professores que elaborava o novo currículo das escolas públicas do DF. Havia a necessidade de adequar o currículo anterior, conhecido como "Hulk", à Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996, que torna obrigatório o ensino da arte nas escolas, bem como às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), que são normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. DCNs para o ensino fundamental que propõem em seu artigo 3º, inciso I, alínea a – “os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, e da diversidade de manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 1998), apontando um novo direcionamento na política educacional brasileira e, principalmente, nas práticas do ensino e da aprendizagem da arte. Por esse trabalho, fui para a Gerência das Séries Finais – GSF, na Subsecretaria de Educação Básica, como coordenadora central de Artes, no início dos anos 2000. Participo da elaboração e da coordenação do

Currículo, na área de Artes (teatro) para o Ensino Fundamental e da reelaboração para o Ensino Médio, bem como ações pontuais de formação continuada. Balizado pelos pressupostos teóricos e metodológicos dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica - DCNs, essa proposta curricular iniciou a ruptura de paradigmas históricos incentivando a pedagogia de projetos, o ensino interdisciplinar com a parte diversificada, a promoção das competências e habilidades dos alunos, refutando os conteúdos disciplinares estratificados.

Foi esse o período em que aprendi sobre a importância das políticas públicas educacionais e como a sua implementação perpassa pelos inúmeros desafios de uma Secretaria com cerca de 430 mil estudantes nas escolas públicas do DF. Mas, sobretudo, a persistência em ocupar esses espaços institucionais para a efetivação de políticas que traziam avanços progressistas, exemplo a Educação Audiovisual como um direito de acesso qualitativo à arte e à cultura, refutando e resistindo aos retrocessos das políticas educacionais conservadoras ora vigentes, como a extinção do Canal E. Esse é o olhar sobre o *objeto* que tenho constantemente revivido, no sentido de que a pesquisa tenha relevância para a comunidade educativa e que impacte para uma possível retomada, que colabore para a criação de ações ainda mais significativas para o audiovisual na educação do DF ou de inspiração para as Secretarias de Educação dos demais estados.

1.1 TV EDUCATIVA - CANAL E

Em 2003, chego à Gerência de Multimídia – GMULT – Canal E, subordinada à Subsecretaria de Educação Básica - SUBEB³, iniciando um novo ciclo profissional, agora no audiovisual educativo. A TV Educativa - Canal E foi um projeto pioneiro de Teleducação no DF, seguindo uma estrutura de TV pública.

A fim de contextualizar, optamos por apresentar um pouco do processo histórico do Canal E, TV Educativa da SEEDF, resgatando e transcrevendo um trecho do texto do seu projeto para o “I Seminário Mídias, Educação e Linguagens Audiovisuais: Perspectivas para o Audiovisual na Educação Básica do Distrito Federal”, enviado para obtenção de recursos da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, em 2016:

³ Conforme as mudanças políticas, o Canal E esteve subordinado ao Gabinete do Secretário (a), à Subsecretaria de Educação Básica, à EAPE e, por último, à Subsecretaria de Inovação e Tecnologias Pedagógicas e de Gestão (SINOVA).

A primeira experiência de teleeducação no âmbito da rede pública de ensino do DF aconteceu em 1978, com o antigo Núcleo de Telecomunicações - NUTEL, que funcionou como embrião do que hoje é a Diretoria de Mídias e Conteúdos Digitais-DIMD, estrutura que comporta a Gerência de Mídias Educacionais - GMID, Canal E. A Ceilândia foi a primeira Diretoria Regional de Ensino a ser contemplada com os trabalhos desenvolvidos. Havia uma unidade móvel, um veículo que levava a programação até as escolas. O projeto recebeu incentivos internacionais, como aconteceu com o apoio da Embaixada do Japão (que doou equipamentos) e da UNESCO. O NUTEL transformou-se anos depois no Centro de Recursos Tecnológicos (CRT) da Fundação Educacional do Distrito Federal. Havia um grupo de educadores que trabalhava com recursos audiovisuais, e deste grupo surgiu então a ideia de constituir uma equipe que levasse aos educadores e estudantes uma forma dinâmica de exercitar práticas em sala de aula, tornando a aprendizagem mais prazerosa e significativa. A SEEDF forneceu a aparelhagem básica para a implantação do Canal: ilha de transmissão; ilha de corte seco e finalização; câmeras; equipamentos para iluminação; microfones. Na área destinada à emissora, no CRT, foi montado um estúdio de gravação. O quadro de pessoal foi preenchido com funcionários da SEEDF que, além do conhecimento em educação, haviam feito cursos nas áreas de comunicação e multimeios, ou possuíam experiência prática na produção audiovisual. Posteriormente, o CRT passou a chamar-se Gerência de Multimídia, e o Canal E compôs o Núcleo de Televisão Educativa. O Canal E foi ao ar pela primeira vez, em 14 de agosto de 1996. A implantação do então Núcleo de Televisão Educativa- NTE, hoje, Gerência de Mídias Educacionais, partiu de um projeto da então Fundação Educacional do Distrito Federal que seguiu os seguintes pressupostos: a) a viabilidade tecnológica, a partir da instalação, no Distrito Federal, da rede de fibra ótica da, então, Telebrasil e de MMDS, sob concessão da TV Filme; b) a concepção das diretrizes pedagógicas e de comunicação avançada (do modelo emissão ativa/recepção passiva para um novo paradigma centrado na emissão ativa/recepção ativa), de forma a construir uma programação idealizada de forma a permitir a interatividade. A programação inicial foi construída a partir do projeto político-pedagógico "Escola Candanga", em cinco grandes linhas, a saber: I) informativa; II) de debates; III) de cursos; IV) pedagógica; e V) cultural. O objetivo naquele momento foi disponibilizar para a comunidade escolar informações inerentes as áreas de educação e política educacional, procurando fazer com que toda comunidade acompanhasse os debates e reflexões relativas ao ensino no Distrito Federal e no país. A transmissão da programação do Canal E, na época, acontecia de segunda a sexta-feira, pelo canal 7 da Videorede (Telebrasil), sendo esta transmitida para 53 escolas, nos horários das 9h30 às 10h30 e das 15h às 16h e pelo canal 31 (TV filme) para 50 escolas e demais assinantes da TVA, no horário das 9h às 10h. A transmissão passou a ser feita pela TVA e, mais tarde, pela MaisTV. Houve também transmissão via NET, pela UnB-TV e TV Distrital. Com o passar do tempo, o Canal E foi aprimorando as suas ações e direcionando-as cada vez mais para uma integração maior com todos os setores da educação. A Gerência de TV Educativa - Canal E, tornou-se um centro de referência de pesquisa e de produção de programas educacionais e de cultura com um olhar inovador, crítico, responsável e criativo. Assim, realiza programas audiovisuais e vídeos educativos que suscitam o debate de conteúdos específicos e a formação continuada dos educadores, proporcionando aos estudantes um caminho privilegiado para a formação dos sujeitos em uma sociedade midiaticizada por meio da participação deles nos programas e por disponibilizar um recurso pedagógico mais dinâmico e moderno. O Canal E veicula seus programas no Portal da Secretaria de Educação do Distrito Federal, no YouTube, na TV Comunitária, nas redes sociais, divulga notícias sobre educação na Rádio Cultura 100,9 FM e concede para empréstimo e/ou aquisição os programas na Videoteca, da Coordenação de Tecnologias Educacionais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Sua infraestrutura é dotada de um parque técnico de produção audiovisual e uma equipe de profissionais da educação que, por afinidade com os recursos de multimídia, desenvolveram a capacidade de operacionalizar os recursos necessários à produção audiovisual (Documento interno – GMIP – SEEDF, 2016)

É importante dizer que, apesar do Canal E ter uma história de 24 anos, não foram localizados documentos oficiais no âmbito da Secretaria ou pesquisas acadêmicas que investigassem esse projeto político pedagógico. As menções existentes são mais recentes e fazem recorte de materiais disponíveis nas redes sociais do Canal E, em menções à curtas-metragens realizados no Festival de Curta-Metragem das Escolas Públicas do DF.

Porém, com as mudanças políticas e o crescente sucateamento dos equipamentos, o Canal E foi perdendo sua estrutura operacional, corpo técnico e pedagógico, chegando a suspender as produções em tempos intermitentes. Foi nesse contexto que passei a integrar a equipe que estava produzindo apenas um programa de TV, em parceria com o SINEPE-DF, agora bem distante de sua proposta original. Comecei fazendo produção e reportagens, e assumi a apresentação do programa de entrevistas "Em dia com a Educação", em seguida o "Caderno Educação", uma revista eletrônica, que foi ao ar pela TV a cabo a partir de 2003. Com o cancelamento da parceria, encerraram-se as transmissões em 2006. Alguns dos programas estavam na grade da TV Distrital. Com o advento das redes sociais, em 2009 as produções passaram a ser veiculadas na página do Canal E no YouTube (<https://www.youtube.com/user/canalEdf>), atualmente com 8.87mil inscritos e posteriormente no Facebook (<https://www.facebook.com/canale.SEEDF>)⁴.

Nos anos seguintes, na Gerência sucederam diversas reestruturações no organograma, mas sempre impregnada com a ideia de TV Educativa, fazendo registros de projetos pedagógicos das escolas, por vezes, exercendo o papel de assessoria de comunicação da secretaria, produzindo programas e reportagens que não se sustentaram pela desatualização técnica (ainda analógica) e, por fim, o sucateamento definitivo dos equipamentos.

Com poucas perspectivas de trabalho na GMULT, fui para o recém-formado Centro de Educação a Distância-CEAD, que funcionava no Centro de Educação de Jovens e Adultos Asa Sul - CESAS, voltando a atuar como professora de Artes, virtualmente, depois de quase sete anos afastada da sala de aula.

No intuito de aprender o uso das tecnologias educacionais em EAD e revisitar os pressupostos metodológicos da educação artística, ingresso na especialização em Arte Educação e Tecnologias Contemporâneas – Arteduca - IDA/UnB, 2009. A pesquisa da pós-graduação desenvolvida foi sobre o cinema e a educação sob o título “Poéticas Digitais:

⁴ O nome do perfil mudou para Maria João (Canal E), pois alguns entrevistados(as) dos programas eram candidatos à cargo eletivo e para não configurar propaganda irregular e com a dificuldade de localizá-los (as) no acervo, cada candidato, optou-se por mudar o nome. Passadas as eleições, não foi possível retornar ao nome original. Para não perder o banco de dados, permaneceu Maria João.

imaginário e cultura nas relações entre sujeito, arte e sociedade", com o objetivo de promover aos alunos a experiência de criações artísticas com Tecnologias da Informação e Comunicação, TICs. De acordo com Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida:

A incorporação da TIC na escola favorece a criação de redes individuais de significados e a constituição de uma comunidade de aprendizagem que cria sua própria rede virtual de interação e colaboração, caracterizada por avanços e recuos num movimento não linear de interconexões em um espaço complexo, que conduz ao desenvolvimento humano, educacional, social e cultural (2008, p. 73).

As TICs ou Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação- TDICs, termo adotado pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, também impulsionaram a presença da linguagem audiovisual no cotidiano escolar.

A convite da nova Diretoria, retorno ao Canal E, com a missão de repensar coletivamente os programas e vídeos educativos. Estávamos em 2010, então fez-se necessário redimensionar totalmente o trabalho, percebendo que o foco do trabalho deveria deslocar-se para o *fazer* da e na escola. Enquanto cumpriam-se as demandas institucionais da Secretaria, gestava-se um movimento pela educação audiovisual, mesmo que não houvesse, naquele momento, clareza e intencionalidade objetiva para tal.

1.2 CANAL E - TV EDUCATIVA OU EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL?

É importante destacar que ao longo dos anos foram realizados vários Termos de Referência (TR) para a compra e atualização dos equipamentos para cumprir as demandas de produção dos vídeos institucionais das subsecretarias e dos programas da gerência, sem êxito. Os equipamentos analógicos do sistema betacam⁵ e as fitas de *videotape* funcionaram por mais de 15 anos, até não terem mais conserto ou tornarem-se obsoletos, frente ao digital. Durante 4 anos usamos duas câmeras mini DV, emprestadas informalmente de um outro órgão do GDF, em troca a equipe técnica realizava as gravações institucionais daquele setor. Lançamos mão, também, de equipamentos pessoais como computadores para edição, câmeras portáteis, microfone para que as produções do Canal E não parassem completamente. Sob nova Gerência, em 2017 as câmeras foram devolvidas, e as demandas institucionais não eram mais cumpridas, ficando insustentável, também, a manutenção dos programas educativos internos que ainda

⁵ Betacam é uma família de formatos de videotapes profissionais de meia polegada (1/2") criada pela Sony em 1982. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Betacam>>, acessado em 25/05/2022. As fitas em betacam com o acervo histórico de programas e vídeos do Canal E não foram digitalizadas, e estão guardadas em sala comum na SEEDF (até o momento da publicação dessa dissertação).

resistiam. As constantes ameaças de extinção do setor tornavam-se cada mais próximas, uma vez que ela não cumpria mais a sua função originária de TV Educativa. Foi só aproximadamente no fim do ano de 2018 que o Canal E recebeu por doação de uma Regional de Ensino, uma câmera digital.

Para mais uma vez resistir ao fechamento da unidade e reexistir enquanto proposta política, técnica e pedagógica, a equipe passou a avaliar ampla e profundamente o papel da Gerência em face às novas demandas impostas pelas tecnologias digitais no âmbito da educação pública. Então, a partir dessas análises, o formato TV deixou de ser central e o projeto pedagógico passou a ter 3 eixos basilares:

- a) a formação continuada de professores da Secretaria de Educação do DF naquilo que se refere à apropriação das linguagens e ao uso do audiovisual nas escolas;
- b) o estímulo ao protagonismo de estudantes e professores na produção audiovisual, voltado para temáticas de interesse das comunidades escolares;
- c) a produção de conteúdos didáticos audiovisuais condizentes com as propostas curriculares orientadoras da educação básica em nível nacional e distrital.

Nessa perspectiva, 2014 começa com a primeira formação continuada do curso “Nos Caminhos do Audiovisual”, que será detalhado no capítulo 2. Em 2015, estreia o "1º Festival de filmes de curta-metragem das Escolas Públicas de Brasília". Ações que perduraram na Gerência até 2019.

Com as experiências do curso e do festival pelo contato direto com professores e alunos, a pauta urgente era a criação de uma política que norteasse o trabalho dos professores em sala de aula.

1.3 O FESTIVAL DE FILMES CURTA-METRAGEM DAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DF

“O Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas do DF”, abreviado para Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF em 2019, tinha como finalidade “revelar, reconhecer e afirmar a produção artística e criativa dos estudantes por meio da linguagem audiovisual” e, dentre os principais objetivos, estavam: “dar visibilidade à produção audiovisual dos estudantes, promover a formação e o intercâmbio aos (as) professores (as) mediadores (as) e contribuir com a formação do público em relação à linguagem audiovisual”. (Documento interno – GMIP – SEEDF, 2019)

Essa era uma ação que visava colocar os estudantes das escolas públicas do Distrito Federal como protagonistas de suas histórias em um dos eventos de maior importância para o cinema nacional, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Uma ação conjunta da SEEDF, sob a idealização, coordenação e execução do Canal E, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa à época, Subsecretaria de Políticas de Desenvolvimento e Promoção Cultural e da Coordenação de Audiovisual da SECULT. Também contou com recursos da FAP durante 3 anos.

Sob o mote “Liberte O Cineasta que Existe em Você”, a produção autoral dos estudantes era acompanhada na escola sempre por professores(as) mediador(as) e os gestores da escola. Os curtas, em formato digital, tinham no máximo 5 minutos de duração e realizados com quaisquer equipamentos para a captação das filmagens, como: celular, câmera digital e filmadora. E participavam por meio de edital público. As produções selecionadas concorriam a nove categorias: melhor filme, melhor roteiro, melhor direção, melhor fotografia, melhor montagem, melhor ator, melhor atriz, melhor abordagem do tema e melhor filme escolhido pelo júri popular.

A Comissão Julgadora, composta por professores, artistas e cineastas de Brasília, escolhia 15 (quinze) filmes de cada nível/modalidade de ensino para exibição e para a premiação, que acontecia no Cine Brasília, durante o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Em duas manhãs, o cinema recebia o total de 1400 estudantes, mediadores e gestores das Escolas Públicas do DF.

Antes da pandemia e a extinção do Canal E, foram realizadas 5 edições, de 2015 a 2019. O 1º Festival de Filmes Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília contou com 101 curtas inscritos, do Ensino Médio, com a homenagem ao cineasta Wladimir Carvalho e o tema livre (2015). No 2º Festival, foram inscritos um total de 103 curtas, e o homenageado foi o cineasta Sérgio Moriconi, tema livre e tema específico “Água: uma agenda para a vida”, em 2016. No 3º Festival, a homenagem foi para a Professora e Cineasta Maria Coeli, tema livre e tema específico “Se é público, eu também sou responsável”, e teve um total de 163 filmes, sendo 56 do Ensino Fundamental - Anos Finais; 106 do Ensino Médio; 1 da EJA, no ano de 2017. Em 2018, o 4º Festival, homenageou a professora Laura Maria Coutinho, pioneira na implementação do Canal E, e teve a participação de cerca de 160 filmes, entre fundamental e médio, com tema livre e tema específico “O Que você tem a ver com a Corrupção?”. A homenagem em 2019 foi para a professora Ghisa Pôrto, criadora do Festival Chica de Ouro, do Centro de Ensino Médio de São Sebastião, com tema livre e tema específico “A Escola que temos, a Escola que queremos”.

Além da exibição e da premiação simbólica, um troféu aos melhores das categorias, aconteciam oficinas de audiovisual para os professores e para os alunos, ministrado por cineastas e professores especialistas. Ainda, eram produzidos vídeos de divulgação, pedagógicos, e para os homenageados.

A realização do festival trouxe experiências importantes para a equipe que revelaram que construíamos um caminho muito assertivo no audiovisual. Destaco o fato de o estudante Daniel Sena, vencedor na categoria de melhor diretor e filme de 2015, “Revir”, entrar para uma faculdade de Cinema e Mídias Digitais de Brasília - IESB, no ano seguinte. Ademais, ter conquistado o prêmio de melhor montador no Festival de Gramado, em 2019 com o filme “Invasão Espacial”. Hoje é considerado um dos melhores montadores da nova geração do audiovisual do DF. A partir dessa experiência, a faculdade particular passou a oferecer bolsa de estudos⁶ de 100% e 50% para as categorias: melhor direção, melhor fotografia, melhor ator, melhor atriz. Em 2022, formou o primeiro premiado, oriundo do festival de 2017 com o curta “100% Ocupado”. O ex-aluno premiado com a bolsa, João Vítor Pinheiro, atualmente desenvolve o projeto “Vamos ao Cinema”, que promove a inclusão de estudantes do ensino médio no universo do audiovisual, com consciência social⁷, realizados em escolas públicas do DF, e o “Academia do Cinema”, um curso de audiovisual para quem deseja se profissionalizar na área⁸. Dimensões que o festival pode alcançar incentivando uma carreira profissional na área para os alunos.

A estudante Indiara da Silva de Castro, do Centro Educacional São Francisco (Chicão), de São Sebastião, ao subir ao palco para receber seu troféu de melhor atriz, pelo filme “Contrastes de Branco”, profere um discurso poderoso sobre a importância de os alunos periféricos ocuparem o Cine Brasília que é um espaço público, porém elitizado da capital. Mostrar seus curtas nesse cenário histórico é um ato de resistência de uma cultura invisibilizada. Nessa mesma esteira, o prof. e mediador do curta, Matheus Souza, fala ao público presente:

Este lugar é nosso por direito. E que esses filmes nos inspirem a termos mais espaço de voz, de fala e de representatividade. Que esse seja o início de uma transformação muito grande. Que é a partir da Cultura e da Educação que a gente vai transformar o Distrito Federal⁹.

Além do evento no cinema, também aconteciam oficinas de audiovisual, com realizadores profissionais, destinado aos professores e aos alunos, como forma de qualificar os

⁶ A bolsa de estudos estava condicionada a aprovação do aluno nos processos seletivos para ingresso na graduação.

⁷ Disponível em: <https://www.vamosaocinema.org.br/>, acesso em nov. de 2023.

⁸ Disponível em: https://instagram.com/academiadocinema_?igshid=YmMyMTA2M2Y= acesso em fev. 2023.

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/fpWZgbkISQ4>, acesso em fev. de 2023.

curtas. Outros festivais passaram a ser realizados em escolas e regionais. Em 2022, inspirado pelo nosso projeto, o cineasta Kennel Rógis, um dosicineiros do Festival de Curtas, implementou o “Festival de Curtas das Escolas Públicas de Coremas - PB¹⁰”. Outro desdobramento foi a homenagem recebida no Festival Internacional Pequeno Cineasta, no ano de 2019. Na mostra especial, nossos curtas selecionados foram exibidos e destacados e comentado nas redes sociais como um “belíssimo trabalho que faz de estímulo à produção artística e criativa dos estudantes do Distrito Federal por meio da linguagem audiovisual”.

São aprendizagens em várias camadas, desde o *fazer*, a produção dos filmes nas escolas, a educação estética, ética e política, a mediação dos professores, a participação em seleção pública, passando pela formação de plateia e, até o revelar de possíveis carreiras no audiovisual. Aprendizagens que os estudantes levam para a vida.

O pesquisador Érico Monnerat Lima (2021), um dos jurados do Festival de Curtas, na sua pesquisa de mestrado, “Curta a minha vida: juventudes em protagonismo na produção audiovisual de documentários no ambiente educacional”, fez uma análise do festival e do curta “Os Selvagens do Ensino Médio”, falando sobre a:

A importância de ações como o Festival de curtas não é a de revelar talentos, embora isso possa ser também um objetivo possível, pois graças ao espaço de reflexão e a visibilidade do projeto alguns estudantes continuaram suas trajetórias de estudos nos cursos de graduação em audiovisual, por exemplo. O que se ressalta nesta experiência é como essas ações modificam o ambiente escolar positivamente, ao promover uma reorganização da prática pedagógica e incentivar uma maior participação e responsabilidade dos estudantes na construção de seus saberes (LIMA, 2021, p.72).

Sem dúvida, o festival deu maior visibilidade ao Canal E, retroalimentando o curso “Nos caminhos do Audiovisual” e as demais demandas que eram promovidas, capilarizando a Educação Audiovisual na SEEDF.

Todos os curtas-metragens dos Festivais estão na página do YouTube do Canal E.

¹⁰ Festival de Cinema das Escolas Públicas de Coremas. Paraíba, 2022. Disponível em: www.instagram.com/p/Cdo_Po6DKPT/?igshid=YmMyMTA2M2Y, acesso em fev. de 2022.

Fotografia 1 - Aluna Indiara recebendo o troféu de melhor atriz



Fonte: Acervo Canal E, Fotografia prof. Osvaldo Lima.

Fotografia 2 - Alunos do CEM Paulo Freire recebendo o troféu de melhor filme



Fonte: Acervo Canal E, fotografia prof. Osvaldo Lima.

Fotografia 3 – Plateia do 3º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF



Fonte: Acervo Canal E, fotografia prof. Osvaldo Lima.

1.4 A CONSTITUIÇÃO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NA SEEDF

Voltando às discussões sobre quais seriam as contribuições mais significativas e atualizadas do Canal E para as comunidades escolares, surgiu a ideia de comemorar as duas décadas de sua estreia, para lembrar histórias e resgatar registros da sua fundação. Então, reunimos os pioneiros em um evento carinhosamente denominado “Chá da Memória”. Um reencontro de muita emoção onde cada um teve a oportunidade de falar sobre os desafios de começar uma TV Educativa nos anos de 1996 no DF.

Foi produzido um documentário e um selo comemorativo, que abriu o seminário e teve como sua primeira mesa temática: Os 20 anos da TV Educativa da SEEDF - Canal E, com a justa homenagem aos pioneiros, tendo como figura central George Kuroki, diretor técnico-pedagógico e um “guru” para todos que lá se dispunham a aprender sobre audiovisual (Documento interno – GMIP – SEEDF, 2016).

Para ampliar o debate na rede, e em comemoração aos 20 anos do Canal E, realizamos o “I Seminário Mídias, Educação e Linguagens Audiovisuais: Perspectivas para o Audiovisual na Educação Básica do Distrito Federal”, realizada em dezembro de 2016. Trouxemos para a discussão importantes pesquisadores em cinema, audiovisual, mídias e tecnologias como o Prof. Dr. Moira Toledo - FAAP/SP (Cinema), Prof.^a Dra. Alexandra Bujoka de Siqueira - UFTM (Cultura Digital), Prof. Dra. Ismar de Oliveira Soares - USP (Educomunicação), Paulo

Pastorelo (Escola Carlitos), Prof. Dr. Erlando da Silva Rêses- FE-UnB, entre outros profissionais e as redes de comunicação, que reuniu professores-realizadores da própria Secretaria de Educação.

Foram realizados durante o evento 05 Mesas Temáticas com a presença de 12 pesquisadores/produtores audiovisuais de diversos lugares do país, 06 Oficinas de Audiovisual com enfoques diversos, 02 Workshops sobre Práticas em Letramento Audiovisual, além de serem apresentados 17 trabalhos na Rede de Práticas Audiovisuais em Educação (Documento interno – GMIP – SEEDF, 2016).

Na programação, além das atividades comemorativas (homenagem aos servidores pioneiros, apresentação de documentário e exposição histórica) e das mesas temáticas, realizamos a Rede de Práticas Audiovisuais, workshops, oficinas de audiovisual com professores da rede pública do DF

Encontro profícuo que resultou numa carta com os principais pontos discutidos no evento, legitimando e validando as reivindicações dos professores(as).

Nessa oportunidade, pudemos estabelecer diálogos simétricos e como resultado dessa interlocução, pudemos rememorar a trajetória de duas décadas de atuação do Canal E, refletir criticamente acerca de nossa atual conjuntura educacional (local e nacionalmente) e assim, sinalizar a necessidade de fortalecimento das ações relativas à construção de uma política para o audiovisual na educação do Distrito Federal (Documento interno – GMIP – SEEDF, 2016).

As reflexões trazidas pelos palestrantes e, fundamentalmente, a experiência apresentada pelo prof. Moira Toledo na “Educação Audiovisual Popular (EAP)” apontaram para a necessidade de estabelecer alguns parâmetros e diretrizes que pudessem nortear o campo da “educação audiovisual” que se pretendia na escola e, sobretudo, a serviço de quem estaria inserido nessa política pública. Questões consideradas nas ações técnico-pedagógicas que se seguiram.

A carta foi entregue ao Secretário de Educação ao final do evento como uma forma de marcar politicamente o ato. A partir dela e das experiências com as demais ações da Gerência, originou-se a Portaria nº 307, DODF, de 02 de outubro de 2018:

Art. 1º. Instituir, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, a Política de Educação Audiovisual, a ser desenvolvida pelo Sistema de Ensino e suas instituições, com o objetivo de orientar ações articuladas.

Art. 2º A Política de Educação Audiovisual diz respeito aos direitos culturais que asseguram o acesso a produtos audiovisuais qualificados e aprendizagens essenciais que favoreçam a produção ativa de conteúdos por estudantes e professores, bem como a apreensão crítica da linguagem audiovisual e midiática (Portaria nº 307, DODF, 2018).

A Portaria tem 13 artigos, apresenta a educação audiovisual, seus princípios básicos, objetivos fundamentais, a quem se destina, as instâncias organizacionais envolvidas, estratégias de implementação entre outros. Inspira-se nos pressupostos teóricos-metodológicos do Currículo em Movimento do DF, que encontra fulcro nas teorias da Pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural, como já se percebe logo no seu artigo 2, quando fala da “apreensão crítica”, bem como referenciadas por autores (as) que militam na área como Rosália Duarte, Adriana Fresquet, e Moira Toledo.

Um documento que tinha fundamental relevância para a composição de outras propostas que surgiram, como a constituição de um Fórum Permanente para a Educação Audiovisual, a implementação de Cineclubes, em uma Secretaria complexa e com tantos entraves políticos, pode virar *letra morta*.

Em 2019, estando em desacordo com algumas conduções administrativas, resolvo assumir a vaga no processo seletivo que havia participado na EAPE para atuar como formadora na Gerência De Formação Continuada Para Inovação, Tecnologias E Educação A Distância - GITEAD, sem perder totalmente o vínculo com o Canal E. Continuei formadora do curso “Nos caminhos do Audiovisual” e em outras demandas do novo local de trabalho. Ao final de 2019, sou convidada pelo novo Gerente a retornar às atividades no Canal E.

1.5 CANAL E- EXTINÇÃO

Iniciamos 2020 já elaborando mudanças metodológicas no curso, as primeiras conversas sobre o 2º Seminário de Audiovisual, o 6º Festival de Curtas. Então aconteceu o distanciamento social perpetrado pela pandemia da Covid-19, as ações educativas presenciais foram suspensas por tempo indeterminado, impondo aos docentes e discentes um programa de ensino mediado por tecnologias.

Para realizar o ensino a distância, a secretaria criou o projeto “Educa DF” e uma das frentes era o “Escola em Casa”, um programa de teleducação que foi ao ar pela TV Justiça em 06 de abril de 2020, com videoaulas, entrevistas, debates, aulas para o ENEM, e tutoriais de acesso ao google sala de aula, que durou entre 2 e 3 meses. A gerência foi chamada para produzir materiais e ajudar na produção geral. Era natural que se acionasse o Canal E para essa demanda por ser referência nesse aspecto. Em reunião com as subsecretarias pedagógicas envolvidas, esclarecemos que para esse trabalho era necessário o investimento nos equipamentos que eram constantemente solicitados e não obtidos. Tínhamos somente uma câmera e o estúdio havia sido todo desmontado em 2019. Até ficamos animados com a

possibilidade de adquirir esses equipamentos por causa das medidas de urgência, o que não aconteceu.

Argumentamos que para manter no ar 3 horas de programação, 5 dias por semana, por tempo indeterminado, era necessário muito material, organização e colaboração das instâncias, além da observância aos protocolos sanitários. Então, fizeram um chamamento para que os professores enviassem vídeos pessoais dos seus componentes curriculares para exibir na TV. No início, eu e a Karla fizemos a triagem desses vídeos para o Paulo montar a programação e mandar para a exibição. Mas logo percebemos que haveria muita dificuldade para essa demanda, pois grande parte dos vídeos não tinham o mínimo de qualidade para passar em uma TV, mas também, descobrimos alguns “edutubers” na secretaria.

E que havia muitas videoaulas de qualidade nos portais do MEC e de outras Secretarias, assim como nas redes sociais. E que os professores precisavam aprender a usar as ferramentas e plataformas educativas que estariam dispostas como o google *Workspace*. Depois de muitos embates, o Canal E ficou responsável por selecionar e enviar programas e matérias do acervo. Esse é o recorte que eu faço como servidora. Há quem acredite que, se estivéssemos à frente desse projeto, não teriam encerrado nossas atividades no fim daquele ano. Porém, trago outras reflexões acerca da macro política nas considerações finais.

Então, voltamos a nos concentrar naquilo que fazia sentido para o grupo, a educação audiovisual, propondo um novo curso e a mostra on-line. Para adequar a formação continuada ao momento, realizamos o curso “Videoaulas: Aperte o Play, Professor (a)!”, que teve como objetivo instrumentalizar os(as) professores(as) da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para o uso da linguagem audiovisual na elaboração das aulas a distância no período de pandemia, podendo aplicar esse conhecimento em contextos educativos presenciais ou híbridos. Começamos o curso em maio, antes das aulas voltarem em formato on-line. O curso alcançou 122 inscrições já no primeiro dia e havíamos previsto 30 vagas, mesmo sem termos feito nenhuma propaganda, com as atividades escolares paralisadas até o final de julho. Ou seja, já havia uma demanda de professores interessados em aprender as ferramentas audiovisuais para trabalhar virtualmente com os alunos. Esse curso foi ministrado até o fim de 2021, sempre com grande número de cursistas.

O desafio seguinte foi transpor o festival de curtas para o formato virtual. Depois de muitas discussões, o grupo concluiu que seria uma rica experiência recriá-lo. Precisávamos ouvir as histórias que surgiam mediante todo aquele triste cenário imposto pela doença. Essa foi a mostra 1ª Mostra on-line de curtas, “#curtadecasa: o que vejo da janela?”

A Mostra On-line teve como objetivo selecionar produções fílmicas/artísticas inéditas, produzidas por estudantes das escolas públicas do Distrito Federal e profissionais da educação da SEEDF (servidores da carreira magistério e servidores da carreira assistência), bem como selecionar produções fílmicas/artísticas produzidas pelos estudantes das últimas 5 (cinco) edições do Festival de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal.

Dentre os principais objetivos da Mostra On-line estavam: agregar, apreender e estimular a construção de conhecimentos a todos os envolvidos a partir da criação audiovisual; revelar a criatividade e o protagonismo dos participantes; afirmar a produção artística e criativa tanto dos estudantes quanto dos profissionais da educação em contextos de isolamento social.

No que diz respeito às inscrições, destacamos que obtivemos 86 (oitenta e seis) filmes, sendo que 34 (trinta e quatro) são da categoria profissionais da educação (carreira magistério e carreira assistência) e 52 (cinquenta e dois) da categoria estudantes. Realizamos por meio da curadoria, criada para esta finalidade, a seleção de 30 (trinta) produções fílmicas das 5 (cinco) últimas edições do Festival de Curtas e promovemos a votação pelo júri popular para escola do Melhor Filme nesta categoria e nas seleções dos filmes inéditos.

Foram feitas produções de vídeos com orientações e dicas, além da organização de 3 *lives* e uma Oficina de formação para estudantes e profissionais da educação da rede pública de ensino do DF, visando orientar e incentivar a criação e produção. Todas as ações implementadas e executadas de forma remota. A Mostra de Curtas online gerou mídia positiva para a Secretaria de Educação no jornal local, Correio Braziliense.

Mostra #curtaedecasa premia produções da rede pública de ensino do DF. Já imaginou ter a oportunidade de fazer seu próprio curta-metragem e ainda ser reconhecido? O sonho virou realidade para os vencedores da 1ª Mostra On-line de Curtas das Escolas Públicas do Distrito Federal #Curtadecasa. O evento, adaptado para o formato virtual em razão da pandemia do novo coronavírus, foi uma oportunidade de dar continuidade por meio virtual às atividades propostas pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SILVA, 2020).

Em plena realização da mostra, no fim do primeiro ano pandêmico, o Canal E é definitivamente extinto, juntamente com a Diretoria de Inovação e Mídias Digitais DINOVA e com a Subsecretaria de Inovação e Tecnologias Pedagógicas e de Gestão/SINOVA, às quais estávamos subordinados, com mais uma reestruturação política da Secretaria. Mesmo já dispersos é importante destacar que o grupo cumpriu todas as etapas da mostra de curtas, demonstrando compromisso e respeito por todo o trabalho que desenvolvemos ao longo dos anos e com os participantes da mostra.

Alguns dos servidores foram escolhidos para integrar a Gerência de Bibliotecas, Livro e Leitura - GBL/ SUBEB, outros foram para setores próximos às residências. No fim de 2020, eu e mais 5 professoras fomos integrar a equipe de audiovisual da GITEAD/EAPE. Em meados de 2021, por meio de um acordo entre as subsecretarias, a GITEAD recebe os servidores do Canal E que estavam na GBL com a missão de restabelecer os projetos do extinto setor. Mas esse acordo só foi possível por causa da persistência do próprio grupo junto à instituição e da articulação do gerente, que estava montando um estúdio na EAPE para somar-se ao projeto da EAD. Mas são contradições de uma instituição que encerrou as atividades do Canal E e esteve por renunciar a uma equipe especializada, indo na contramão da necessidade urgente do audiovisual em meio à educação virtualizada.

Em 2021 e 2022, o trabalho concentrou-se na formação continuada, por meio das *lives*, na produção de vídeos pedagógicos e institucionais para a EAPE¹¹ e para a Secretaria, indicando a relevância, a qualidade técnico-pedagógica e a *expertise* do grupo integrado à nova gerência. Porém, o trabalho retorna para as características iniciais de TV Educativa, em detrimento das ações de Educação Audiovisual já experimentadas.

Nesse meio tempo, sou selecionada para o Prof-Artes-2020, uma trajetória profissional que me direciona de volta à academia para pesquisar e identificar a relevância da política proposta pela Gerência de Produção e Difusão de Mídias Pedagógicas - GMIP/ Canal E, acreditando que a educação audiovisual e a formação continuada de professores são caminhos entrelaçados para tornar as práticas docentes mais conectadas à realidade dos alunos e, também, dos professores.

¹¹ Materiais produzidos para o YouTube, disponíveis em: <<https://www.youtube.com/@OcanaldaEape>>, acesso em fevereiro de 2023.

2 NOS CAMINHOS DO AUDIOVISUAL

O presente capítulo é composto por um momento mais teórico sobre a mediação, a formação continuada em audiovisual, no campo da TDIC, bem como o perfil dos cursistas. Outro, pela proposta do curso, seus pressupostos teóricos e estratégias pedagógicas. Busca-se evidenciar os conhecimentos estéticos, cognitivos e técnicos, vivenciados pelos seus formadores, que formam o grupo focal que colabora com a metodologia participante da pesquisa, incluídos no capítulo 3. Este capítulo também traz a avaliação do Projeto-Piloto por ser elemento disparador das demais ações do curso e do Canal E.

Dialogam com as práxis do curso, tomando como referenciais no campo da Educação Audiovisual, Alain Bergala, Moira Toledo Cirello e Felipe Canova Gonçalves. Nas estratégias pedagógicas, a base de estudo são os autores ligados ao cinema e suas teorias como Robert Mckee na ficção, Bill Nichols no documentário, entre outros.

2.1 A MEDIAÇÃO NO AUDIOVISUAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA

Em uma visão ampliada, a investigação dessa dissertação procura discutir a efetividade do fazer audiovisual, Cinema, do professor(a) como um caminho possível na formação continuada na SEEDF e transformador da sua prática pedagógica. Para responder à questão, outra foi levantada: como o *fazer* cinema com o professor pode colaborar para a proposição de práticas pedagógicas mais ajustadas aos desafios da educação contemporânea?

Duas sentenças apresentadas, que precisam ser esclarecidas dentro do escopo do curso que são: “como o fazer cinema com o professor” e “desafios da educação contemporânea”. Começo pelos desafios da linguagem audiovisual em diálogo com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC, apresentando um parágrafo da Justificativa da Proposta Pedagógica do curso:

Uma das principais pautas da educação contemporânea é a inserção definitiva das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDIC, nas salas de aula. Inseridos nesse contexto estão os educandos, a geração dos "nativos digitais", que por meio das diferentes mídias sociais, fazem circular em vídeos, suas formas de perceber e interagir com o mundo, dado que as tecnologias digitais estão cada vez mais acessíveis com os smartphones (Documento interno, GMIP-SEEDF, 2018).

O termo “nativos digitais” ou “falantes digitais” aparece em 2001, com o artigo “Nativos Digitais, Imigrantes Digitais”, de Marc Prensky, para referir-se às primeiras gerações que cresceram cercados por computadores e tecnologias digitais, por meio dos smartphones,

games, dispositivos móveis, interligados à internet. Recebem um grande volume de informação e interagem numa velocidade “quase onipresente”. Discute o declínio da educação a partir da perspectiva do rápido avanço das tecnologias digitais nas últimas décadas do século XX, que produziu profundas mudanças nos alunos, mas não nas práticas educativas. Portanto, esses nativos digitais não são os mesmos para os quais o sistema educacional foi criado, sendo necessário aprendizagens baseadas numa metodologia que possa “se comunicar na língua e no estilo de seus estudantes”, na intersecção de um conteúdo “Legado”, mais tradicional, com o conteúdo “Futuro”, digital e tecnológico (PRENSKY, 2001, apud SOUZA, 2001).

O audiovisual de maneira geral, e o que se realiza na escola, está intrinsecamente ligado às TDIC, à internet, às mídias sociais. Segundo o estudo “Inside Vídeo”, da Kantar Ibope Media, em 2020, no primeiro ano da pandemia, o Brasil bateu recorde em consumo de vídeos, chegando à 99% da população brasileira que assistiram à TV, plataformas de streaming, lives, redes sociais e mesmo vídeo chamadas (ALBUQUERQUE e MOTA, 2021).

No ano de 2019, o portal de dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação¹² realizou uma pesquisa que registrou que mais de 80% das crianças e adolescentes, entre 9 e 17 anos, declararam que assistiram a vídeos, programas, filmes ou séries na internet. Na pesquisa, 32,3% dos internautas postaram produções autorais, e 45,9% compartilharam vídeos, textos e imagens. Afirmaram também que os conteúdos mais procurados estão em plataformas Multimídia e são de Entretenimento.

A pesquisa revela que uma parcela significativa dos estudantes da educação básica utiliza de uma maneira mais orgânica as ferramentas e os dispositivos tecnológicos e midiáticos para acessar, compartilhar e/ou produzir conteúdos informacionais. Mas não significa que esses estudantes fazem um uso qualificado dessas tecnologias. Em 2016, um estudo do *Stanford History Education Group*, indicou a dificuldade que os 7.800 estudantes tinham, por exemplo, de processar informações das redes sociais. Tornando clara e necessária a revisão do termo adotado por Prensky, “nativos digitais”, estando eles mais para “inocentes digitais” que precisam de “apoio, suporte e orientação” (EDUCAMÍDIA, 2021), devendo a educação contemporânea ocupar também esses espaços virtuais, não só como ferramentas educativas, mas como um meio educativo, que se constitui como multimodalidade, ou seja, inter e hipertextual, imagético, sonoro e em multiplataformas (TV, celular, computadores).

¹² Brasil. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2019. Disponível em :https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=13&unidade=Crian%C3%A7as%20e%20Adolescentes, acesso em maio de 2022.

Por outro lado, aqueles que não nasceram no mundo digital Mark Prensky denomina de “Imigrantes Digitais”, ou seja, pertencentes à era pré-digital. Geração educada em um pensamento cartesiano, bem diferente dos princípios que regem as estruturas não-lineares das tecnologias mais recentes. Transitaram do mundo analógico para o digital, criando um “sotaque” (PRENSKY, 2001) que por vezes é ininteligível aos “falantes digitais”, como exemplifica, “discar” um número ou imprimir um e-mail.

Para o autor “os nossos instrutores Imigrantes Digitais, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova” (PRENSKY, 2001). Porém, é preciso compreender que esse “sotaque” geracional foi basilar para a constituição do que viria a ser a cultura dos “falantes digitais”.

Enquanto Prensky fala em uma era pré-digital, Lúcia Santaella (SANTAELLA, 2003) refere-se a esse contexto histórico como a era da “cultura das mídias”. A partir dos anos de 1980, com o aparato tecnológico ainda analógico (videocassetes, TV a cabo, walkman) já acontecia uma cultura de transição, do disponível, de escolhas e possibilidades de produção e consumo mais individualizados, autoral. Era que foi a incubadora da polissêmica, multifacetada e não linear cultura digital e agora virtual. Portanto, apesar da presente Era ter uma “singularidade” não vivenciada anteriormente, como diz Prensky, podendo influenciar inclusive as estruturas cognitivas dos alunos, não se pode afirmar que os adultos ou os professores “imigrantes” estejam totalmente alijados dessa nova lógica, uma vez que estavam imersos nessa incubadora.

São esses professores “imigrantes”, em maioria, que buscam o curso “Nos caminhos do Audiovisual” para diminuir as distâncias tecnológicas em relação aos seus alunos, “falantes digitais”, apreendendo a linguagem audiovisual, passando da linearidade dos videocassetes para o compartilhamento em nuvens virtuais. Por isso, compreender esse movimento geracional sob a perspectiva da pesquisadora Lúcia Santaella, evita que o curso reproduza falas preconceituosas e descontextualizadas, entendendo que o cursista chega com uma rica experiência desse momento pré-digital, sendo necessário só alguns ajustes nos modos e meios educativos que utilizam em sala de aula. Por sua vez, os alunos, versados no digital, necessitam de um professor habilitado para intermediar o conteúdo “legado” e mediar o conteúdo “futuro”.

Nesse sentido, ainda na *justificativa* do curso, destacamos a necessidade de uma formação continuada para uma Mediação tecnológica, audiovisual e midiática, comprometida com o exercício da ética e da cidadania, que é a finalidade da educação:

À Educação atribui-se o desafio não só de explorar as possibilidades que as tecnologias conectadas criam, mas o de reconhecer no universo cultural dos jovens, os seus novos modos de ler (conhecer) o mundo e de escrevê-lo (transformá-lo). Cabe também à Escola a mediação e a apropriação dessas linguagens socioculturais, para o exercício crítico, consciente e autônomo nos usos dessas mídias.

Nesse cenário, em constantes modificações, torna imperativa a atualização contínua do corpo docente, para tanto passamos a pensar em uma política educacional para a formação permanente do educador (Documento interno, GMIP-SEEDF, 2018).

E a Educação Audiovisual aliada à Educação Midiática são ferramentas que podem trazer para a escola a possibilidade de um olhar mais atento à profusão de informações enviesadas e manipuladas das redes sociais. Ao ministrar uma oficina no “Chicão”, para a sua pesquisa, o prof. Érico Monnerat Lima analisa a experiência:

Acreditamos que atividades como essa oficina são essenciais para o desenvolvimento de uma perspectiva crítica e diferenciada dos meios de informação e comunicação, permitindo que os sujeitos concretamente percebam como são criadas as obras audiovisuais. Um conhecimento fundamental no contexto de propagação de notícias falsas e desinformação que marcaram o período pandêmico (LIMA, 2021, p. 77).

Portanto, na estrutura institucional o audiovisual compõe a área das tecnologias educacionais. O curso ficava sob a coordenação geral da Gerência de Formação Continuada para Inovação, Tecnologias e Educação a Distância - GITEAD, que dirimia as questões legais, técnicas e pedagógicas. Todo ano a proposta pedagógica do curso precisava ser aprovada pela EAPE, para ser inserida no sistema de inscrições – SIGEAP, bem como o relatório final do curso, com a avaliação dos cursistas.

2.2 O PERFIL DO CURSISTA NO CURSO

Antes de relatar as experiências de parte das estratégias didáticas, é importante considerar que, “Nos caminhos do audiovisual” é um curso destinado a professores de todos os componentes curriculares, das diferentes etapas e modalidade de ensino, da educação básica das escolas públicas do DF. Ele é realizado nos dias das coordenações pedagógicas, onde é permitido ao professor ausentar-se da escola e ter um momento, particularmente disponível, para o seu desenvolvimento profissional. Dentre as inúmeras formações ofertadas pela EAPE, ele escolhe o nosso curso que, a priori, não está no escopo dos conteúdos disciplinares tradicionais.

Pensando nesse professor, percebemos que ele busca no audiovisual um caminhar diferente no seu modo de ensinar e, também, de aprender. Espaço de aprendizagem especialmente voltado para o cursista, damos a liberdade inclusive de ele não ser *professor*, ou

melhor, de poder exercitar a criatividade, a ludicidade, a sensibilidade estética e artística na *criação* dos curtas, sem que sua produção tenha finalidade estritamente pedagógica, no sentido de uma resposta ideológica e linguageira, ou do uso instrumental do cinema como conteúdo programático. Segundo Bergala:

Essa dupla abordagem linguageira (do lado da produção de sentido) e ideológica defensiva raramente faz um bom casamento com uma abordagem sensível do cinema como arte plástica e como arte dos sons (digo claramente dos sons, não somente do diálogo enquanto vetor de sentido), em que as texturas, matérias, as luzes, os ritmos e as harmonias contam pelo menos tanto quanto os parâmetros linguageiros (BERGALA, 2008, p 39).

Nas primeiras aulas, a tendência do cursista é analisar os filmes, que apresentamos, a partir de um julgamento moral, do certo e errado, ou do gosto ou não gosto, “um imperialismo linguageiro, que não nos autorizava mais a falar do mundo a partir dos filmes” (BERGALA, 2008, p 38). Mesmo porque o professor é quase, didaticamente, obrigado a encontrar respostas objetivas para aspectos subjetivos despertados pelo cinema, assim segue a educação ainda em modelos racionais. E a formação procura trazer a dimensão artística do cinema, evidenciando a construção narrativa do filme, que por meio da imagem e do som em movimento, aguçam tanto a sensibilidade, quanto a racionalidade à audiência do professor.

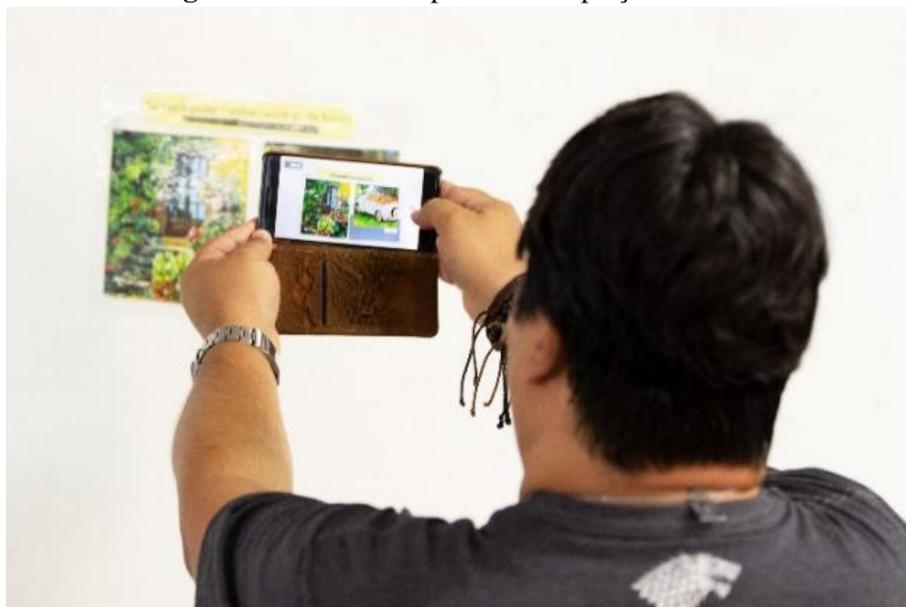
O curta “Uma noite de Rei” (**Apêndice A**), realizado pela turma de 2019, exerce essa libertação da abordagem “linguageira”, contando a história de um jogador de futebol que, no dia de receber o prêmio de melhor artilheiro, entra numa tremenda confusão gástrica. Não é um curta que versa sobre os problemas filosóficos e sociais da educação, é uma comédia para exercitar e experimentar planos, enquadramentos, efeitos sonoros, texto e subtexto, de forma criativa e leve. Sendo o curso um momento especial de respiro, uma vez que a carga de trabalho em sala de aula já era bastante dramática, de acordo com o argumento do grupo para a escolha de uma narrativa divertida. Reforçando a *justificativa* do curso.

O curso busca contribuir para uma efetiva vivência e experimentação do audiovisual, na realização de filmes de curta-metragem, apresentado não unicamente como uma arte para a fruição e a inteligência das emoções ou como um mero recurso de ilustração ou entretenimento, mas como uma possibilidade de afirmação ou negação de ideias e valores estéticos, éticos, políticos e sociais contribuindo para aproximar a educação pública de ensino do Distrito Federal, às atuais demandas educativas (Documento interno, GMIP-SEEDF, 2018).

Por outro lado, compreendemos o audiovisual, o cinema, como uma expressão cultural e política. As análises que os cursistas faziam sobre determinados temas que surgem no visionamento dos filmes também são carregadas das suas bagagens, dos seus saberes e valores.

Assim, percebe-se como a educação audiovisual é tão necessária não só para alfabetizar e letrar no uso da linguagem, mas para qualificar o olhar, o ouvir e o *fazer* de maneira crítica, refletindo sobre que tipo de discursos queremos (re)produzir nos nossos vídeos e nas mediações com os alunos.

Fotografia 4 – Exercício prático de captação turma 2018



Fonte: Acervo Canal E, fotografia profa. Flávia Oliveira

2.3 O CURSO E O DESPERTAR DAS HABILIDADES

Afinal, para que serve o ensino do audiovisual na escola? Uma pergunta fundamental para os professores que desejam trabalhar com a linguagem em sala de aula. A questão foi uma provocação feita pelo pesquisador e avaliador Moira Toledo, tanto na banca de qualificação, quanto na defesa, o que me instigou a retomar a escrita e acrescentar este subcapítulo. Para isso, retomei os referenciais da pesquisa que pudessem dialogar com a pergunta, com a proposta pedagógica do curso e com as possíveis transposições didáticas.

O curso “Nos Caminhos do Audiovisual” tem em sua essência o desejo de ensinar os cursistas a construir histórias autorais, a despertar o olhar sensível e por meio dos conhecimentos específicos da linguagem cinematográfica, encontrando embasamento nas pesquisas de Adriana Fresquet, Alain Bergala. Por esse motivo, não exigimos no curso vídeos estritamente pedagógicos. Porém, o *fazer* audiovisual, no curso ou na escola, já traz em si uma intencionalidade pedagógica, que é a finalidade da Educação Básica. Então, quais são as intencionalidades desses despertares?

Na sua tese de doutorado sobre a Educação Audiovisual Popular, Moira Toledo apresenta uma análise quantitativa e qualitativa dos discursos das entidades pesquisadas, buscando padrões discursivos que pudessem esclarecer as intencionalidades e “que habilidades o ensino audiovisual pode ajudar a despertar? (CIRELLO, 2010, p. 92)”. A pesquisa indica quatro macrocategorias de habilidades e aprendizados, no escopo dos objetivos gerais: *sociais, emocionais, intelectuais e específicos da área audiovisual*.

Em resumo, são apresentadas as habilidades e aprendizagens *sociais* que dizem respeito a aprender a trabalhar em equipe e colaborativamente, com tolerância, autonomia, harmonia, engajamento. As *Intelectuais*, para sistematizar e autogerir o repertório, aprendendo a observar, organizar/sintetizar, conceituar, analisar, ampliar expressar-se, sobre os conhecimentos adquiridos. As *Emocionais* tratam sobre autoconhecimento, autoestima, desenvoltura e confiança nas próprias potencialidades e na potencialidade do coletivo. Por fim, os *específicos* ligados aos conhecimentos conceituais, teóricos e práticos do audiovisual, linguagem, história, repertório (CIRELLO, 2010, p. 93-95).

Pensando as macrocategorias, retomo a pergunta: para que serve o ensino do audiovisual na escola? Para despertar habilidades e aprendizagens que vão ao encontro de uma formação integral. Formação Integral que perpassa pelos Fundamentos Teóricos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, bem como do Currículo em Movimento da Educação Básica da SEEDF e que se traduzem nos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento das áreas do conhecimento e dos componentes curriculares.

De acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica da SEEDF, a integralidade:

[...] deve ser entendida a partir da formação integral de crianças, adolescentes e jovens, buscando dar a devida atenção para todas as dimensões humanas, com equilíbrio entre os aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais. Esse processo formativo deve considerar que a aprendizagem se dá ao longo da vida (crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendem o tempo todo), por meio de práticas educativas associadas a diversas áreas do conhecimento, tais como cultura, artes, esporte, lazer, informática, entre outras, visando ao pleno desenvolvimento das potencialidades humanas (SEEDF, 2013, p. 28).

A partir das aprendizagens gerais apresentadas, sob a perspectiva da formação integral do aluno, cada cursista elabora seu projeto audiovisual na escola. E com base nos documentos oficiais, imprime as intencionalidades pedagógicas, fazendo as devidas adequações didáticas para cada etapa e modalidade de ensino.

Portanto, apesar das diferentes abordagens sobre cinema e educação, nas pesquisas de Adriana Fresquet e de Moira Toledo, ambas dialogam com as características do curso. Essas

perspectivas podem contribuir para ampliar os referenciais teórico-metodológicos para melhor embasar a proposta pedagógica do curso ou em outras formações. Suas abordagens podem ser observadas nos próximos capítulos, nas estratégias pedagógicas, nas entrevistas, nas citações e nos curtas.

2.4 PROPOSTA PEDAGÓGICA E AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS DO CURSO

“Nos caminhos do Audiovisual” desenvolveu uma proposta pedagógica base a fim de promover a educação audiovisual nas escolas. Para sistematizar e sequenciar as ações da formação, bem como pontuar os ajustes didáticos/metodológicos, propus um recorte no calendário anual. Aparecem no texto deste subcapítulo os seguintes tópicos em ordem cronológica: *Elaboração e Execução do Projeto-Piloto - 2014; Nos Caminhos do Audiovisual - Ficção - 2015 a 2017; Nos Caminhos do Audiovisual: Novas Trilhas - Ficção e Não ficção (Documentário) - 2018 a 2019*, de acordo com as mudanças que foram necessárias ao longo das seis edições.

Passamos, então, a delimitar, analisar e refletir sobre um dos objetivos específicos dessa pesquisa, que é o de sistematizar as ações pedagógicas desenvolvidas, para que possam ser avaliadas e aplicadas em outras ações de formação. Foi possível, dessa forma, descrever a práxis e os contextos de atividades significativas realizadas dentro dos recortes referidos acima, mantendo o interesse nos processos formativos continuados e na premissa da *iniciação* dos cursistas na linguagem audiovisual.

2.4.1 Elaboração e execução do Projeto-Piloto - 2014

O projeto-piloto do curso surge em meio ao movimento de mudanças que aconteciam no âmbito do Canal E, que buscava romper com o caráter originário de TV Educativa para gestar e gerir a Educação Audiovisual na Secretaria. A formação continuada de professores torna-se um dos eixos centrais do projeto político pedagógico da Gerência, somando-se ao estímulo ao protagonismo (de estudantes e professores) e a produção de conteúdos audiovisuais.

Um grupo ficou responsável por elaborar a proposta do curso em conformidade com as diretrizes da EAPE. A ideia inicial era que todos os profissionais pudessem ministrar as aulas dos conteúdos que se relacionavam com as funções que exerciam na produção, redação (roteiro, direção), técnica (captação, edição, design). Ao longo do primeiro semestre, o projeto foi experimentado coletivamente no Canal E, para dar mais unicidade e segurança para um trabalho

pioneiro, coletivo, que seria realizado por profissionais de diferentes perfis profissiográficos, entre carreira magistério e demais carreiras que compunham a equipe de cinegrafistas, editores, designer. A primeira aula aconteceu em 11 de agosto de 2014, certificação de 60h, com 12 concluintes.

Nesse ano, colaborei na produção de um vídeo sobre o curso, e só em 2015 que passo a integrar a equipe de formadores (grupo focal da pesquisa). O vídeo foi exibido no último dia de aula e usado como propaganda para novas inscrições do ano seguinte. Também foi produzida uma reportagem para o programa Canal E Notícias.

As estratégias usadas baseavam-se na exibição e apreciação de filmes que contemplassem os conteúdos da aula, pontuados em slides e textos para discussões e análise sobre a construção da linguagem cinematográfica. Outra estratégia era a proposição de práticas audiovisuais relativas aos temas, para a criação de curtas-metragens, desde a construção do roteiro até a finalização.

Uma das atividades práticas, por exemplo, era a confecção do clássico *flipbook*, um livrinho que os cursistas desenhavam que, quando manuseado rapidamente, criava uma imagem em movimento, uma pequena animação.

Para compreender a dimensão do trabalho pedagógico realizado, apresento o texto da primeira ementa do curso. Ela é um resumo da proposta pedagógica apresentada aos professores no ato da inscrição, para terem ciência do que se tratava a formação. É importante visualizar o documento, pois nele estão os pressupostos teóricos, os objetivos, a justificativa, os procedimentos/conteúdos e a forma de avaliação que permaneceram no escopo dos próximos anos.

Quadro 1 – Quadro da Proposta Pedagógica “Nos Caminhos do Audiovisual”

Nos Caminhos do Audiovisual	
Parceria: EAPE (Escola de Formação dos Profissionais da Educação) e COMIED (Coordenação de Mídias Educacionais – CANAL E)	
Carga Horária: 60 horas (vespertino) / 3 horas por encontro	
	Presencial (x)
Carga horária direta	39 horas
Carga horária indireta:	21 horas
Carga horária total do curso	60 horas

Objetivo geral do curso:

- Produzir audiovisuais que sirvam de recursos educativos, estimulando a autoria e a transversalidade das mídias audiovisuais na construção do conhecimento em sala de aula e fora dela.

Fundamentação teórica:

A fundamentação do curso NOS CAMINHOS DO AUDIOVISUAL sustenta-se em um diálogo entre teorias norteadoras do audiovisual e o *Currículo em Movimento da Educação Básica* (SEEDF) lançado em fevereiro de 2014, já que o propósito é, por meio do audiovisual, pensar em uma educação para a diversidade, para a cidadania, para os direitos humanos e para a sustentabilidade. Ou seja, conforme apresentado no 1º parágrafo da página 17:

“Na perspectiva de Currículo em movimento, precisamos estar dispostos a questionar nossos saberes e nossas práticas pedagógicas; a discutir a função social da escola e o aligeiramento dos saberes; a romper com a concepção conservadora de ciência e currículo e de fragmentação do conhecimento; a reinventar-nos, compreendendo que a educação é construção coletiva”.

Desse modo, ao pensar que a educação é uma prática social que une os homens entre si em torno do direito de aprender e da conquista da cidadania, o curso NOS CAMINHOS DO AUDIOVISUAL abre espaço para uma discussão e uma vivência em sala de aula e fora dela para que o estudante possa entender-se como um ser integral. Ou seja, o audiovisual, enquanto instrumento pedagógico, pode dar vez e voz para que o sujeito interfira no destino da educação e a escola possa ser uma arena de saberes e de reflexão permanente para que todos os sujeitos possam se apropriar da cultura, dialogar, interagir com os diferentes, enfim, ganhar visibilidade e se fazer valer como cidadão na esfera pública. Com o audiovisual em uma perspectiva pedagógica, o estudante pode se apropriar de novos conhecimentos, desenvolver o senso crítico e se favorecer com uma autonomia intelectual.

Justificativa:

A Gerência de TV Educativa - Canal E, criada desde agosto de 1996, tornou-se um centro de referência de pesquisa e de produção de programas educacionais e de cultura com um olhar inovador, crítico, responsável e criativo. Assim, realiza programas de televisão e vídeos educativos que suscitam o debate e o aperfeiçoamento intelectual dos educadores, e proporciona aos estudantes um caminho privilegiado para a formação do sujeito por meio da participação deles nos programas e por disponibilizar um recurso pedagógico mais dinâmico e moderno.

O Canal E veicula seus programas no Portal da Secretaria de Educação do Distrito Federal, no YouTube, na TV Comunitária, nas redes sociais, divulga notícias sobre educação na Rádio Cultura 100,9 FM e concede para empréstimo e/ou aquisição os programas da Videoteca, da Coordenação de

Tecnologias Educacionais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF. Sua infraestrutura é dotada de um parque técnico de televisão e uma equipe de profissionais da educação que, por afinidade com os recursos de multimídia, desenvolveram a capacidade de operacionalizar os recursos necessários à produção audiovisual.

A partir do que foi declarado e em diálogo com os profissionais do Canal, surgiu este projeto que visa promover a formação dos educadores na produção de audiovisuais educativos e oportunizar aos estudantes um contato sistematizado com essa ferramenta. Desse modo, proporcionar o conceito de autoria, cooperação, trabalho em equipe e apropriação das linguagens e dos programas tecnológicos. Assim, os códigos audiovisuais podem fortalecer o processo de ensino/aprendizagem, nas expressões e nas manifestações culturais, dos sujeitos da educação e dos espaços educativos.

Nesse contexto, à Educação atribui-se o desafio não só de explorar as possibilidades que as novas tecnologias criaram, mas, parafraseando Paulo Freire, de reconhecer, no universo cultural dos jovens e nas telas audiovisuais que fazem parte do seu cotidiano, novos modos de ler (conhecer) o mundo e de escrevê-lo (transformá-lo). A Escola, os projetos, as ações pedagógicas se tornam mediadores socioculturais nos processos de apropriação da linguagem audiovisual e usos de diferentes suportes para a criação, expressão e comunicação.

Objetivos de aprendizagem:

- Compreender o processo de elaboração de um audiovisual e suas diferentes etapas.
- Possibilitar o trabalho colaborativo, o pensamento, a criação e a relação com a tecnologia dos gestores e educadores das escolas públicas do DF.
- Estimular a produção autoral do educador.
- Proporcionar uma maior aproximação entre os diferentes segmentos da SEEDF e o Canal E.

Procedimentos:

A formação obedecerá ao seguinte formato: Estudos coletivos, às segundas-feiras, conforme cronograma, em que os profissionais da educação discutirão temas e realizarão atividades relacionadas ao audiovisual no fazer pedagógico, norteadas por três eixos temáticos: a) Pré-produção; b) Produção; c) Pós-produção.

Conteúdos e Cronograma do curso:

PROGRAMAÇÃO		
Data		Estudos Coletivos
Nº	Segunda-Feira Vesp.	Temas
1	11/08	O que é o audiovisual? (Olhares pedagógicos para as mídias).

2	18/08	O que é o audiovisual? (Olhares pedagógicos para as mídias).
3	25/08	Ideia e roteiro em um caráter pedagógico.
4	01/09	Ideia e roteiro em um caráter pedagógico.
5	08/09	Pré-produção – Introdução (Explicar a direção, a produção/ captação de imagem, som e luz).
6	15/09	Pré-produção – Planejamento e trabalho da equipe de produção (datas, locais, equipamentos, cenário, atores, pessoas entrevistadas, pessoas trabalhando, figurinos, autorizações).
7	22/09	Produção – Câmera/ imagem (teoria e prática).
8	29/09	Produção – Câmera/ imagem (teoria e prática).
9	06/10	Pós-produção – Edição e montagem dos vídeos produzidos pelos cursistas.
10	13/10	Pós-produção – Edição e montagem dos vídeos produzidos pelos cursistas.
11	20/10	Pós-produção – Edição e montagem dos vídeos produzidos pelos cursistas e pós-produção
12	27/10	Atendimento aos cursistas (Pré-avaliação dos vídeos)
13	03/11	Pós-produção: Mostra “ <i>Nos Caminhos do Audiovisual</i> ”, avaliação e finalização do curso.

Avaliação:

- Participação e frequência ao longo do curso.
- Produção de um vídeo de no máximo 5 minutos que será apresentado ao final do curso na Mostra “*Nos Caminhos do Audiovisual*”. Temática a definir com os cursistas a partir de uma perspectiva pedagógica.

Fonte: Adaptado da Proposta Pedagógica de 2014

Filmes Produzidos em 2014

Finalizar o curso com a mostra dos vídeos realizados é a síntese do processo da formação, com todas as potencialidades, limites e percalços enfrentados. Ter um curta-metragem pronto faz parte da avaliação dos cursistas, mas as diferentes aprendizagens geradas na sua feitura, como discutir um tema coletivamente, estar disponível para ouvir opiniões diferentes, compreender que um roteiro fílmico se constrói por meio da imagem e do som em movimento e não uma escrita literária, escolher os planos/enquadramentos para contar a história, reconstruí-la na edição e discutir a dimensão ética e política do filme – aspectos que

mais interessam aos envolvidos. Um processo de aprendizagem constante no exercício entre teoria e prática ao criar um audiovisual.

Nessa primeira edição foram produzidos dois filmes: “Violência Cotidiana, uma Perspectiva Escolar” e “Primeiro Dia”, que tratam temas vivenciados na escola. Apesar do pouco tempo para realizar o filme e não ter equipamentos mais adequados para a captação do áudio, nota-se o emprego do uso da linguagem cinematográfica nos planos, na trilha sonora, no roteiro.

“Violência Cotidiana, uma Perspectiva Escolar” é um "documentário que traz o depoimento de professoras e gestoras. O filme fala sobre as violências físicas e simbólicas que chegam às salas de aula, atingindo toda a comunidade escolar.

“Primeiro Dia”, conta a história de um professor recém concursado e idealista que, ao participar do conturbado Conselho de Classe, encara a difícil realidade da escola pública.

Fotografia 5 - Exercício prático de captação



Fonte: Acervo Canal E, 2014

Fotografia 6 - Elaboração dos roteiros dos filmes



Fonte: Acervo Canal E, 2014

Para finalizar, a participação de um cursista cego nessa edição nos fez refletir sobre a dificuldade e a necessidade de dar acessibilidade aos nossos trabalhos. Para ajudar na inclusão do cursista, a professora Karla fazia a audiodescrição dos filmes e de outras atividades, na medida do possível. No ano de 2018, recebemos uma professora surda que participou do curso com uma colega professora e intérprete, ambas da Escola Bilíngue de Taguatinga, juntas realizaram 2 curtas com essa temática. Passamos a incentivar que os curtas tivessem a legendagem descritiva, prevista no Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Avaliação do Projeto Piloto

Para subsidiar o trabalho, são realizadas avaliações processuais e finais. Os formulários são desenvolvidos pela EAPE e todos os cursos orientados a realizá-los. Com 7 perguntas entre objetivas e subjetivas: (1) Avaliação em Processo, (2) Autoavaliação, (3) Avaliação do Formador, (4) O Curso está contribuindo para a melhoria do trabalho Que Você Desenvolve? Comente Sua Resposta, (5) Organização do Trabalho Pedagógico, (6) Espaço Físico, (7) Há Sugestões para a melhoria do curso?

Respondida por 11 cursistas, destaco nos slides, duas questões que também são objeto da minha pesquisa.

Quadro 2 – Slide da Avaliação dos Cursistas

4) O CURSO CONTRIBUIU PARA A MELHORIA DO TRABALHO QUE VOCÊ DESENVOLVE? EM CASO POSITIVO OU NEGATIVO, JUSTIFIQUE;

Sim,
Ao longo do curso tive um aporte de conhecimentos e técnicas que já contribuem e contribuirão para as minhas propostas didáticas em sala de aula. A realização do curso estimulou a utilização do audiovisual nas atividades da escola e facilitou o uso da linguagem e das ferramentas. Também foi importante para mostrar que existe um grande potencial pedagógico em se trabalhar com o audiovisual na sala de aula e que não há segredo nisso, é botar no planejamento e fazer!

Sim, na medida do possível, visto que a escola em que trabalho atende a uma faixa etária muito baixa, zero a cinco anos, dificultando, assim, ao desenvolvimento de atividades específicas para toda a escola.

Sim. Possibilitou que eu também orientasse outros colegas, que realizaram atividades com vídeos.

Estou muito feliz em ter participado do curso caminhos audiovisual, onde o curso contribuiu em minha vida profissional e pessoal, antes não tinha noção de audiovisual. Hoje já aprendia planejar um roteiro de filmagem. e gostaria de participar novamente de outro curso para aperfeiçoamento.

Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF, 2014.

O slide abaixo apresenta a 7ª pergunta da avaliação final do curso. “Há sugestão para melhoria do curso? Quais? (cursistas)”

Quadro 3 - Slide da avaliação dos cursistas

Manusear mais o programa de gravação em sala com mais aulas.

Maior carga horária.

*Ampliação da carga horária para 180h;
*Implantação de um ambiente virtual de aprendizagem para permitir a comunicação entre os envolvidos no curso- alunos e professores- durante as horas indiretas;
*Escolha de uma sala com acesso a internet;
*Elaboração de material complementar/biblioteca sobre os temas abordados nas aulas.

Parabéns pela iniciativa do curso! A formação foi oferecida de forma exemplar e torço para que continue!

Propor mais prática, principalmente, no que concerne à apresentação do básico antes de propor o mais complexo. A parte técnica precisa de uma base maior vinculada à prática.

Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF, 2014.

Com base nas respostas dos cursistas, o Canal E realizou uma reunião coletiva para a avaliação do trabalho que foi desenvolvido ao longo do curso apontando os pontos positivos, as limitações e sugestões para melhoria. Observando e refletindo sobre o questionário preenchido pelos cursistas é possível notar que muitas das respostas também foram questões levantadas pela equipe como o pouco tempo para a realização dos filmes e apreensão dos conteúdos, havendo a necessidade de uma carga horária maior.

Destaco na tabela alguns pontos levantados pelo Canal E, no dia da reunião (Documento interno, GMIP-SEEDF, 2014):

Quadro 4 – Avaliação geral do curso realizada pelo Canal E

Pontos positivos	Limitações	Sugestões de melhoria feitas
<ul style="list-style-type: none"> - O Canal teve a oportunidade de dialogar com o professor sobre apropriação do audiovisual e de trabalhar a política do audiovisual. Esse deve ser um dos objetivos do Canal, o de ser um norte para as escolas e professores que estão produzindo o audiovisual; - Relacionamento da equipe do Canal E com os cursistas; - A construção coletiva do curso foi rica, porque pudemos avaliar o nosso próprio conhecimento, apesar de algumas pessoas não terem compreendido o processo; - O Canal E adquiriu um perfil mais pedagógico. A discussão do nosso próprio trabalho, o fato dos profissionais do Canal se ouvirem enriqueceu o trabalho e o processo pedagógico do Curso; - O curso deixou claro o quanto a nossa prática é profissional. Nós somos capazes de produzir vídeos com muita qualidade pelo tempo de prática que temos e o curso deixou transparecer esse fator; - A avaliação positiva do curso (organização, aulas, instrutores etc.) feita pelos cursistas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Faltou um pouco mais de comunicação entre os grupos, para que uma aula se conectasse com a outra. Também faltou à coordenação fazer esse papel; - Alguns conteúdos do curso precisam de um tempo maior de aula; nem todos os alunos vivenciaram todas as partes práticas do curso; - O tempo para elaboração do vídeo final do curso foi curto; - Algumas aulas ficaram num nível avançado, quando era para ser um curso básico e, isso, acabou também confundindo um pouco pelo curto tempo do curso; - A avaliação dos cursistas foi mais baixa nos quesitos ambiente do curso e tempo para as aulas práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - A carga horária precisa ser mais bem distribuída; - Precisa de mais tempo para a teoria, a produção e a prática; precisa de um tempo maior para a edição; - Os grupos de cursistas podem ser mais bem acompanhados pela equipe do Canal E, nos trabalhos práticos; - Utilização da plataforma moodle para que os alunos façam exercícios individuais e possam ter acompanhamento extraclasse; fazer parcerias com a Coordenação de Ensino à Distância; - Trazer os cursistas para o Canal. Seja para conhecer ou averiguar se conseguimos oferecer condições para que algumas aulas sejam ministradas no Canal; - Decidir os conteúdos que se adequam a um curso básico, inclusive se na prática vai entrar documentário e ficção, ou somente ficção; - Incluir vídeos e programas do Canal no material pedagógico e nas aulas do curso; - Na avaliação dos cursistas precisa melhorar o ambiente onde o curso ocorreu e necessita maior número de aulas, além de atenção maior às aulas práticas.

Fonte: Adaptado da avaliação geral, documento interno, GMIP-SEEDF, 2014.

A avaliação coletiva contribuiu para o reconhecimento da relevância da posição do Canal E, como equipe que geria e executava a política de audiovisual de forma institucional.

Também, possibilitou reafirmar a qualidade técnica e pedagógica que cada profissional adquiriu ao longo dos anos dedicados à gerência, postos à prova na sistematização da formação. Assim, proporcionou outras perspectivas e olhares para sua proposta política pedagógica, implicando novas ações e produções como o Festival de Curtas.

Das propostas de ação para o ano seguinte, os principais pontos foram “montar um grupo específico para o curso”, estender para “180 h o curso Nos Caminhos do Audiovisual”, criar o “Festival de Curtas no 2º semestre”, realizar “oficinas ao longo do ano (de acordo com a demanda)”. Nesse momento, a Política de Educação Audiovisual começa a ser vislumbrada, mas só é instituída em 2018, conforme já descrito no capítulo 1.

Portanto, a conclusão à qual a equipe chegou sobre o curso era muito positiva para o Canal E, porém para a continuidade dessa ação era necessária a designação de um grupo específico para a sua execução. Foi assim que se constituiu o grupo de formadores composto por mim, pelo Paulo Duro Moraes e o Gleison Cardozo, juntamente com a Karla Calasans, que já era a coordenadora pedagógica, ficando à frente do curso a partir de 2015. Esse é o “grupo focal” que colabora de forma coletiva e participante da pesquisa que será apresentada no capítulo 3. Os demais passaram a participar em momentos específicos das aulas, dentro das suas especificidades.

O grupo de formadores reuniu-se ainda em novembro, para adequar a nova proposta pedagógica para ser aprovada ainda no final de 2014.

A mudança significativa aconteceu na carga horária total que passou de 60h para 180h, distribuídas em horas diretas presenciais, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) na plataforma moodle da EAPE e nas indiretas, na modalidade híbrida. A carga horária de 2015 ficou assim dividida:

Quadro 5 – Carga horária do curso 2015

	Presencial (x)
Carga horária direta	75 horas
Carga horária AVA	72 horas
Carga horária indireta	33 horas
Carga horária total do curso	180 horas

Fonte: Adaptado da avaliação geral, documento interno, GMIP-SEEDF.

A expansão no número de horas, que também foi uma sugestão da própria EAPE, servia como um incentivo financeiro para que o professor pudesse usar a certificação para progressão na carreira e melhoria salarial na SEEDF: “A progressão vertical ocorre do padrão 1 até

o 25: a cada ano trabalhado, o(a) servidor(a) avança um padrão. A comprovação da realização de 180 horas de cursos de formação continuada a cada cinco anos faz avançar mais um padrão” (SEEDF, 2022).

Para que fossem cumpridas as 120 horas adicionadas, dentro do ano escolar, o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) passou a receber parte das ações de formação como as comunicações, os slides com os conteúdos, vídeos, fóruns de discussões e postagens das atividades dos cursistas. De 2015 a 2019, com a inserção do AVA, o *objetivo específico* “Fomentar a utilização das ferramentas do audiovisual no ambiente virtual” foi acrescentado. Elaborada, também, a Matriz do Designer Instrucional/Educacional (MDE), “o design instrucional é compreendido como o planejamento do ensino-aprendizagem, incluindo atividades, estratégias, sistemas de avaliação, métodos e materiais instrucionais (FILATRO, 2004)” para a criação do curso na plataforma. Para complementar o total de 180h, as horas indiretas eram reservadas para a produção dos curtas, como visitas às locações, ensaios, gravações etc.

O modelo do MDE apresenta uma tabela com colunas e linhas que servem de guia para a construção do ambiente virtual específico do curso. Nas colunas, os itens “Unidades e/ou módulos, Conteúdos, Objetivos, Atividades, Ferramentas, Avaliação e Duração/Período”. Nas linhas, as descrições de cada bloco de acordo com os temas/títulos de cada módulo

A imagem abaixo mostra a tela inicial do AVA já com o designer pronto, que era dividido em Ambientação, Pré-Produção, Produção e Pós-Produção.

Quadro 6 - Captura de tela AVA/EAPE



Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF.

Concluída a etapa de reformulação da proposta do curso, no ano seguinte o grupo de formadores começa as coordenações pedagógicas para a definição das estratégias teóricas e práticas que seriam desenvolvidas ao longo do ano.

2.4.2 Nos Caminhos do Audiovisual - Ficção - 2015 a 2017

Nas coordenações do curso para a definição da nova proposta, optamos por concentrar o trabalho nas narrativas ficcionais, no sentido de o cursista apreender a linguagem e experienciar o arco cinematográfico desse gênero.

Portanto, de 2015 a 2017, concentramos os trabalhos pedagógicos na produção de curtas de ficção, para a criação de histórias autorais que *afetassem* razão e emoção, que partissem das próprias vivências cotidianas e escolares.

Outro viés estratégico foi preparar o cursista para ser mediador nas suas escolas, incentivando-o a participar do Festival de Curtas, propiciando mais qualidade técnica às realizações e exposições.

Nesses 3 anos, a proposta pedagógica permaneceu basicamente a mesma do Projeto-Piloto, contudo, ampliados os tempos e os espaços de aprendizagem (AVA). Foi possível avançar nas estratégias didáticas, promovendo um aprofundamento dos conteúdos e a experimentação prática das diferentes etapas da construção fílmica.

Escolho a proposta pedagógica de 2017, que considero a que melhor descreve as atividades desenvolvidas, mostrando os conteúdos, temas, estratégias e filmes utilizados nas aulas presenciais e virtuais. O quadro geral do *Cronograma do Curso*, constitui-se de *Módulo (1, 2 e 3)*, *Conteúdo Geral (temáticas)*, *Conteúdos/estratégias e procedimentos de ensino (atividades presenciais)*, *Estratégias e procedimentos avaliativos (processuais e final-atividades AVA)* e *Período/ Carga horária (datas e horas aula)*.

Do quadro, faço recortes pontuais de algumas das *atividades presenciais* que se tornaram alicerces das aprendizagens teóricas e práticas realizadas nas cinco edições.

Ao descrever essas atividades, é importante considerar a articulação entre Cinema e Educação na sua dimensão pedagógica, com enfoque na *iniciação*, na experimentação audiovisual do cursista, para que “as escolas públicas sejam escolas de cinema, nas quais professores e alunos realizam filmes visando à incorporação do onírico, do imaginativo e do criativo” (FRESQUET, Apud Almeida, 2002, p.9), como propõe Adriana Fresquet. Cada ano modificávamos um pouco as estratégias, conforme o amadurecimento do curso e das avaliações dos anos anteriores.

As estratégias, também se inspiram na proposta triangular, apresentada pela pesquisadora Ana Mae Barbosa no fazer, na fruição e na contextualização artística, sempre articulados – atividades nas quais visionamos curtas, ou trechos de longas-metragens, estimulando as apreciações estéticas, as análises técnicas e a contextualização para enriquecer o debate. Além disso, propomos atividades de experimentação audiovisual trazendo para o fazer as leituras e releituras possíveis.

Por isso, entendemos que organizar didaticamente os conteúdos a partir das diferentes etapas da produção de um filme, *pré-produção, produção e pós-produção*, atendia de modo mais sistematizado os objetivos de aprendizagem do curso.

Didaticamente, as aulas estavam divididas em temáticas e norteadas por questões relativas a elas.

Quadro 7 - Proposta Pedagógica do curso “Ficção”

Temática/Conteúdo: Ficção		
1º módulo Pré-Produção	Apresentação da Linguagem Audiovisual:	<ul style="list-style-type: none"> · Como nascem as histórias? · Como contar as histórias por meio de imagem e som? · Exibição e análise das gravações.
	Princípios Básicos da Narrativa Audiovisual:	<ul style="list-style-type: none"> · Protagonista, Antagonista e Conflito. · A linha da história (<i>story line</i>). · Design em 5 partes
	Argumentos para Narrativas Audiovisuais:	<ul style="list-style-type: none"> · Uma boa história bem contada. · Roteiro.
	Aprendendo a fazer captação de imagem e som:	<ul style="list-style-type: none"> · Exercícios de captação de imagem e som.
2º módulo Produção	Preparação do curta:	<ul style="list-style-type: none"> · como nascem os filmes? · Chegou a hora! · Ação!
3º módulo Pós-Produção	Princípios da montagem:	<ul style="list-style-type: none"> · Montagem e Edição. · Finalização.
Sessão Pipoca		

Fonte: Adaptado da proposta, documento interno GMIP/SEEDF, 2017.

No *Primeiro Módulo – pré-produção* –, concentrava-se a parte mais conceitual do curso, necessária para a compreensão da linguagem cinematográfica. A primeira atividade prática tinha como objetivo conhecer os cursistas, fazer uma observação dos conhecimentos prévios do tema e introduzir as discussões sobre a linguagem. Para a atividade de *apresentação/boas-vindas/de estranhamento*, o cursista (1) escolhe um filme explicando *o que marcou e por quê?* (2) escreve uma narrativa/história questionando *Por que viraria um filme e como?*, (3) filmagem com celular da história em grupos e análise dos vídeos, (4) exibição de

um filme *Cego Estrangeiro*, 2014, e do curta “Deixe o Barro Secar” (**Apêndice A**), realizado na turma de 2016.

A pergunta 1 ajuda a conhecer a sensibilidade estética, as preferências pelos gêneros, as histórias por trás das escolhas, o repertório narrativo e fílmico, dentre outras observações preliminares. As atividades 2 e 3, escritas de uma história e da filmagem, propõem verificar que função o cursista pode exercer em um ‘set de cinema’ como a de roteirista, de cinegrafista, de produtor, de diretor. Observa-se como os grupos se articulam – as lideranças, os conciliadores, os criativos, os executores. Depois, analisam-se as gravações com o objetivo de falar sobre a construção de um roteiro, usando a linguagem audiovisual, reforçando escolhas “assertivas”, as que fazem sentido à cena, e as que poderiam ser acrescentadas ou descartadas. A atividade 4 é a visualização de um filme brasileiro que não tem imagem, roteiro contado por legenda e sons. O segundo, “Deixe o Barro Secar”, mostra que é possível criar um curta-metragem de qualidade nos meios educativos, com os recursos disponíveis.

Fotografia 7 - Processo edição da atividade



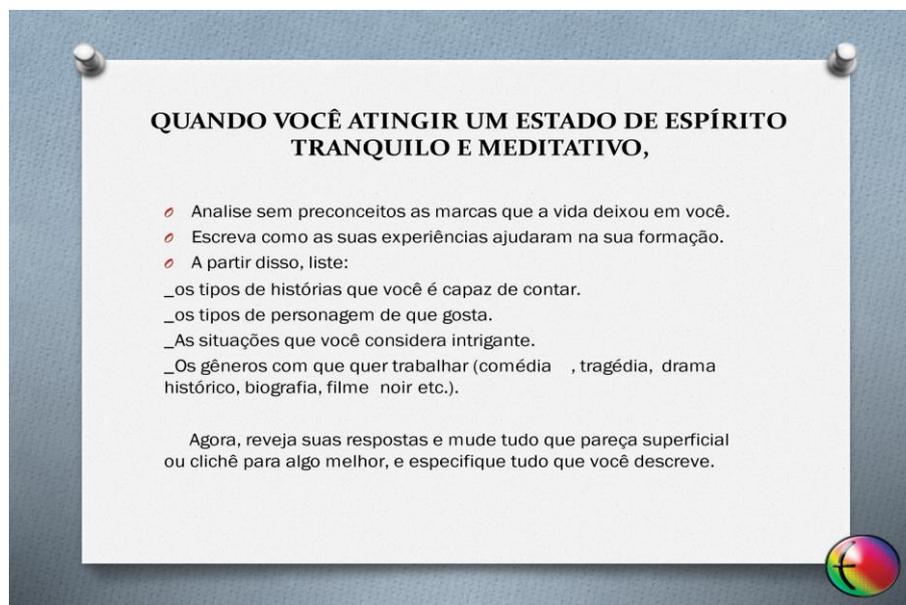
Fonte: Acervo Canal E, fotografia profa. Flávia Oliveira.

A temática *Apresentação da linguagem audiovisual: como nascem as histórias? Como contar as histórias por meio de imagem e som?* inicia a construção dos argumentos, das ideias, das histórias ou narrativas que se transformam nos curtas.

Solicitamos ao cursista que pense na questão dos *afetos* (já exposto nas considerações iniciais): O que te afeta? O que te causa impacto, incomoda ou tranquiliza, traz alegria?

Apresentamos um slide com pontos do capítulo Identidade Artística do diretor Michael Rabinger (RABINGER, 2007).

Quadro 8 – Slide “Identidade Artística”



Fonte: Adaptado do livro “Direção de Cinema”, documento interno GMIP/SEEDF, 2016.

Despertados para a criação de uma história autoral, passamos para a escrita dos roteiros com base nos *Princípios básicos da narrativa audiovisual - Protagonista, antagonista e conflito, a linha da história (a story line), o design da história.*

De uma maneira muito essencial, falamos sobre os princípios básicos da narrativa audiovisual, a partir desses 3 elementos que são:

- a) O protagonista – busca realizar o desejo;
- b) O antagonista – força contrária ao protagonista (desejo);
- c) O conflito – ações/reações geradas por essas duas forças.

Para esclarecer esses princípios, o curta-metragem *Doce Lembrança*, de 2016 (**Apêndice A**), foi a base de um estudo dirigido com 4 perguntas, realizado no AVA, e analisado em sala:

Quadro 9 – Estudo dirigido para construção de roteiro



Estudo dirigido - curta Doce Lembrança
por ADRIANA DO VALLE CORDEIRO - quinta, 4 mai 2017, 16:27

A partir dessa semana, vamos começar a falar sobre roteiro, e os princípios básicos da narrativa audiovisual. Então, para realizar o estudo dirigido, convidamos você para assistir ao curta Doce Lembrança, que foi produzido com a turma de 2016, e reler o que Doc Comparato fala a respeito da narrativa audiovisual para responder às questões que se seguem após o texto.

- **Ideia.** Um roteiro começa sempre a partir de uma ideia, de um fato, de um acontecimento que provoca no escritor a necessidade de relatar.
- **Conflito.** Mas a ideia audiovisual e dramática deve ser definida através de um conflito essencial. A este primeiro-conflito, que será a base do trabalho do roteirista, chamaremos conflito-matriz. Embora a ideia seja algo de abstrato, o conflito matriz deve ser concretizado por meio de palavras. Começa aqui o trabalho de escrever: fazemos um esboço e começamos a imaginar a história, tendo como ponto de partida uma frase a que chamamos *story line*. Assim *story line* é a condensação do nosso conflito básico cristalizado em palavras.
- **Personagens.** Chegou o momento de pensar em quem vai viver esse conflito básico: claro está, criar as personagens. O desenvolvimento da personagem faz-se através da elaboração do argumento ou sinopse. Nesta fase começaremos a desenhar as personagens e a localizar a história no tempo e no espaço: a história começa aqui, passa por ali e acaba assim.
- **Ação dramática.** Na quarta etapa, construímos a ação dramática, isto é, a maneira como vamos contar esse conflito básico, vivido por aqueles seres chamados personagens. Ao o que, quem, onde e quando, juntamos o como. De que maneira vamos contar essa história. A isto chama-se ação dramática.
- **Na sinopse é fundamental a descrição do caráter das personagens principais.** Por outras palavras, a sinopse é o reino da personagem. É ela quem vai viver essa história, onde e quando a situamos.

Questões: 1. Qual é a ideia do curta? 2. Qual o conflito(s) da história? 3. Descreva as personagens principais e qual seu papel na trama (protagonista e antagonista)? 4. Qual é a ação dramática? Como a história foi contada?

Fonte: Adaptado do AVA/EAPE, documento interno, GMIP-SEEDF.

Fotografia 8 – Gravação do curta “Doce Lembrança”



Fonte: Acervo Canal E, 2016.

Selecionei algumas respostas dos cursistas para a atividade, importante para entender os 3 elementos da narrativa e o *design* em 5 partes que falaremos posteriormente.

1. Qual é a ideia do curta? O curta parece querer retomar à uma experiência vivida na infância e que foi marcante: a corrida pelos doces no dia de São Cosme e Damião. Onde a expectativa de conseguir mais doces do que seus amigos se misturavam com o medo da mãe brigar, das relações religiosas presentes e a sensação de compartilhar a amizade. Porém, uma experiência que trazia no fundo a alegria de ter vivido um dos momentos mais importantes da vida que é a infância. Como o próprio Zeca afirmar: "Mãe eu conheci tanta coisa, tanta gente!"
2. Qual o conflito da história? O conflito entre obedecer a mãe - e perder a oportunidade de algo que acontece uma vez por ano, ou desobedecê-la e poder partilhar esses momentos com os amigos.
3. Descreva as personagens principais e qual seu papel na trama (protagonista e antagonista)? Protagonista: Zeca, menino que está de castigo e foge. Mas para ele é uma causa nobre! Antagonista: A Mãe do Zeca que apesar de ser devota de São Cosme e Damião...Não queria que ele fosse, pois, ele aprontou alguma e estava de castigo!
4. Qual é a ação dramática? Como a história foi contada? Entendi que a ação dramática é a fuga do Zeca, mesmo ele sabendo que iria sofrer mais punições pela atitude. O curta retrata essa vontade do protagonista em aproveitar o momento ao máximo, pois afinal uma hora ele teria que voltar pra casa. Ele ainda acaba se apoiando na esperança de que, por ele ter se divertido, ganhado doces e conhecido muitas pessoas e coisas novas, a mãe aliviaria o castigo.

Depois de compreender esses elementos, o *Conflito* ganha destaque na aula, pois é ele a base do drama e das narrativas clássicas. Para essa análise, exibimos o curta brasileiro, “Rua da Amargura”, de Rafael Conde, 2003. A ficção apresenta o(s) conflito(s) de uma maneira direta e de fácil identificação. Conta a saga de dois irmãos que tentam pagar dívidas propondo

arrancar os dentes de ouro do pai, sem a anuência da irmã, movimentando a história em torno desse conflito:

O conflito é o próprio motor que impele a história adiante; ele fornece movimento e energia à história. Sem o conflito, o público permanece indiferente aos acontecimentos mostrados na tela. Sem conflito, o filme não deslança. Conflito é fundamental” (HOWARD, MABLEY, 1996, p.82).

Seguindo as estratégias para a escrita das histórias, três atividades são realizadas a fim de dar os primeiros passos para a concretização do roteiro: a escrita da *story line*, o *design em cinco partes* e o *pitching*. A partir das ideias iniciais, o cursista escreve a *Story line* (linha da história), um termo usado para designar o conflito matriz de uma história, de maneira sucinta em até 6 linhas. Deve englobar o essencial da história que é a apresentação do conflito, o desenvolvimento do conflito e a solução para o conflito, com início, meio e fim. A linha da história apresentada busca responder: Qual é o conflito? Quais são as possibilidades dramáticas? Qual é a “tese”? Qual a resolução? Antes de virar o curta “Doce Lembrança”, o roteirista-cursista, apresentou a sua linha da história no fórum da atividade *Story Line*:

Quadro 10 - Captura de tela da atividade *Story Line*

Re: **Story line**
por WILLIAM CARSON MENDES - sexta, 29 abr 2016, 12:02

Ideia: identidade brasileira.
Tema: sincretismo religioso.

Menino sai escondido de casa para pegar doces de Cosme e Damião, junto com dois amigos que moram na vizinhança. Percorre o bairro atrás de doces e vive um dia cheio de novas emoções e experiências. Na volta para casa, todo sujo e com alguns arranhões, está com uma sacola cheia de doces e o coração apertado de medo da reação dos pais. Depois de levar a maior bronca vai dormir de castigo, mas feliz.

[Link direto](#) [Mostrar principal](#) [Editar](#) [Separar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Fonte: Adaptado do AVA/EAPE, documento interno, GMIP-SEEDF.

Story line escrita, hora de desenhar, descrever, essa história com as personagens, suas ações, a localização no tempo e no espaço. Uma escolha didática foi trazer a experiência do roteirista Robert Mckee como base para o exercício de uma escrita linear, sequencial, cronológica, para facilitar a compreensão do arco da narrativa dramática. Para Mckee, uma: “estória é um design em 5 partes: O *Incidente Incitante*, o primeiro grande evento da narrativa, é a causa primária de tudo o que se segue, colocando os outros quatro elementos - *Complicações Progressivas*, *Crise*, *Clímax* e *Resolução* – em movimento” (grifos do autor, MCKEE, 2006, p. 200).

De uma maneira bem simplificada, no *design em 5 partes*, temos o protagonista que busca realizar o *desejo*; o antagonista - força contrária e o conflito. No curta “Doce Lembrança”, o desejo de Zeca é buscar pelos doces de Cosme e Damião, mas ele está de castigo. Os amigos gêmeos insistem e ele foge pela janela. Esse é o *incidente incitante*, o evento que coloca o protagonista em *ação*. As *Complicações progressivas* são os eventos que acontecem que são antagônicos, ou que dificultam a ação da personagem, como pular a janela de casa, filas para pegar os doces. A *crise* é uma decisão, o dilema a ser enfrentado, Zeca precisa voltar para casa e enfrentar a bronca da mãe. *Clímax* quando chega em casa e a mãe, brava, toma os doces e manda ele para o quarto. A *Resolução*, deitado na cama, ainda de castigo, descobre um doce no seu bolso. Nem sempre o desejo da personagem é alcançado na *resolução* (do conflito). Porém, na cinematografia, é importante que ao final, o protagonista volte ‘transformado’ dessa experiência. Zeca conheceu pessoas, vivenciou o sincretismo religioso, enfim volta para casa cheio de doces lembranças.

Ainda sobre o *design em 5 partes* para a escrita do roteiro, exibimos o curta-metragem brasileiro “Meu Nietzsche”, de Fáuston da Silva, 2002:

A trama mostra o improvável encontro entre o menino Lucas e o filósofo alemão Friedrich Nietzsche. A magia da leitura provoca uma violenta revolução na mente do jovem, em sua família e na sociedade. Ao final, ele não será mais um garoto: será uma dinamite.

A escolha se deu pela discussão filosófica e pedagógica que o filme traz, mas também, por apresentar de forma linear e simples a estrutura da narrativa (*o design em 5 partes*) e as escolhas técnicas e estéticas do diretor.

Na temática *Uma história bem contada*, retomamos o curta para falar do roteiro técnico e da direção, analisando cena a cena, para o cursista se familiarizar com termos técnicos, como no exemplo abaixo:

Quadro 11 – Slide sobre roteiro técnico do filme “Meu Amigo Nietzsche”



Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF, 2016.

Passamos da escrita das *story lines* e as prévias do *design em 5 partes* para a atividade do *Pitching*. “Antes de mais nada, *pitching* é uma defesa oral rápida e objetiva com o intuito de vender o seu filme para investidores. Ou seja, nele você vai precisar apresentar a história e a infraestrutura necessária para endossar a sua criação”. Os “investidores” são os próprios cursistas.

É um dia especial, onde os cursistas apresentam suas histórias podendo usar músicas, imagens, slides para convencer os demais colegas a escolher a sua história para ser filmada. Uma prática potente de debate onde são esclarecidos ou reavaliados pontos do argumento apresentado. É também a possibilidade de aproximar as histórias escritas, individualmente, de todo o grupo para que o próximo passo, a sala de roteiristas, seja montada de acordo com a identificação dos cursistas com as narrativas. Por meio de votação sigilosa, depois de eleitas as histórias, os cursistas escolhem aquelas que querem integrar estabelecendo os grupos dos curtas.

Com os grupos constituídos, fazemos uma prática que denominamos de *Sala de Roteiristas*. A partir desse momento, a história passa a ser construída coletivamente e o exercício proposto é a criação do *design em 5 partes*, das histórias escolhidas. É um dos momentos mais ricos de toda a formação, são geradas muitas reflexões sobre os personagens, suas ações e conflitos e principalmente discussões filosóficas sobre os temas apresentados, debates dos objetivos pedagógicos, ou não, do curta e o público a ser atingido. Não somente a dimensão técnica e estética, mas também ética são postos à prova do coletivo. Embates até

chegar a um núcleo comum para o roteiro do filme. Esse resultado será novamente posto à prova nas gravações e na montagem, porque ele não se encerra no roteiro.

Fotografia 9 – Atividade “Sala de Roteiristas”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

Enquanto os grupos vão trabalhando as histórias dos curtas, o curso segue para uma etapa fundamental que é transformar essas *story lines*, *o design em 5 partes*, em filmes. É a fase de transformar uma história que se lê em um roteiro naquele que se vê, que será ‘rodado’, usando a linguagem cinematográfica com planos, em enquadramentos, trilhas, ruídos, ações, locações, cores, luzes, diálogos, montagem. Inicia-se, assim, a elaboração do roteiro técnico, temática do conteúdo *Argumentos para narrativas audiovisuais: uma boa história bem contada e a estrutura do roteiro*.

Uma estória bem contada é uma unidade sinfônica na qual estrutura, ambiente, personagem, gênero e ideia se fundem. Para descobrir sua harmonia, o roteirista deve estudar os elementos da estória como instrumentos de uma orquestra – primeiro, separadamente, depois, em concerto. (Mckee, 2006. p.41)

Entendemos que o roteiro é o que principia e organiza todas as demais etapas da produção e da pós-produção, por isso o tempo maior dedicado à sua escrita, ainda na pré-produção e durante quase todo o primeiro semestre. Em 2015 e 2016, exigíamos a entrega do roteiro baseado em um formato tradicional com cabeçalho, as ações e os diálogos. Com a experiência, percebemos que o tempo do professor, com todas as exigências profissionais que já tinha na escola, a escrita de um roteiro engessado ou muito técnico era difícil ser cumprido. E não fazia muito sentido, pois nem sempre seria possível exigir essa escrita do aluno. Optamos

pela escaleta ou um esqueleto que estruturasse as ações da cena, as locações, personagens, com início, meio e fim da história. Para as aulas de direção, a escaleta era usada para pensar no posicionamento da câmera, na estética do filme, enfim, o roteiro técnico, a forma de contar a história. Não era objetivo que o professor virasse um exímio roteirista ou diretor, mas que compreendesse que a linguagem audiovisual é construída no ligar e desligar da câmera. Ainda assim, sempre apresentávamos o modelo tradicional como forma de conhecimento dessa estrutura mais comercial.

Em “O Sapato” (**Apêndice A**), curta realizado no curso de 2015, mostra o exemplo de um roteiro já com indicações da decupagem do diretor (roteiro técnico)

Quadro 12 – Roteiro técnico do curta “O sapato”

O SAPATO (EQUIPE É NÓIS)
<p>Cris e Ana estão passeando na rua vendo as vitrines das lojas, quando se deparam com a loja Amparato e na sua vitrine um espetacular par de sapatos da marca Louboutin. Elas entram na loja de sapatos e perguntam para a vendedora sobre o sapato e descobrem que o número que ela calça tem somente uma única peça.</p>
<p>ROTEIRO: O SAPATO \com a decupagem</p>
<p>1ª Cena: Externa, quadra comercial loja Amparato, manhã</p>
<p>(Plano Geral - PG) Vemos uma rua passando carros e fachadas de lojas com pessoas caminhando. (Plano Médio - PM) Cris e Ana caminham, vendo as vitrines. Param diante da loja Amparato que está em promoção sapato (plano detalhe - PD).</p>
<p>CRIS Olha, amiga!</p>
<p>ANA Não acredito!</p>
<p>CRIS Será que tem meu número?</p>
<p>Olham-se (close-up) e entram na loja. (Ponto de vista POV).</p>

Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF, 2015.

Fotografia 10 – Plano Geral, “O Sapato”



Fonte: Acervo Canal E, 2015.

Fotografia 11 – Plano detalhe, “O Sapato”



Fonte: Acervo Canal E, 2015.

Adensando a temática *uma boa história bem contada* exibimos “Bombita”, episódio III do filme “Relatos Selvagens”. “Bombita” apresenta de forma muito clara o protagonista e seu conflito, a estrutura e a estética da narrativa e, principalmente, as escolhas cinematográficas realizadas pela *direção*. A exemplo da cena em que o protagonista (interpretado por Ricardo Darín), toma seu café calmamente em uma cafeteria, enquanto vê seu carro (com a dinamite dentro), ser rebocado para o pátio do órgão de trânsito que lhe aplicou a multa injustamente

(segundo ele). A trilha sonora cadencia a tranquilidade e a ironia da cena, antecedendo a explosão que estava por vir.

Finalizando o semestre *Aprendendo a Fazer Captação de Imagem e Som*, os grupos escolhem uma cena do roteiro para realizar um exercício de filmagem. Depois, fazem uma avaliação compartilhando os problemas na captação, encontrando soluções possíveis. A captação de áudio é um dos gargalos das filmagens dos curtas. Gravar na escola é sempre bem ruidoso, prejudica bastante o áudio. Para contornar as dificuldades, damos algumas “dicas” como o de reduzir diálogos, por exemplo, usando ações das personagens ou imagens que os substituam. Outra sugestão é o uso de um celular próximo ao emissor e inserir o áudio captado na edição. E na falta de uma claquete, uma palma seca para facilitar a sincronização do áudio com a imagem.

Encerramos o primeiro semestre com a visualização desse material na primeira sessão pipoca. O segundo semestre foi dedicado às filmagens, à edição e à estreia dos curtas.

No segundo Módulo, *Produção*, depois de uma pausa para o recesso de julho, as aulas começam com uma revisão dos conteúdos trabalhados anteriormente, sob a temática *Como nascem os filmes?* falando sobre direção, direção de ator, estética do filme, figurino, desenho de som, posicionamento de câmera, retomando os roteiros criados.

Começa a preparação dos filmes para a captação, com os grupos distribuindo as funções no set (produção, direção, cinegrafia, edição) ajustes nos roteiros, escolha dos equipamentos que serão usados, visitas às locações, autorizações necessárias, parcerias, definição do cronograma.

No vídeo “Oficina Educação a partir do Audiovisual”, para a 19ª Mostra de Cinema Infantil, Moira Toledo, professor e cineasta, fala sobre as múltiplas inteligências que a realização fílmica evidencia e promove no desenvolvimento dos alunos:

Quando você vai fazer um vídeo, em um grupo, são muitas habilidades que são necessárias, habilidades diferentes. Então, quando você pensa numa diversidade de uma sala de aula, nem todo mundo é igual (...). E na produção audiovisual todo tipo de pessoa cabe. Pra quem é expansivo tem o que fazer, pra quem é tímido tem o que fazer, pra quem gosta de mexer com o corpo, pra quem gosta de vídeo, pra quem gosta de imagem, pra quem gosta de fotografia, pra quem gosta de música, pra quem desenha. Quando você pensa no arco de funções que existem dentro do audiovisual, quem tem uma tendência a desenhar, que gosta de pintura e gosta de cor, pode pensar tanto no campo da fotografia como em direção de arte e organizar os espaços; quem é da música pode pensar nos sons do filme e trazer o campo da trilha; quem é muito organizado, aquele aluno que gosta de exatas, (...) vai gostar de organizar, fazer assistente de direção; quem é muito da literatura, gosta de escrever história, pode vir para o campo do roteiro; quem é líder (...) gosta de liderar processos pode ir para área de direção, e assim sucessivamente. Então, o audiovisual em si, ele é extremamente inclusivo, tem lugar pra todo mundo num processo audiovisual. (CIRELLO, 2020, 13m21s)

Também podemos verificar a organização das funções de acordo com as habilidades, na formação com os professores, porém, há aqueles que se desafiam, buscando funções que não exerceriam habitualmente e acabam descobrindo habilidades novas.

Chegou a hora! Ação! Os grupos saem para realizar as filmagens. As locações são bem variadas e não acontecem somente nas escolas. Aconteceram gravações em casa, apartamento, rua, parque, feira agrícola, associação e até no Lago Paranoá. Para acompanhar as gravações, nós formadores nos dividimos entre os grupos dos curtas, a fim de ajudar a organizar e orientar as produções nas locações.

Fotografia 12 – Gravação do filme “Uma noite de Rei”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

Com as gravações realizadas é a vez da *Montagem e da Edição*, conteúdo do terceiro Módulo, Pós-Produção. Na construção fílmica, fazemos uma *Introdução à teoria da filmagem*, resgatando os primórdios do cinema com os irmãos *Lumière* e seu cinematógrafo, 1895. Nesse início, o cinema era uma experiência científica de captura de imagens em movimento, realizadas “em sequência de tomadas estáticas, fruto direto da visão teatral” (CARRIÉRE, 2006, p 16), de cenas cotidianas como a saída de operários da fábrica, o trem chegando à estação. Uma invenção que causou impacto à época, mas que só se torna uma nova linguagem dez anos depois, como descreve Jean Claude Carrière:

Não surgiu uma linguagem autenticamente nova até que os cineastas começassem a cortar o filme em cenas, até o nascimento da montagem, edição. Foi aí, na relação invisível de uma cena com a outra que o cinema realmente gerou uma nova linguagem. No ardor de sua implementação, essa técnica aparentemente simples criou um vocabulário e uma gramática de incrível variedade. Nenhuma outra mídia ostenta um processo como esse (CARRIÉRE, 2006, p. 16).

Na montagem, falamos das teorias iniciais da linguagem cinematográfica, a partir do estudo do “Efeito Kuleshov”. Um experimento filmico realizado nos anos 1920, “que consiste numa sequência tripartida onde é apresentado, a um grupo de espectadores, um plano com uma expressão neutra de um actor, unido seguidamente com um plano de um prato de sopa, uma criança morta e uma atraente mulher” (CAMILA, 2017).

Quadro 13 – Slide sobre montagem



Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF, 2019.

No experimento, Kuleshov conclui que a história é criada (inconscientemente) através do sequenciamento, da interação, da justaposição das cenas em que o espectador lê e acrescenta as suas interpretações às expressões dos atores, da ambientação, do tempo e do espaço das imagens. Dá a montagem lugar de destaque e poder na mecânica psicológica cinematográfica, podendo mudar completa e intencionalmente uma narrativa.

Fotografia 13 – Apresentação de uma moviola

Fonte: Acervo Canal E, 2016.

Edição era de longe o conteúdo que os professores menos tinham acesso. Essa etapa é uma das mais complexas, pela falta de equipamento de edição específico para o curso. Então, mais uma vez, o desafio foi encontrar caminhos alternativos para ministrar esse conteúdo e para editar os curtas. Poucos professores tinham computadores que tivessem uma configuração que comportassem um programa de edição profissional. Quando tinham, eram editores nativos (*movie maker*), muito usado para a confecção dos slides das disciplinas. A maioria nunca teve contato com programas ou aplicativos de edição, não tinham acesso a essa mecânica, mas compreendiam a dinâmica da montagem, muito em função do acesso à TV e ao cinema.

Em 2015 e 2016, os curtas foram editados com uma certa dificuldade, alguns inclusive, nós acabamos assumindo a finalização na ilha de edição do Canal E. “O Barbeiro Pessimista”, de 2015, foi editado no programa de software livre, o “Kdenlive”, que estava disponível nas máquinas dos laboratórios de informática das escolas. Poderia ser uma boa alternativa, por ser um programa com mais recursos que outros editores nativos, porém, bastante instável à época (2015/2016). Durante a pandemia muitos editores de vídeo on-line e aplicativos para celular começaram a se popularizar entre os professores. A mesma realidade com a aquisição de celulares e computadores pessoais melhores para as aulas a distância, o que facilitou as produções feitas no curso “Videoaulas: Aperte o Play, professor (a)!” , que ministramos de 2020 a 2021.

De 2017 a 2019, passamos a usar o laboratório de audiovisual, dos acordos na parceria do Festival de Curtas com a Universidade particular. Dessa forma, as aulas de edição passaram

a ser mais práticas com o uso dos computadores e do acesso a um programa de edição profissional (Adobe Premiere).

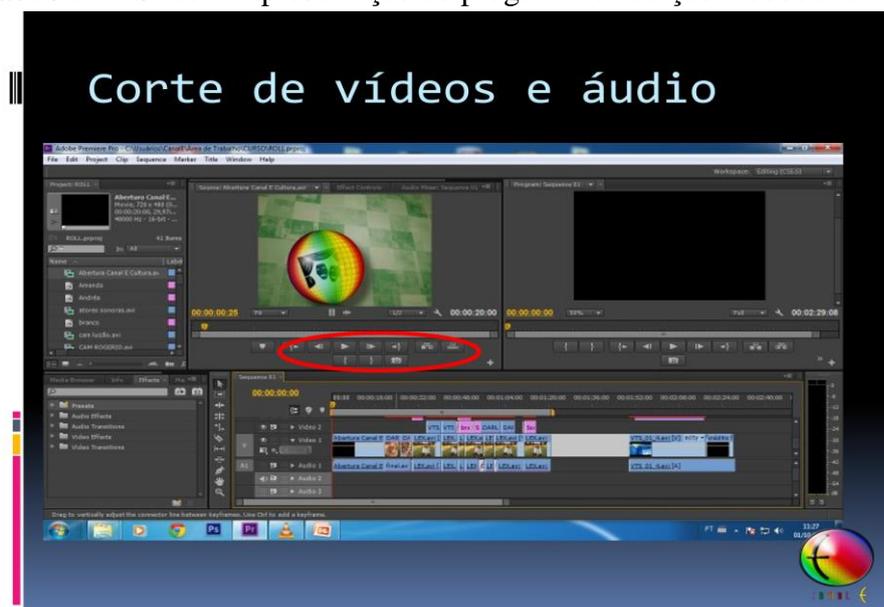
Fotografia 14 – Atividade no laboratório de edição



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

Apesar de ser um programa mais complexo, o objetivo das aulas consistia em aprender o básico da *edição*: fazer ‘corte seco’, transição simples, inserir imagens e áudio, criar títulos e créditos. Para essa experimentação, os cursistas faziam um exercício de montagem de cenas de um curta predeterminado. Individualmente, criavam a própria versão do filme. Depois, assistíamos essas cenas para comparar com a montagem original do curta. Tratava-se de um exercício que complementava a compreensão da dimensão mecânica e linguística da montagem, a partir dos diferentes recortes que resultavam em narrativas distintas.

Quadro 14 – Slide de apresentação do programa de edição Adobe Premiere



Fonte: Documento interno, GMIP-SEEDF, 2016.

Nos seis anos de curso, havia sempre 2 ou 3 professores que assumiam parte da edição dos curtas porque queriam aprender a editar, já desenvolviam trabalhos com audiovisual em sala e tinham a necessidade de orientar os alunos. Porém, essa estratégia acabava centralizando a responsabilidade para poucos cursistas. Na última edição do curso, concluímos que a finalização dos curtas deveria ser feita coletivamente no Canal E, com o suporte dos nossos editores, e a participação ativa dos grupos na orientação da montagem.

Pudemos avaliar que a etapa da *Montagem e Edição* acontecia no final de outubro/novembro quando os professores estão com muitas demandas nas escolas. O curso em si já representava um esforço grande para os cursistas com as várias práticas, atividades e exercícios que realizavam ao longo do ano. Finalizar os curtas, um desafio extra. Mais ainda, um compromisso pessoal e coletivo de ver todo o esforço transformado em um curta-metragem.

O objetivo da *Sessão Pipoca é a avant première* dos curtas. Realizamos a exibição em espaços que condicionassem uma melhor qualidade aos filmes, tanto de imagem, quanto de som. Uma maneira de valorizar o trabalho dos cursistas. Nesse dia, são convidados todos os envolvidos nas filmagens, atores, colaboradores, bem como a família, amigos e representante de setores pedagógicos da Secretaria.

Antes de assistir aos filmes, os cursistas falam dos processos de criação, fazem uma autoavaliação e avaliação geral do curso. Configura-se como outro momento potente da formação pois recebemos o *feedback* não só dos cursistas, mas da plateia que sempre recebe

com muito carinho as produções. Por fim, um momento de confraternização final, com um lanche coletivo.

Fotografia 15 – “Sessão Pipoca” da turma de 2019



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

Fotografia 16 –Cursistas e convidados



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

2.4.3 Nos Caminhos do Audiovisual: Novas Trilhas -Não Ficção (documentário) 2018 a 2019

Refletindo sobre a experiência pedagógica adquirida no curso até 2017, e com base no comentário de um cursista daquele ano: “Espero que, em breve, ofereçam o curso voltado

especificamente para a produção de documentários”, concluímos que era hora de ampliar a formação incluindo a não-ficção na proposta didática.

A reformulação começa pelo nome do curso que passou a chamar “Nos Caminhos do Audiovisual: Novas Trilhas”. Os pressupostos teóricos e metodológicos, justificativa e objetivos permaneceram os mesmos dos anos anteriores. A mudança ocorreu na divisão das 180h, em 3 módulos “1º Acolhimento, 2º Ficção e 3º Não ficção(documentário).”

Os conteúdos e temas abordados continuam na perspectiva das etapas da construção fílmica dos dois gêneros em pré-produção, produção e pós-produção. A tabela a seguir é uma adaptação do plano de curso com os conteúdos para a não-ficção, com a supressão dos ficcionais uma vez que já foram apresentados anteriormente no quadro 7.

Quadro 15 – Proposta Pedagógica do Curso “Não ficção (Documentário)”

3º Módulo		
Temática/Conteúdo Não ficção (documentário)		
Pré-Produção	O Filme não ficcional em contraponto ao ficcional:	· Como nascem os documentários!
	Os seis tipos de documentário; seis possibilidades de abordagens:	· onde eu me encaixo?
	O personagem, o tema e abordagem para um documentário:	· O que eu falo!
	Roteiros para documentário/ sugestão de sequências:	· como criar um guia sem saber onde eu vou parar!
	Aprendendo a fazer:	· captação de imagem e som.
	Técnicas de entrevista, estrutura da narrativa que será gravada:	· importante é o prumo e não o rumo!
Produção	Preparação do curta:	· <i>Captação: Ação!</i>
Pós-Produção	Decupagem de uma entrevista, o que aproveitar de uma entrevista	· aprendendo a escutar. · Edição.
Sessão Pipoca		

Fonte: Adaptação da proposta, documento interno GMIP/SEEDF, 2018.

Nessa reavaliação do curso, percebemos a necessidade de incluir a não-ficção (documentário) na proposta pedagógica, por ser uma demanda dos cursistas e porque grande parte dos professores utilizam esse gênero em suas aulas. Mas também por verificar que muitos dos curtas produzidos para o Festival de Curtas eram tentativas de adaptação audiovisual de livros, de biografias de personalidades artísticas, políticas, em formato “documental”. Falo tentativa porque na verdade os vídeos eram slides com imagens da internet, uma narração e música. Ou próximos ao formato jornalístico, como “Globo Repórter”. Trazer outras possibilidades narrativas para o documentário tornava-se uma necessidade real e um novo desafio para os formadores.

As estratégias e procedimentos tiveram que se adaptar à redução do tempo para a ficção. Os conteúdos foram ajustados e a parte mais teórica transformada, na medida do possível, em experimentações práticas. Por exemplo, as atividades de captação eram sempre projetadas e serviam de base para análises mais técnicas como a escolha dos planos, da luz, melhoria no áudio, já relacionando com os conteúdos.

Algumas atividades fundamentais permaneceram inalteradas como a *sala de roteiristas e o pitching* uma vez que é o roteiro o disparador das produções. Nesse quesito, passamos a trabalhar com uma linha de escrita criativa, mais fluida, sem a exigência da escrita técnica, inserindo outras atividades com elementos visuais, como a fotografia, para inspirar a criação das histórias. Trago no primeiro módulo uma atividade que exemplifica essa estratégia.

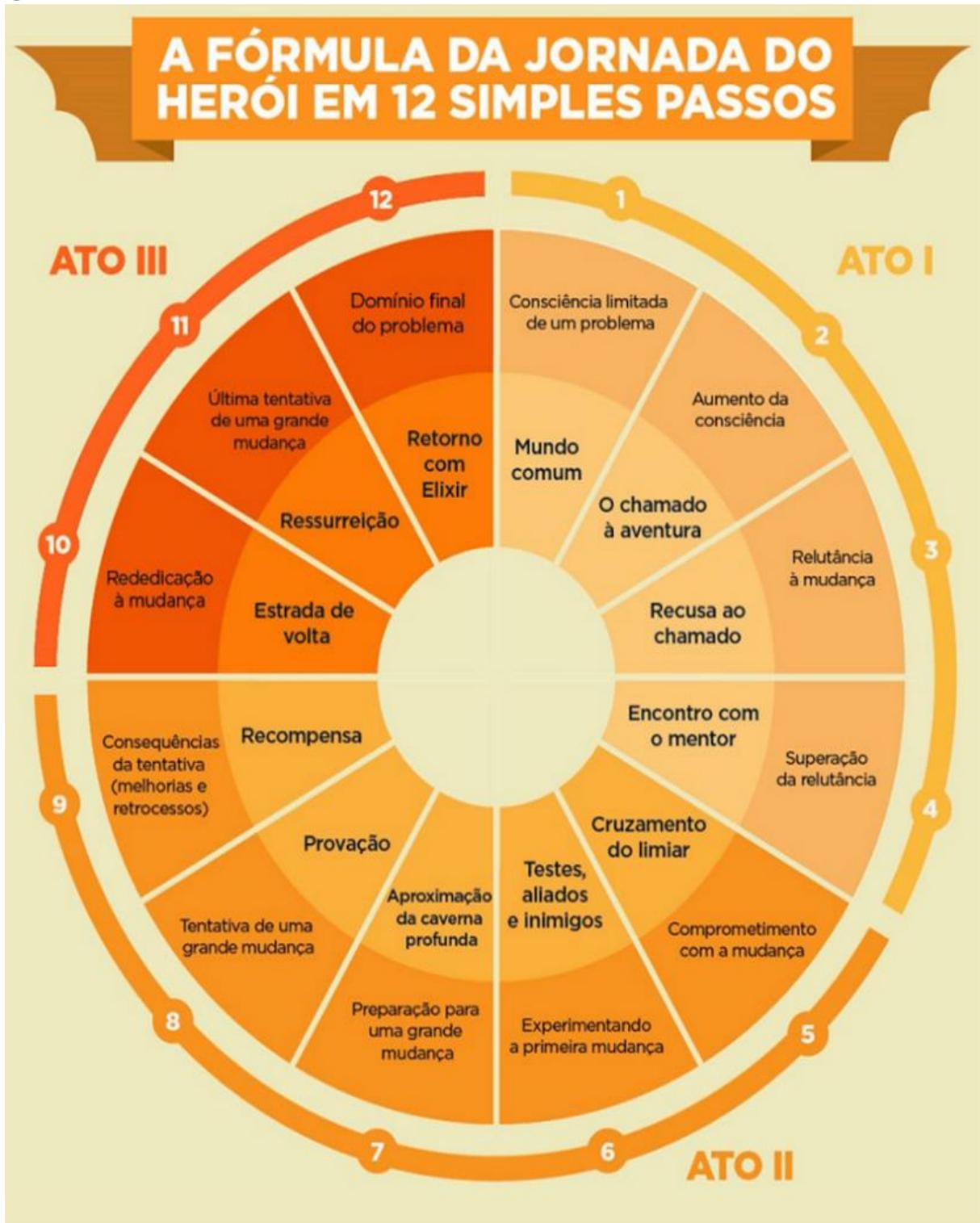
Para descrever o plano de 2018 e 2019, apresento as estratégias e procedimentos mais centralizadas na não-ficção (documentário), acrescentando novas atividades no módulo Acolhimento e Ficção.

No módulo 1 de Acolhimento, é apresentada a proposta do curso e são exibidos dois curtas: o “Helena”, realizado na turma de 2017 e o “Not Easy”, produção dos estudantes do CEM Paulo Freire, vencedor de melhor filme pela comissão julgadora do 3º Festival de Curtas. Mostrar as produções realizadas tanto no festival quanto no curso é um diferencial porque os cursistas percebem que é possível contar histórias sob o ponto de vista de educadores e estudantes. Histórias autorais que vão gerando experiências e aprendizagens conceituais, estéticas, artísticas e pedagógicas:

Você carrega as marcas de algumas questões fundamentais que surgiram de suas experiências formadoras. As lembranças despertam em você fortes sentimentos partidários. Elas são suas reservas de experiências profundas, e aprender como explorá-las e usá-las em seu trabalho, apesar de parecerem poucas e muito pessoais, pode mantê-lo ocupado a vida toda. Não estamos falando de autobiografia, mas de ter um núcleo de experiências profundas cujos temas têm infinitas aplicações.” (RABINGER, 2006, pág. 18)

Em 2019, subvertemos um pouco a sequência didática, exibindo o filme “Meu Amigo Nietzsche”, trazendo um diálogo com a Jornada do Herói, de Joseph Campbell e adaptada por Christopher Vogler, traçando um paralelo com o trilhar do curso. Enquanto os 12 passos do “chamado à aventura” – Quadro 16 - são percorridos, perguntas e sentenças fazem o cursista refletir sobre a própria jornada, como na *recusa do chamado* “Todos pensam duas vezes, será que eu consigo? Será? Será que vale a pena? Será que não tem um jeito mais fácil para ‘pular barreira’?” ou no *regresso com o elixir* “Hora de dormir em paz, pois a missão foi cumprida”. Questões para falar como “Todo Professor carrega o Arquétipo do Herói?!”

Quadro 16 – Slide “Jornada do Herói¹³”



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019.

¹³ A Jornada do Herói: Transformando sua audiência em heróis através de histórias memoráveis. Publicado pelo Viver de blog. Disponível em: <https://viverdeblog.com/jornada-do-heroi/>, acesso em dez. 2022. Escrito por Henrique Carvalho em 10 de agosto de 2014

Para os anos da versão “Novas Trilhas”, na temática *ficção – Módulo 2*, criamos duas *atividades imagéticas*, que são importantes descrever. Estão dentro daquela proposição da experimentação de uma escrita criativa a partir da utilização de fotografias.

Para a primeira *atividade imagética 1 - ficção*, todos os grupos recebem uma imagem “matrix”, slide abaixo, que representa o plano geral de uma narrativa, sem personagens. Cada grupo cria a história dessa foto pensando no cenário, nos elementos da cena, objetos, tempo/espço, trilha sonora.

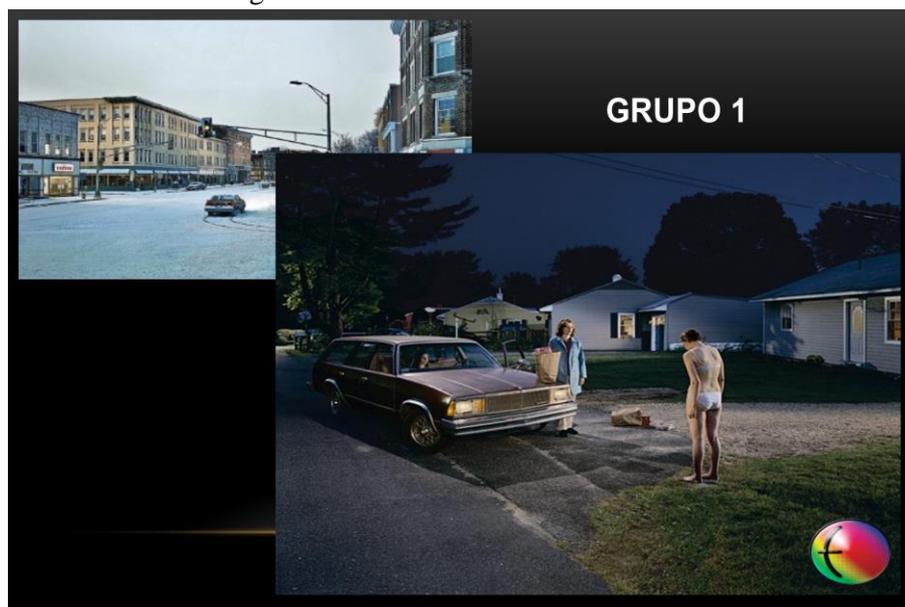
Quadro 17 – Slide atividade imagética 1



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019.

Com o início da história escrita, cada grupo recebe uma fotografia personalizada, (quadro 18) agora com personagens em cenas específicas para complementarem a narrativa. Essa atividade colabora no exercício da percepção, da sensibilidade, da criatividade, da observação. Também para o exercício democrático do falar, do ouvir e da tomada de decisão para o roteiro final da história. A autoria das imagens é do fotógrafo americano Gregory Crewdson, que tem uma composição estética bem-marcada, com planos, cenário, iluminação que colabora na criação imagética das histórias.

Quadro 18 – Slide atividade imagética 1



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019.

Nessa etapa, os cursistas já estão escrevendo as *story line's* dos curtas. Após a exibição do curta “Rua da Amargura”, analisamos o filme dando ênfase ao(s) protagonista(s), antagonista, conflito, discutindo os princípios básicos da história. O mesmo filme usado de 2015 a 2017 para o tema.

Observando os curtas elaborados até aqui, percebemos a necessidade de ter mais atividades sobre a construção de personagens e do conflito, por isso, incluímos a segunda *atividade imagética 2 - ficção*.

Na *Atividade imagética 2*, cada grupo recebe a imagem de uma personagem – o/a protagonista (a mesma imagem para todos os grupos) e terão 15 minutos para traçar as características físicas e psicológicas; o desejo da personagem; e criam a história com base na realização desse desejo, sonho, vontade.

Depois de descrever a narrativa, cada grupo recebe a imagem de outra personagem – o/a antagonista (imagens diferentes). Para concluir a história devem descrevê-la a partir das informações: chegou uma personagem nova que é o antagonista com o objetivo de impedir o protagonista de realizar o desejo. O que o protagonista fará? Como essa história termina? Apresentam as criações para o grande grupo. Escolhemos imagens bem representativas de crianças e idosos, com estéticas e expressões diferentes.

Os grupos descrevem histórias bem criativas com temas variados como paternidade, desemprego, mudança de cidade, de vida, amizade, amor. Nas análises, enfatizamos que o

antagonista não é necessariamente uma pessoa, como as que colocamos na atividade, mas que é a *força contrária ao desejo da personagem*.

Para a avaliação processual do primeiro semestre, encerramos o módulo com a exibição prévia dos curtas de ficção que estão mais avançados na edição. Por conta da alteração da proposta pedagógica para a entrada da *não ficção*, todo o cronograma fica mais reduzido, então, optamos por dilatar o prazo de entrega dos filmes para a sessão pipoca final. Com isso, os cursistas teriam mais tempo para os ajustes necessários nas produções.

No *módulo 3*, ao elaborar a Proposta Pedagógica do curso, discutimos por que usar o termo *não ficção (documentário)*, como enunciado para a temática, ao invés de unicamente *documentário*. Paulo Duro Moraes, um dos formadores, explica que “a *não ficção* refere-se à uma produção mais ampla, híbrida e contemporânea, inclusive incursionando no universo digital, sendo o documentário um gênero dentro desse espectro fílmico”. A *não ficção* mistura algumas coisas como ficção e auto ficção, como se tem chamado. E tem muita coisa televisiva e on-line, como por exemplo, os produtos da Discovery, Globo Repórter, documentários dos streams, as webs docs., que trabalham com esse princípio da *não ficção* (MORAES, entrevista concedida à autora, 2022). Conhecer toda essa dimensão tem o sentido de possibilitar ao cursista expressões mais livres nos modos e nas formas da representação da realidade dos curtas dessa etapa.

Dessa forma, um dos objetivos da temática *não ficção (documentário)* é evidenciar um repertório com diferentes estéticas documentais, para tentar fissurar a hegemonia jornalística dos conteúdos disciplinares ou vídeos biográficos que usam *voz off* e imagens da internet, nos trabalhos de audiovisual feitos nas escolas pelos alunos.

Uma tarefa que parecia mais fácil do que criar filmes de ficção, contudo, tem nos curtas finalizados a tendência de realizar o que já se conhece pela TV, mais próximo ao “modo expositivo” de documentário, um dos modos de representação para o gênero descritas por Bill Nichols.

Segundo o prof. Felipe Canova Gonçalves, na sua tese “Linguagem Audiovisual e Educação do Campo: Práxis e Consciência Política em Percursos Audiovisuais”, 2019, esse modo expositivo é um recurso de narrativa iniciado na escola inglesa de documentário, nos anos 1930, com uma “voz onisciente” na forma de um comentário dirigido ao espectador, com imagens que a ilustram ou a contrapõem, compondo um tecido narrativo bastante coeso e persuasivo” (grifo do autor GONÇALVES, 2019, p 118). Ainda para o autor:

Mesmo sofrendo mutações, até hoje esta estratégia narrativa do modo expositivo é bastante utilizada, especialmente nos documentários “educativos” da TV, bem ritmados e de “conteúdo elevado”, sendo entendida pelo público comumente como a forma tradicional e — por que não? — confortável de documentário (GONÇALVES, 2019, p. 118).

A estratégia narrativa do modo expositivo acaba por ser a escolha mais confortável e utilizada pelos grupos dos curtas. A opção explica-se, em alguma medida, ao exíguo tempo/calendário para dedicarem-se à escuta sensível e ao aprofundamento dos temas, das abordagens e das personagens. O que interessa como aprendizagem para o curso é entender a diferente estrutura para a construção de filmes *não ficção* em relação *aos ficcionais*, exercitando as etapas da produção.

Para compreender essa diferente estrutura, é exibido o filme *Nanook do Norte (Nanook of the North -1922)* dirigido por Robert Flaherty, considerado o primeiro documentário. O filme mostra o cotidiano de uma família de esquimós (*Inuit*) em busca de alimento em sua terra congelada, exibindo cenas da caça, da travessia com a canoa, do iglu. Para o debate, a pergunta: é um filme de ficção ou um documentário? Ficção/ Realidade? Quais elementos indicam um ou outro? “Com frequência, o documentário convida-nos a acreditar piamente que “aquilo que vemos é o que estava lá”. (NICHOLS, 2016, p.120). Aos poucos, revelemos a ‘encenação’ da vida social/real para a câmera. O iglu construído pela metade para facilitar a gravação, o sorriso diretamente para a lente, imprimindo a relação entre o ator social, o cineasta e o espectador. Nessa encenação como representação da realidade, acompanhamos a existência do povo *Inuit*, a partir da visão do cineasta, da sua maneira de ver o mundo como uma “voz do documentário”, expressão usada por Bill Nichols.

Outra parte essencial que se soma à voz do documentário e ao modo de realização é a sua dimensão ética e política. De acordo com Canova:

E, sendo assim, essa voz carrega a postura do realizador frente ao mundo histórico, seu engajamento ou não, e uma responsabilidade ética e política, que a dá concretude. O que antes poderia, em chave de comparação com a ficção, ser entendido como “estilo do filme”, com a ideia de voz do documentário assume uma dimensão ética, pois ela “transmite qual o ponto de vista social do cineasta e como esse ponto de vista se manifesta no ato de criar o filme. Essa voz diz, em muitas palavras, ‘é assim que eu escolho agir e filmar no mundo que compartilhamos; e você, como faz?’ (NICHOLS, 2016, p. 89 apud GONÇALVES, 2019, p. 119)

Por tratar-se de um cinema feito em contexto educativo, o compromisso ético e político do cursista com o grupo, com as propostas documentais e com os atores sociais participantes torna-se primordial para a sua própria formação e para a construção de audiovisuais que revelem esse comprometimento.

Depois de experienciar a linguagem ficcional, os cursistas começam o semestre compreendendo como funciona a produção geral de um curta. Agora, precisam conhecer os elementos essenciais para a construção de um audiovisual não ficcional. As estratégias desenvolvidas nessa etapa do curso concentraram-se na apreciação, análise e na

contextualização de filmes do gênero e textos sobre a temática. E damos início ao segundo módulo com uma atividade imagética para discutir *O Filme não ficcional em contraponto ao ficcional: como nascem os documentários?*

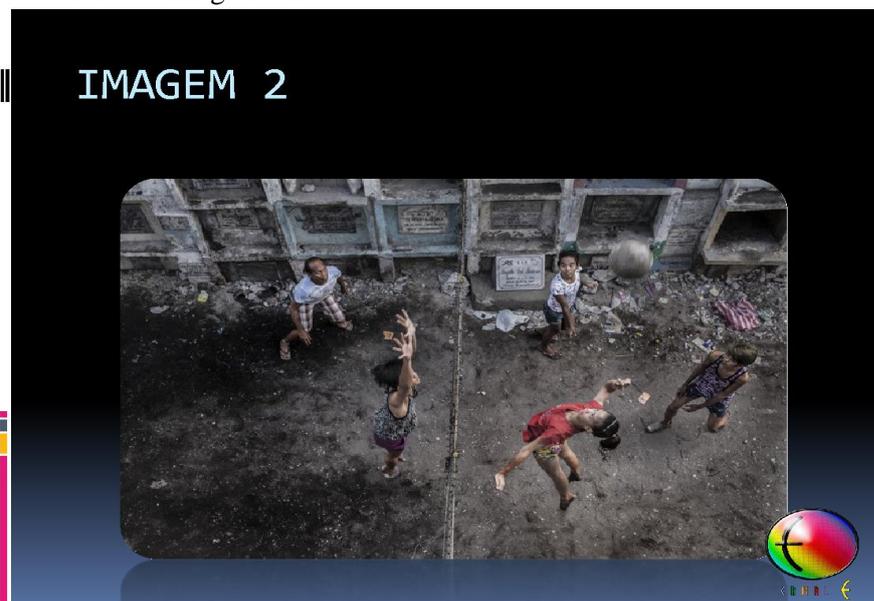
É apresentada para cada grupo uma imagem com um enquadramento mais fechado, que dificulta saber onde foi fotografada. Os cursistas fazem a leitura da fotografia, criando a história das pessoas e do cenário, refletindo sobre: o que, por que, onde, para que e quem?

Quadro 19 - Slide atividade imagética 2



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019

Quadro 20 - Slide atividade imagética 2



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019.

Quadro 21 - Slide atividade imagética 2



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019.

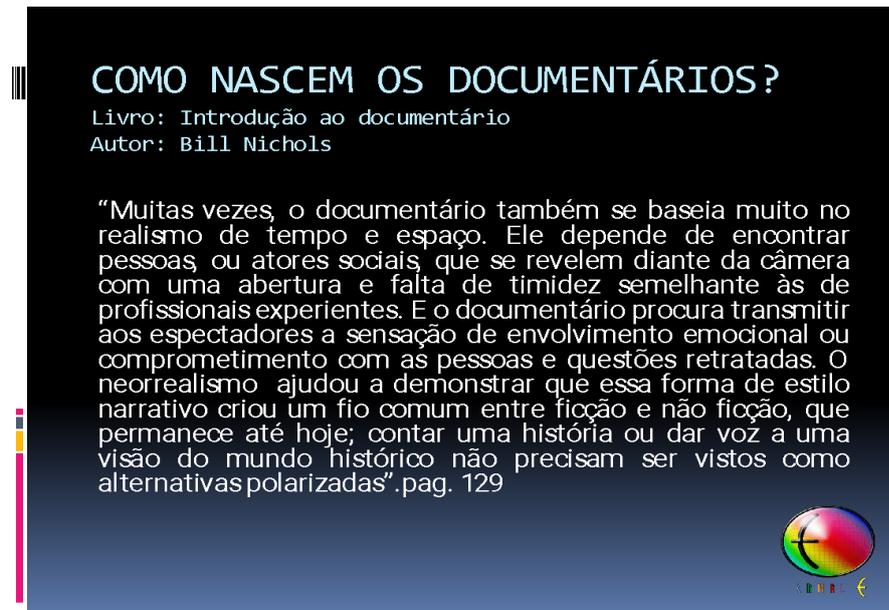
A atividade consistia em os grupos falarem das análises feitas a partir da fotografia recebida. É uma atividade instigante porque, além das fotos serem impactantes e expressivas, os cursistas tentam adivinhar onde se passam as “cenas”. Após as apresentações e muita curiosidade, exibimos outras imagens que revelam o cenário das fotos. Entre as observações dos cursistas, está a maneira lúdica como o artista retrata o cotidiano de um gigantesco cemitério. O “fotógrafo brasileiro Gustavo Gusmão visitou cemitérios das Filipinas para fazer uma espécie de incursão antropológica, uma etnografia visual a retratar os vivos que sobrevivem da morte, intitulada “Limbus” (grifo do autor) (CAIO LUIZ, 2019).

Para introduzir as discussões sobre o gênero documentário, exibimos os 8 primeiros minutos do filme do cineasta Eduardo Coutinho. Edifício Master é um documentário que acompanha o cotidiano do prédio popular no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, revelando as histórias de vida de seus moradores. Felipe Bragança, em seu blog contracampo, descreve a obra:

A sensação de vida presente em Edifício Master se dá justamente porque o diretor não tenta captar a essência daquele espaço através do que seria um cotidiano comum ao disperso conceito de "classe média" (grifo do autor), mas se lança nas expressões verbalizadas e na gestualidade de seus personagens, fazendo-os únicos. Cada um deles, como um contador das histórias de si mesmo, transformam o filme num registro estético seminal da vida urbana brasileira: seus contrastes, suas semelhanças internas, seus aprisionamentos e liberdades. Uma vasta rede de práticas imaginárias pulsa descompassadas, e criam o ritmo do filme (BRAGANÇA, 2002)

A partir do livro de Nichols, selecionamos frases que contribuem para a correlação da atividade imagética, tendo ao filme assistido e com os princípios do documentário. O slide abaixo, por exemplo, revela por onde transita o filme de Coutinho, dando voz aos atores sociais, imprimindo a visão (voz) técnica, estética, política e ética do documentarista.

Quadro 22 - Slide “Como nascem os documentários”



Fonte: Documento interno GMIP/SEEDF, 2019.

Ao final, como tarefa de casa, os cursistas devem escrever um relato de 5 a 6 linhas com prováveis temas para o documentário.

As próximas aulas aprofundam o gênero e apresentam os temas: *Os seis tipos de documentário; seis possibilidades de abordagens: onde eu me encaixo? O que eu falo? Como criar um guia sem saber aonde eu vou parar.* Para essas temáticas, trabalhamos com os modos de representação do documentário descritas por NICHOLS (2005, p. 62-3). Compreender os modos possibilita ao cursista a escolha pela estratégia ou estratégias narrativas pretendida no curta.

O “Documentário Expositivo” tem como característica evidenciar a defesa dos argumentos e não se preocupa tanto com a estética do filme. Tem a marca predominante da objetividade. No “Documentário Observativo” o cineasta tenta transmitir a realidade como ela é sem nenhum tipo de interferência durante o processo de filmagem, tendo em si nenhum tipo de falseamento da realidade. Carrega características como poucos movimentos de câmera, quase nenhum tipo de trilha sonora e sem narrações. Mostrar a participação da equipe no processo de gravação do gênero, tornando-o, desta forma, um personagem da história, é a maior

característica do “Documentário Participativo”. Já no “Modo Reflexivo”, evidenciar os procedimentos que levam o documentário a ser filmado.

Os modos de “Documentário Performático e Poético” privilegiam a subjetividade. No primeiro, o diretor torna-se personagem, narrador e protagonista do filme, com técnicas cinematográficas de forma livre. Já o Poético imprime a preocupação com o estético, enfatizando o estado de ânimo, o tom e as demonstrações de afeto. Ainda, segundo NICHOLS (2005), as formas de representação não devem ser compreendidas de maneira estática ou fechadas, podem transitar entre si, como criar outras formas de representar a realidade. Ao longo da aula, são apresentados trechos de documentários que representam cada um dos modos.

À medida que os conteúdos avançam, os cursistas elaboram individualmente as ideias/relatos ou esboços para a produção dos filmes. O *pitching* é realizado antes da *sala de roteiristas*. Escolhida as histórias, os novos componentes dos grupos saem a campo para pesquisar *in locus* o tema, as personagens/pessoas e as locações. De volta, na *sala de roteiristas*, discutem de que maneira vão abordar as questões ali evidenciadas e elaboram as perguntas, para as entrevistas. Por fim, escrevem um guia para organizar as filmagens.

Para servir de base conceitual para essas atividades, dois textos resumidos de Barry Hampe ficam disponíveis no AVA, A Ideia do Documentário e Escrevendo um Documentário (HAMPE, 1997). O primeiro, fala sobre o conceito e traz algumas perguntas básicas para o documentário, exemplo, “Por que você quer fazer esse documentário?”. No segundo, o autor descreve o trabalho do documentarista, o argumento - a estrutura e a formatação do roteiro, com sugestões de escrita de documentário; a produção - o planejamento e a organização das etapas. Os resumos acabam apresentando uma ‘fórmula’ de documentário, porém eles propiciam a elaboração das ideias ou dos argumentos dos curtas para contrabalancear as fórmulas são analisados documentários diversificados.

Com o planejamento pronto, começa a temática *Produção – Captação: Ação!* Para essa etapa, percebemos uma maior facilidade se comparada às gravações do primeiro semestre, uma vez que já passaram pela experiência dos curtas ficcionais e pelo formato baseado em entrevistas, escolha que analisamos anteriormente. São duas ou três aulas para as filmagens. Também usam as horas indiretas, quando precisam gravar em final de semana. O documentário “Nenen’s”, por exemplo, foi gravado em um sábado à noite, pois era o horário em que a pastelaria virava uma pista de dança.

Fotografia 17 – Curta “Nenen’s”



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

O slide abaixo é a ideia original do curta apresentado no *pitching* da turma de 2018. O documentário mostra a boate, a partir da história do casal que se formou no local e de outros frequentadores. O filme só tomou esse caminho por causa da pesquisa na locação, na pré-produção, na qual o grupo descobriu histórias que poderiam trazer força vital para a narrativa.

Quadro 23 – Slide com a ideia para o curta “Nenen’s”

Nenen´s - Baile da terceira idade!

Eu quero fazer um documentário sobre o posto de gasolina Nenen´s, porquê ele fica em uma região de Taguatinga onde os prédios são velhos, cinzas, apresentam uma certa decadência, e nesta avenida a principal da cidade, no meio de toda correria e movimento dos carros, o posto surge como um Oasis, e ao anoitecer, nas pastelaria que tem no lugar, temos um baile da terceira idade!



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

Na turma de 2019, o que seria um documentário sobre a história da aluna-atriz do curta de ficção “Liberdade”, rodado no primeiro semestre, transforma-se na luta e na resiliência da mãe para superar as dificuldades após o acidente da filha. Sob o título “Uma história que vale a pena ser contada”, essa troca de narrativas foi uma experiência interessante, pois o grupo teve a sensibilidade de perceber que a história da mãe era tão potente quanto a da filha.

Fotografia 18 - Gravação do filme “Uma história que vale a pena ser contada”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

Pós-produção - Decupagem de uma entrevista, o que aproveitar de uma entrevista: aprendendo a escutar. É na montagem e na edição que os grupos mais se dedicam nessa etapa do curso. Mesmo que tenham um argumento, ou uma linha pré-definida de roteiro, a gravação do documentário traz um grande volume de material para ser decupado. E as respostas dos “personagens” podem ser bem imprevisíveis, levando o curta para uma outra direção. Então a escuta atenta e sensível das entrevistas é fundamental nesse processo. Como fazer isso funcionar coletivamente? Em 2018, a decupagem e a edição aconteceram no laboratório de comunicação e fotografia do IESB. Com a qualidade e quantidade das ilhas de edição, o trabalho transcorreu com mais participação coletiva na escolha dos trechos das repostas, das imagens e do desenho de som. Os grupos montavam as cenas usando os cortes secos. Com a orientação dos formadores na pós-produção, os filmes eram finalizados em sua maioria nessas ilhas. Mesmo com o uso do laboratório, poucos se aventuraram a mexer no software de edição, ficando a execução nas mãos de 1 ou 2 cursistas de cada grupo. Em 2019, utilizamos o laboratório somente para as aulas de edição. Para montar, editar e finalizar os curtas, os grupos se reuniam no Canal E, e contavam com a colaboração de dois editores. Nos dois anos, somente 3 cursistas

assumiram sozinhos a execução da edição do curta, geralmente aqueles tinham noções de edição e tinham um computador razoável. Edição individual, externa ou no Canal E, eram as soluções viáveis mediante a falta de ilhas e tempo hábil para uma tarefa muito técnica.

Fotografia 19 – Edição do curta no Canal E



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

O curso termina, então, com a exibição dos filmes de ficção e dos documentários na *Sessão Pipoca*.

Fotografia 20 – “Sessão Pipoca” da turma de 2018



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

2.5 FILMES PRODUZIDOS NO CURSO - 2015 A 2019

A partir de 2015, foram produzidos 21 curtas com temáticas variadas, sendo 15 ficções e 6 documentários. Todos realizados dentro do curso com o objetivo da apreensão da linguagem audiovisual durante as etapas da sua produção. Considerando as condições limitantes de tempo e de equipamentos, como formadores, avaliamos cada filme com zelo. Alguns revelam a potencialidade do trabalho e conseguem entregar um filme justo do ponto de vista técnico e pedagógico. Outros se perdem em alguma etapa da realização, que não invalida o filme, pois compreendemos, formadores e cursistas, que o resultado final faz parte de toda uma proposta. Os curtas também revelam o nosso trabalho enquanto formadores e apontam ajustes importantes para os anos seguintes.

Os filmes produzidos estão nos Apêndices A, B e C com uma sinopse, o tempo e o endereço de acesso na página do Canal E no YouTube. Sobre alguns filmes, acrescentei informações sobre a produção ou breve análise técnica.

2.6 REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

De 2015 a 2017 a referência videográfica é ficcional, voltada para um público adulto e específico que é o professor, e, nos anos seguintes somam-se filmes documentários. Exibimos filmes nacionais e internacionais, entre longas, curta-metragem, clássicos, comerciais ou de festivais. Muitos disponibilizados no YouTube, nas plataformas de curtas nacionais, e nos *streamings*. O recorte da filmografia se estabelece nas possibilidades cinematográficas e nas estratégias didáticas para desenvolver as temáticas e os conteúdos como roteiro, direção, fotografia, desenho de som.

A preferência é assistir filmes de curta-metragem que permite perpassar por todas as nuances fílmicas daquela produção. Para o curso, classificamos de curta àqueles de 5 a 40 min, ou que podem ser projetados no tempo de 1h/a, no máximo. Isso porque o tempo do encontro é de 3h semanais e ver um longa-metragem tomaria quase todo o tempo de aula.

Dos longas são exibidos trechos específicos e solicitamos que os cursistas assistam completo em casa, antes ou depois da aula. Recortar filmes para caber didaticamente em sala, é controverso, pois fragmenta o arco daquela narrativa cinematográfica. Mas a realidade do tempo/espço escolar se impõe. Então é uma escolha consciente que tem feito sentido para o curso. Além disso, esse mecanismo amplia o repertório fílmico do cursista e exhibe diferentes

caminhos estéticos para apreender os conteúdos. A relação dos filmes exibidos encontra-se nos referenciais.

Destacamos a exibição de filmes realizados nas formações anteriores e no Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, para mostrar ao cursista que é possível fazer audiovisual, cinema, no contexto educacional.

3 “NOS CAMINHOS DO AUDIOVISUAL” NA PRÁXIS ESCOLAR

O capítulo 3 traz a voz coletiva do grupo de formadores do curso, estratégia de Pesquisa Participante escolhida como metodologia. Foram rodas de conversa realizadas com esse grupo focal, a partir de um guia de perguntas semiestruturadas. Identifica, ainda, os impactos da formação continuada e as transformações ocorridas nas práticas pedagógicas de três ex-cursistas.

3.1 GRUPO FOCAL

O trabalho coletivo está presente na pesquisa desde o contexto histórico-político do Canal E, passando pela práxis do curso. Por isso, a importância do diálogo com o grupo focal, para qualificar as análises desse saber acumulado, ao longo dos anos de parceria, tomados em uma visão freiriana na qual a realidade concreta, no método de pesquisa qualitativa, são os fatos, os dados e a percepção que se têm em conjunto. Esse é um método que impele um reelaborar dos saberes do grupo, na visão do prof. Felipe Gonçalves:

Desta forma, o que está em jogo é uma produção de conhecimento em relação dialética entre objetividade e subjetividade, em que há o reconhecimento do saber acumulado próprio do grupo estudado por parte de quem pesquisa, bem como uma reelaboração deste saber prévio por parte do grupo participante da pesquisa (GONÇALVES, 2019, p. 60).

O grupo focal (formadores) é composto por mim, pela Karla, pelo Paulo e pelo Gleison. Todos, servidores concursados e lotados na GMIP/SEEDF. Seus perfis profissionais ajudam a compreender melhor os saberes acumulados de cada formador. Os perfis também refletem as estratégias didáticas adotadas no curso.

Professora de Língua Portuguesa, Karla Calasans de Mello é atriz e poetisa, responsável pela coordenação do curso junto à gerência e a EAPE. Chegou ao Canal E em 2014, disponibilizando a sua experiência de 3 anos como formadora na EAPE. Gleison Santos Cardozo, Jornalista, Especialista em Produção Audiovisual, Analista em Políticas Públicas e Gestão Educacional. Chegou ao Canal E em 1997, atuando como produtor, roteirista, diretor, iluminador e editor de vídeos documentais, institucionais, jornalísticos e educativos. Paulo Duro Moraes, professor de Teatro, apresentador, editor e diretor de vários programas, chegou ao Canal em 1998. Único servidor concursado 20h na secretaria, é coordenador do curso de Cinema e Mídias Digitais do Centro Universitário IESB-Brasília, desde 2010. E a pesquisadora

em questão, já apresentada no capítulo 1. Para além da especificidade profissional de cada um, qualidades como respeito, admiração, amizade e comprometimento geravam uma sinergia muito segura na condução das diferentes ações do curso, assim como nos demais projetos executados, sempre com a colaboração de toda a equipe do Canal E

Para coordenar as ações do curso e redimensionar as práticas, de acordo com cada realidade vivenciada, eram feitas reuniões pedagógicas semanais sistemáticas. Os quatro formadores ministravam as aulas presenciais sempre juntos, quase que invariavelmente, sendo cada um responsável por um conteúdo ou práticas audiovisuais e acompanhamento dos grupos nas gravações. A principal tecnologia que se dispunha era o “camaro amarelo”, ou mais precisamente o “data show” para projetar os filmes e slides, e um PC pessoal, também com acesso pessoal à internet. Naquele momento não havia *WiFi* nas salas da EAPE.

Para realizar a pesquisa na perspectiva coletiva, o grupo focal reuniu-se em maio, de 2022. Mesmo com o grupo não atuando mais na mesma subsecretaria e sem perspectivas do retorno do curso, continuou empenhado em participar da pesquisa. No encontro apresentei as questões de pesquisa, os objetivos, justificativa, a metodologia Participante, enfim, o que estava delineando para a qualificação. Foi dada ênfase especial no capítulo sobre o Canal E, e na importância da criação da política de audiovisual. Escolhemos coletivamente 3 ex-cursistas para a entrevista. Professores e professora que fizeram as transposições didáticas audiovisuais do curso para a sala de aula, abrindo o diálogo sobre os impactos da formação nas suas práxis.

O segundo encontro, aconteceu em novembro de 2022, com o objetivo de responder, inicialmente, seis perguntas, mas que se desdobraram em outras questões como a continuidade do curso e da própria política de audiovisual. Foram mais de 1h de gravação e 28 páginas de gravação das falas. A gravação do encontro foi um guia para a escrita, servindo também como uma espécie de ‘pente fino’ a fim de verificar se os aspectos fundamentais das ações do curso estão contemplados na pesquisa. Mesmo porque já se passaram 9 anos da sua primeira edição e cada um foi contribuindo com lembranças pessoais, cabendo à pesquisadora a compilação e a organização dessas memórias. Assim, muitas das respostas dadas pelo grupo focal foram transformadas nos capítulos, a exemplo da primeira questão sobre a motivação para o curso, relatada no capítulo 2 sob o título “2014 – *Elaboração e execução do Projeto-Piloto*”. Para o subitem 1, do capítulo 3, trago trechos não contemplados no texto ou que confirmam as questões descritas ao longo da dissertação. Apresento as perguntas levantadas, seguidas das respostas dadas pelo grupo focal, neste caso optei por referir-me ao grupo focal apenas pelo nome, retirando o título professor ou professora. 1. Qual a motivação inicial do coletivo para a realização do curso? 2. Quais os objetivos formativos do curso? E as expectativas que tínhamos

em 2014? 3. Como foram conduzidas as formações? Divisão de tarefas? Conteúdos? Mudanças ao longo dos anos? 4. Qual o impacto dos filmes que foram produzidos? E o festival? 5. De que maneira influencia a política de audiovisual? 6. Avaliar a experiência, trazer os aspectos afetivos e os desafios/limites vivenciados.

Com a dissertação escrita, um último encontro foi realizado para uma breve leitura, em fevereiro de 2023. Encontro informal, porém, essencial porque o grupo focal fez observações importantes que foram agregadas no capítulo 1 e no final do texto. Um dos aspectos foi inserir o contexto da passagem de Canal E para a GITEAD como um esforço do grupo, articulando junto à instituição a permanência coletiva em um espaço que possibilitou a continuidade do trabalho audiovisual. Outro aspecto é esclarecer o desmonte do Canal E como uma ausência de políticas públicas para a cultura e a educação em âmbito local e nacional, apresentada nas considerações finais.

Como um resumo das análises do grupo focal à pergunta 1, havia uma convergência de diferentes fatores que impeliram à realização do curso que foram o crescente acesso de alunos e professores às tecnologias portáteis, como os smartphones, com isso a necessidade de formação para a mediação de seu uso no sentido pedagógico, pela ausência de uma formação inicial. Demandas que foram provocando mudanças no Canal E como única produtora de conteúdos audiovisuais, para promotora de uma educação audiovisual para as escolas, somado ao sucateamento dos equipamentos disponíveis no canal. Outro fator importante foi a condução da Karla no sentido de transformar, coletivamente, a expertise dos profissionais do Canal E em uma proposta pedagógica para a formação continuada. Como lembra o Gleison:

Chegou alguém que trabalha numa escola de formação e que pode sistematizar um estudo que não existe na rede. E aí ao invés de oficina, a gente passa a ter algo com mais corpo. O que é necessário para se produzir um vídeo? O que um professor lá na sala, que não tem essa formação, necessita. E é quando a Karla chega que monta esse embrião, a síntese desse curso, que virou o embrião do que seria o “Nos Caminhos do Audiovisual”. Ela vem justamente para sistematizar isso. Para falar: olha, vocês têm o conhecimento, a expertise, mas como é que vocês repassam isso? (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Nesse momento foi lembrada uma justificativa importantíssima para implementação do curso, das oficinas e das produções pedagógicas. Essas ações impactavam o salário pelo recebimento da Gratificação de Atividade Pedagógica – GAPED¹⁴. Da carreira magistério, aqueles que não estão em sala de aula em uma unidade escolar, não recebem a gratificação de

¹⁴ Distrito Federal. Lei 5105 Reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal e dá outras providências, publicado no DODF Nº 91, de 03 de maio de 2013. Disponível em: sinj.df.gov.br, acesso em jan. 2022.

regência de classe, o famoso “pó de giz”. Os setores da SEEDF que fazem jus a GAPED são os que exercem atividades pedagógicas em unidades centrais ou intermediárias, entre outros. É o caso dos professores que estavam em atividade no Canal E, que sempre esteve ligado aos setores pedagógicos centrais como a Subsecretaria de Educação Básica.

O objetivo formativo do curso (2) era, sobretudo, propiciar um espaço do exercício da liberdade e da criatividade ao professor que, por vezes, já se encontra privado dessas experimentações para poder cumprir um rígido cronograma de competências e habilidades. Adriana Fresquet propõe reflexões sobre uma infância na qual “a força da predeterminação a uma forma de experiência única, monótona e sem espaços para o surgimento da novidade” (FRESQUET, 2007, p.35,) pode convergir à condenação da criatividade na vida adulta. “Onde, como e quando criam as crianças e os jovens? É real que as crianças criam? E os Adultos? Que tipos de novidades introduzem no coletivo social? Existem espaços que favoreçam a produção de novidade?” (FRESQUET, 2007, p.36,). E, pensando nas possibilidades que o cinema oferece, a pesquisadora indaga:

Que tipos de experiências pode favorecer o cinema para que as crianças criem seus sonhos e os adultos evoquem-nos (e de algum modo, também, realizem-nos)? Pode pensar-se em uma experiência que não endureça, mas que nos sensibilize até descobrir cantinhos bem íntimos, esquecidos ou desconhecidos da nossa própria vida? Permitem os filmes que possamos criar novos sonhos, embora adultos? Poderemos entrelaçar sonhos, juntos, adultos e crianças? Qual o limite entre a fantasia e o real no cinema? (FRESQUET, 2007, p.36,).

O curso propõe esse espaço por meio da linguagem audiovisual, do cinema, e a expectativa era que o professor apreendesse essa linguagem e entrelaçassem histórias que seriam contadas em curtas-metragens. E com as histórias nasce o cinema, como conta o prof. Paulo:

Onde é que nasce o cinema? O cinema nasce da mesma forma que o teatro, lá nas fogueiras onde as pessoas contavam histórias. A pessoa estava contando a história, vivendo o personagem. O que acontece com a pessoa que está assistindo aquilo? Ela está criando imagens através do que está sendo contado. Então o cinema existe dentro da nossa cabeça, a gente monta o filme, a gente cria o filme dentro da nossa cabeça. Isso é o cinema e não esse cinema que a gente está acostumado (comercial). Então com essa entrada hoje dos dispositivos que permitem a gente ter uma qualidade, de certa forma melhor, permite que a gente tenha o cinema enquanto linguagem [...]. O cinema é uma forma de você se expressar, e não um equipamento, e não a sala que você entra” (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Na roda de conversa, eu e o Gleison complementamos a reflexão, respectivamente:

Adriana - Porque a gente também queria escutar essas histórias que vem a partir deles. A partir da sala de aula, das experiências deles, que é diferente das histórias hegemônicas que já existem no cinema. Então, o que ele quer contar? O que a gente está deixando de ouvir das escolas? Deixando de ouvir dos nossos alunos? Deixando de ouvir dos nossos professores?

Gleison - O professor dentro de sala de aula precisa de motivação para tratar com os alunos. Talvez a motivação que levava, quando saía do curso, era exatamente essa: aprender a escutar o outro, que história aquele aluno tem para me falar. Eu inverte a posição na sala, não sou mais esse mestre absoluto. Eu preciso escutar essas histórias. Preciso que eles me contem, me ensinem. Preciso que tragam as soluções, questionamentos, reflexões (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022)

Esses aspectos da escuta atenta e sensível, da liberdade de expressão e de comunicação das ideias, reforçam a forma como eram conduzidas as atividades durante a formação. Podemos afirmar que, no curso, esses aspectos facilitavam a conexão formadores-cursistas.

A resposta para a questão 3 aparece em vários momentos da dissertação. Mas no início, as questões mais técnicas sobre o cinema ficavam mais centralizadas no Paulo pelos anos dedicados ao cinema profissionalmente, tanto como professor e coordenador de cinema, como pesquisador e realizador (MORAES, 2006). Porém, ele fez questão de frisar que, com o passar das edições, o grupo havia se aprimorado, assumindo conteúdos mais específicos, estando mais bem distribuídos os papéis nas aulas. E isso se dava muito em função do processo de desenvolvimento do curso, conforme fica claro na seguinte colocação da Karla:

Aí me vem essa percepção de que o audiovisual deve ser uma aprendizagem coletiva. Então, até o fazer em sala de aula, enquanto formadores, fazíamos isso de uma forma muito coletiva. Então o planejamento, escrever, ‘ah vamos por aqui, vamos por ali, o que a gente vai levar, que filme’. A questão dos tempos, ‘vamos cronometrar’. Eu sinto que essa construção diária, de cada encontro, que demandava tempo de análise mesmo, de leitura deu tanto, frutos para os cursistas, como pra nós formadores. Eu tenho essa sensação. Esse processo de organizar o nosso pensamento para levar, faz toda a diferença. A gente sabia o filme que ia passar, sabia o que ia dizer, sabia o que ia fazer. Claro que tem, a flexibilidade do plano de aula, mas a gente ia para a sala de uma forma muito segura e muito consciente do que a gente iria desenvolver naquele dia, naquele momento (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Percebemos que esse fazer coletivo dos formadores de alguma forma contagiava os cursistas que atendiam as intensas demandas do curso. Criar o corpo de grupo, desde o “lanche coletivo para comungar em volta da mesa”, transcendia o conteúdo. E de acordo com o Paulo e com o Gleison, o processo era maior que o resultado:

Paulo - Essa vivência é mais forte, o processo é mais forte do que o resultado. Porque o resultado para você ter um bom filme, tem interferências. Tem interferência de equipamentos, de talento, de condição. A gente está trabalhando com o professor. O professor tem uma sobrecarga de aula. Tirar final de semana ainda ter que ir no Museu da Memória Candanga para fazer um filme, ter que arrumar um carro (fusca de colecionador, 69). Aquela coisa que se você tem disponibilidade pra fazer isso a semana inteira, já não sai lá essas coisas, imagine os professores que tem essa questão

com o tempo. Esse processo era muito mais encantador do que o resultado. Apesar do resultado ser também encantador. Porque eles entenderam qual era o processo deles, o que eles vivenciaram. A gente que é do audiovisual, eu olho, caramba tem trezentas mil falhas, mas isso não importa. Essa vivência, transformação, é muito importante. É isso que eu acho que a gente conseguiu passar (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Gleison - é você também receber e tratar os seus alunos lá na sala de aula como pessoas que podem produzir audiovisual assim como você conseguiu produzir. Com o que você tem, com recursos que você tem, com as falhas de áudio que a grande maioria teve, iluminação que não dá certo. Essa experimentação era maravilhosa, isso fazia parte. Sem o preciosismo do cinema profissional (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Numa roda de conversa, o grupo vai se colocando mais informalmente, interrompendo raciocínios ou retomando algo que ficou anterior. Karla reforça um detalhe que expliquei no capítulo 2:

Tem um detalhe assim que eu sinto que é bacana mencionar, que essa questão de que, enquanto professores formadores “dos caminhos”, nós não engessamos a temática: há tem que falar a respeito de um tema da escola, como geralmente acontece. Então a gente deixou isso em aberto, deles contarem as suas histórias. [...] os professores podem falar das suas dores, das suas delícias, sem necessariamente se engessar. Porque eu sou professor e tenho que falar de um tema da escola, para levar esse filme lá para a escola. Não! Eu posso falar, mas eu também posso não falar, e está tudo bem. Eu sinto que isso encantava os professores também no processo. Porque eu estou me formando para a vida e posso levar isso para a minha sala de aula. Compreender que o meu aluno está na escola, mas ele não precisa falar de temas que estão vinculados à escola. Ele pode falar de temas que estão fora desse circuito e tá tudo bem (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

O impacto da formação na mediação dos professores com relação ao Festival de Curtas, respondendo à questão 4, fica evidente, em geral, nos filmes que chegam com mais recursos técnicos nos planos e enquadramentos, na montagem, um maior cuidado com o áudio, no roteiro. E porque alguns deles desenvolveram projetos de audiovisual nas escolas, esse exercício cotidiano da linguagem contribuiu para a melhoria nas produções. Na fala do Gleison:

Quando você pega um filme do festival, de um professor que passou pela formação, que é o mediador naquele filme, você vê a presença da linguagem cinematográfica. Você percebe o filme de um mediador que não passou por essa formação “nos caminhos”. Recebe filmes muito mais próximos da linguagem da TV. Então, eles caem pro ‘jornalismo’, para um formato de novela, que não chega a ser uma novela. [...] Então, essa diferenciação do professor que passou por uma formação e aquele que não passou por uma formação com essa linguagem cinematográfica” (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Um dos eixos basilares da política de audiovisual do DF é a formação continuada dos professores. Como resposta à quinta pergunta, apontamos que, com o fim do Canal E, ainda que existam formações hoje sobre a linguagem, via EAPE, uma política centralizada dá

capilaridade às demais ações como o festival, produtos audiovisuais, oficinas, seminários. “Quando você perde essa centralidade, quando você perde esse grupo que gesta, que organiza e que executa, perde-se essa capilaridade porque ela fica espaçada, não tem mais um disparador delas” (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022), faço esse destaque. Para o Gleison, perde-se o apoio aos projetos:

quando você vai fazer um projeto político pedagógico (PPP), você vai subsidiar esse projeto com o currículo básico, com toda a documentação necessária para embasar o teu projeto. A política de audiovisual é um documento dizendo ‘olha existe uma portaria que rege o audiovisual, que tem eixos norteadores’, ela te dá subsídio para que tenha isso documentado. Criando projetos, fazendo com que o professor trabalhe uma carga horária para isso. Você está formalizado. Isso que é um retrocesso, é caminhar novamente para algo que já tinha se conhecido. Isso é um retrocesso. Por que isso faz falta? Faz falta no sentido de não ter mais um eixo norteador, não ter inclusive, alguém que eu possa procurar se precisar de um apoio para fazer algo. A quem eu procuro? Nós não sabemos hoje dentro da rede, isso é o mais grave (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Falando dos percalços, um dos gargalos do curso é a falta de acesso a bons equipamentos, e aproveito para refletir sobre esse limite, lançando questões: Se a gente tivesse verba, que curso a gente teria, como investir essa verba? Equipamento, sala de projeção, trazendo palestrantes? De que maneira a gente poderia investir no curso? O Gleison e o Paulo falaram sobre realidade da escola:

Gleison - Eu acho que é muito mais na questão técnica mesmo, na questão tecnológica, uma questão de equipamento, para que eles vivenciassem isso. Apesar de eu gostar bastante deles entenderem que o curso é para funcionar na escola. E a escola também não tem esses recursos. É difícil uma escola que tenha um estúdio, uma câmera, iluminação, equipamento de áudio. Inclusive a gente criava algumas alternativas como gravar áudio com 2 celulares. Eu acho que pra chegar na linguagem cinematográfica talvez fosse interessante ter esses equipamentos, ter mais recursos tecnológicos. O que não mudaria muito em conteúdo, esse dinheiro (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Paulo - O que eu acho que valeria a pena pra gente, por exemplo, é ter celulares iguais, com qualidades iguais. Mas só celulares iguais? De repente, microfone que se adapta para cada celular, para ter um mínimo de qualidade. [...] Ilhas de edição que não precisam ser ilhas de edição, mas computadores, onde eu consiga ter um programa de edição. Onde o aluno possa ter essa vivência de editar em um computador, nem toda escola têm laboratório de informática. Ter um projetor bom pra poder projetar o filme com um pouco mais de qualidade, ter uma sala boa sabe. São coisas que melhorariam o andamento do curso, eu acho que poderia. Mas não vejo, por exemplo, vamos comprar um equipamento de câmera boa ou câmera profissional. Não era a ideia. A ideia é essa coisa do chão da escola. A gente não pode afastar do chão da escola (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

Para finalizar ainda a última questão, escolho a fala do Paulo que reflete a relação afetiva que o grupo focal tinha com o curso e com todo o trabalho que desenvolvíamos:

A educação é afetiva. O princípio do educar é afetivo. Você educa por amor, por amor ao que você faz, por amor com quem está com você, por amor pelo que você faz. E é

isso que a gente tem. O nosso grande mérito é esse, é porque a gente trabalha por amor, por afetividade, aquilo que nos mexe, nos comove. Educação é isso, é o que nos sensibiliza, não só o que nos sensibiliza, mas aquilo que nos faz acordar de manhã e falar ‘que legal!’ Aquilo que dá sentido (Entrevista do grupo focal, cedida à pesquisadora, 2022).

A mesma dedicação presencial, também era expressa no ensino remoto, quando ministramos um curso ensinando os professores a fazer videoaulas. O relato a seguir foi uma manifestação de elogio, via Sistema de Ouvidoria do Distrito Federal – OUV-DF, de uma professora da sala de recursos que fez o curso em 2021.

Agradeço o excelente trabalho realizado dos professores da EAPE que ministraram o curso videoaulas - Aperte o play, professor. Muita dedicação, tranquilidade e sempre respeitando as individualidades de cada cursista. Esse momento de pandemia trouxe um enorme desafio para todos nós da educação e poder contar com professores pacientes durante aprendizagem sobre tecnologias faz uma diferença enorme pra quem ainda estava distante dessa realidade. Excelente trabalho dos servidores: Adriana Cordeiro, Karla Calasans, Paulo Duro Moraes A EAPE é show!!! Como professora desde 1997 eu tenho muita gratidão ao trabalho que é feito nessa escola, formação continuada de qualidade. Obrigada!

O trabalho junto, coletivo, alicerçado na afetividade, na confiança mútua, nas parcerias com os cursistas que permaneceram próximos, fortaleceu não somente a formação, mas o grupo do Canal E. Em síntese, um grupo que “é mais do que a soma das partes, ele se torna uma entidade em si mesma” (BAUER, GASKEL, 2008, p 75).

Fotografia 21 – Lanche coletivo



Fonte: Acervo Canal E, fotografia e edição Flavia Oliveira, 2018.

Fotografia 22 – Grupo Canal E e parceiros no 5º Festival de Curtas, Cine Brasília



Fonte: Acervo Canal E, fotografia Kennel Rógis, 2019.

3.2 CURSISTAS E SEUS PROJETOS AUDIOVISUAIS

Uma das questões fundamentais da pesquisa era “Identificar de que maneira as metodologias de ensino e aprendizagem em audiovisual chegaram às salas de aula após a participação de docentes da SEEDF no curso ‘Nos Caminhos do Audiovisual?’”, para compreender a contribuição da Educação Audiovisual para o ensino básico.

Para dirimir essa questão, o grupo focal escolheu a professora Sara Barreto, do Centro de Ensino Médio 04 de Sobradinho, o professor Edmar Oliveira, do Centro de Ensino Fundamental 604, do Recanto das Emas e o professor Dr. Erizaldo Cavalcanti, do Centro Educacional 01, do Cruzeiro. São três ex-cursistas que acompanhamos os trabalhos que desenvolvem na escola, muito em função da participação deles no Festival de Curtas e na “Mostra #CurtadeCasa”, bem como no envolvimento com outras ações audiovisuais como oficinas, encontros pedagógicos, *lives* (durante a pandemia) e produção de vídeo em parceria com o Canal E. O objetivo é trazer alguns dos diferentes caminhos que cada um construiu e constrói para implementar o audiovisual no cotidiano escolar.

Para esse trabalho, a proposta inicial era ir às escolas para fazer entrevistas individuais e presenciais com os professores e com a professora, direção e alunos, captar imagens do processo pedagógico a fim de realizar um videodocumentário para referendar a pesquisa. Porém, com a pandemia, o ensino a distância e o acúmulo de trabalho para os docentes, na recuperação das aprendizagens na volta presencial, encurtaram o cronograma para as

entrevistas. Esses fatores inviabilizaram, em grande medida, a realização dessa tarefa *in locus*, com a especificidade da criação do vídeo que demanda mais tempo. Até mesmo por videoconferência ficou difícil para os participantes encontrarem tempo nas agendas atribuladas de final de ano. Então, o trabalho foi feito por aplicativo de mensagem instantânea com as respostas em áudio e em texto.

Se por um lado perde-se a experiência do encontro, da troca pessoal, ainda que virtual, por outro, possibilita ao cursista dar respostas mais livres, espontâneas e objetivas, uma vez que não há a presença da entrevistadora, que foi uma das professoras. O meu alto grau de envolvimento com a pesquisa e com o curso também poderia gerar interferências nas respostas de uma maneira não tão isenta. Apresento trechos transcritos dos áudios, o mais fidedigno permitido pela escrita, dialogando com a pesquisa.

Foram elaboradas 5 perguntas que elucidassem a relação do cursista às práticas pedagógicas e às ações de promoção da Educação Audiovisual, implementadas pelo Canal E:

1. Fale sobre sua trajetória com o audiovisual pontuando a relação desta trajetória com o curso.
2. Em qual ano você fez o curso? Quais as memórias que você tem daquela experiência?
3. Após a vivência no curso, o que mudou no seu trabalho com o audiovisual em sala de aula?
4. Relate experiências específicas que você vem desenvolvendo em sala de aula com audiovisual. Há intersecções com outras ações do canal E?
5. O que necessitamos enquanto SEEDF para avançarmos com a educação audiovisual?

3.2.1 Nos caminhos do “CinEducação”, Centro de Ensino Médio 04 de Sobradinho 2 - DF

Eu não tenho, por exemplo, uma câmera profissional, microfones de última geração e ilha de edição, então como é possível produzir vídeos? A gente começa fazendo o possível e aí quando a gente vê, o impossível já aconteceu. Eu comecei de forma tímida, mas as parcerias vão acontecendo, seu trabalho vai ganhando visibilidade e as coisas vão fluindo (Entrevista da professora. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

A primeira ex-cursista a ser apresentada é a professora Sara Silva Barreto da Cunha, que trabalha desde 2019 no Centro Ensino Médio 04 de Sobradinho 2 (antigo Centro Educacional - CED 04), escola piloto do Novo Ensino Médio - NEM, que oferece, também, Ensino Médio em Tempo Integral - EMTI. É professora de Língua Portuguesa e atua na Educação de Jovens e Adultos – EJA e no EMTI, com uma oficina de audiovisual chamada “Vida em Foco”, até 2021, que se transforma no projeto “CinEducação”, 2022.

Para responder à primeira pergunta, sobre sua trajetória, a professora encaminhou um vídeo, no qual apresentou o trabalho de audiovisual que realiza na escola. O vídeo é um trecho

da *live* “Experiências de Audiovisual e Educação”, com o prof. Edmar Oliveira entrevistando a profa. Sara Barreto (CED 04 - Sobradinho), organizada pelo Instituto Federal de Brasília-campus Recanto das Emas. O campus tem um curso voltado para a Produção Audiovisual. Um trabalho que se amplificou para além da escola da professora sendo reverberado em outros contextos educativos. As demais respostas foram enviadas em áudio pelo *WhatsApp*.

A professora fala que a sua trajetória ficou mais atenta à linguagem audiovisual quando recebeu na escola uma circular sobre o 2º Festival de Curtas das Escolas Públicas, 2016. Na educação integral, havia 2 alunos que desenhavam “super bem” e dava para arriscar uma animação:

Criamos uma história, o Vitor Vinicius fez o roteiro, que eram os alunos também do integral. A Ana Clara, ela tinha um blog, sabia um pouco sobre edição. Editou o curta e surgiu, então, o “Realidade X Expectativa”, que falava sobre a questão do Bullying. Enviamos para o festival. E para nossa surpresa e motivação, o nosso filme foi selecionado e exibido lá no Cine Brasília (Entrevista da profa. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

A partir de então, a escola foi participando com filmes em todos os Festival de Curtas. Em 2018 e em 2019 recebeu o prêmio na “Categoria Melhor Desenho Som”, com o filme “Juntos Contra a Dengue”. O festival motivou ainda mais a professora a desenvolver projetos na área, afirmando que “o meu grande objetivo é incentivar a produção audiovisual na escola”. Com essa visibilidade, a Regional de Ensino de Sobradinho convidou a escola para participar de projetos de outros órgãos do DF, por exemplo, o TJDFT:

projeto chamado “Curta Maria na Escola”, que é uma jornada de vídeos sobre a Lei Maria da Penha, com a produção de vídeos emocionantes devido ao tema. Ano passado, ao participar de um outro projeto chamado TJC- Trabalho, Juventude e Cidadania, nós preparamos um vídeo sobre trabalho infantil para culminância desse projeto. Me orgulho muito desse vídeo porque nós criamos a história, eu dirigi, eu filmei e editei com meus alunos. [...] eu trabalhei num projeto do “TJC -Trabalho, Juventude e Cidadania”, que era um projeto do TRT e a ANAMATRA - (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho). Então, a culminância foi um vídeo falando sobre trabalho infantil. Participamos também de um projeto “Controladoria na Escola”, a gente fez vários vídeos sobre corrupção e o curso (Nos Caminhos do Audiovisual) me deu essa base (Entrevista da profa. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

Para a professora Sara, o festival foi a porta de entrada para inserir a linguagem audiovisual de forma mais qualificada nas práticas pedagógicas e “isso só foi possível porque eu estava realizando um curso na EAPE, ‘Nos Caminhos do Audiovisual (Novas Trilhas)’, que é oferecido para os professores”. A professora participou da última turma do curso em 2019.

Por não ter conhecimento nenhum, de acordo com a professora, “o curso foi essencial nessa questão de realmente me mostrar e conhecer a linguagem audiovisual. O audiovisual passou a ser então essa prática recorrente no meu trabalho”, necessitando de um mínimo de

conhecimento para fazer os filmes com determinados temas. Inclusive, “depois do curso eu tive bem mais segurança em fazer os meus vídeos e ter base para poder trabalhar com audiovisual”.

Existe uma outra contribuição importante do curso, que ultrapassa o pedagógico, que é a atuação em projetos específicos da rede. Para trabalhar na EMTI, o professor precisa fazer um teste de aptidão¹⁵ no qual apresenta um projeto pedagógico na área que deseja atuar. E ter um certificado de formação continuada concedido pela EAPE, confirma a aptidão para desenvolver o projeto na escola. A professora conclui que “sem o curso eu jamais teria feito o projeto na área de audiovisual e muito menos teria aptidão, teria sido concedida aptidão para eu poder trabalhar”.

Sobre as memórias daquela experiência, a professora Sara lembra que:

As memórias que eu tenho do curso são assim, muito, muito boas. Foi um período que ainda tinha o curso presencial na EAPE. Eu encontrei a equipe de professores muito bacana Paulo, Karla, Adriana, Gleison. As aulas eram muito interessantes, bem dinâmicas. O que eu achei mais interessante foi mostrar realmente como funcionava a questão da linguagem audiovisual, a partir da ideia, a gente fazer o roteiro, a divisão dos papéis, um filmava e tal. Nossa equipe ficou responsável por 2 filmes que foi um documentário “Ireté Orúm, a voz da Esperança”, fala sobre as religiões de matriz africana e “Ida” que foi uma ficção. Uma moça que ia perder a visão, recebeu o diagnóstico e daí em diante ela resolveu guardar essas memórias através do som, enfim, das imagens que ela podia captar, enquanto ainda tinha visão. Então, foi muito bacana participar, principalmente o “Ireté Orúm”, eu gostei demais da filmagem, o grupo foi bastante cooperativo. [...] A gente fez amizade nesse tempo realmente, graças a Deus não tivemos desavenças, foi tudo muito bacana. Guardo aqui a minha plaquinha¹⁶ do curso com muito carinho. Foi uma época muito boa e principalmente a questão da troca de experiências (Entrevista da prof. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

15 A aptidão é o atestado concedido ao servidor da Carreira Magistério Público do Distrito Federal, para emissão da Declaração, nos termos dos normativos após análise e aprovação quanto à formação exigida e aos conhecimentos teóricos e práticos necessários para atuar em diferentes modalidades e etapas de ensino. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/concessao-de-aptidao/>, acesso em jan. de 2023.

16 Na Sessão Pipoca o grupo focal presenteava a turma com lembranças do curso. Em 2019, foi uma placa com a arte do convite, uma bolsa e um bloco de notas personalizados.

Fotografia 23 – Profa. Sara e entrevistada, gravação “Ìreté Ohún”



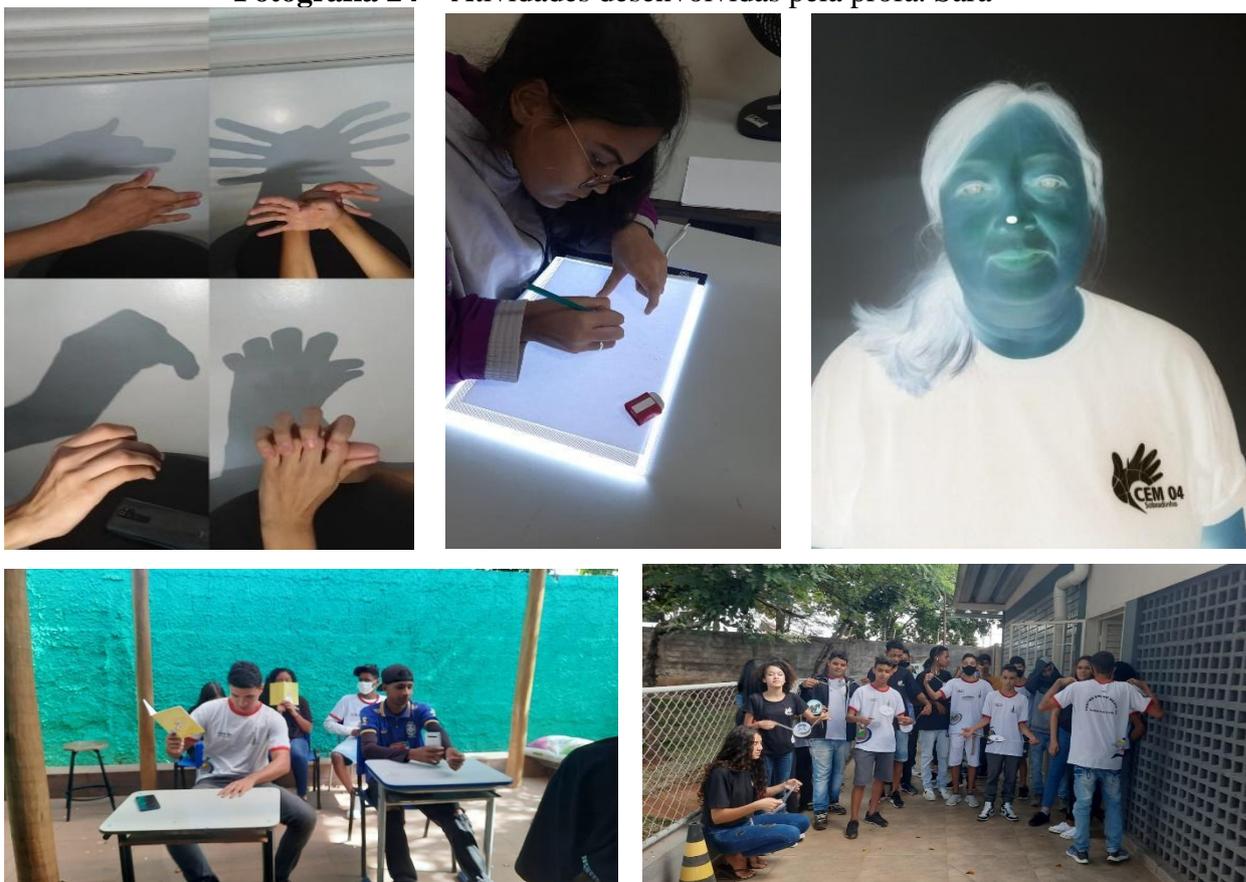
Fonte: Acervo Canal E, 2019.

Depois de concluído o curso, para 2020 foi elaborada uma proposta na área do audiovisual para no EMTI, dentro do projeto maior que era o “Vida em Foco”, mas “logo em seguida veio a pandemia, não foi nem um pouco interessante trabalhar de forma remota, a gente sabe que foi um período muito crítico”. Ainda assim, realizou um curta para a Mostra “#curtadecasa”, porém não foi selecionado. O “Vida em Foco” ficou de forma híbrida até o fim de 2021 e no retorno 100% presencial. Em 2022, a professora Sara reformulou o projeto, “que deu super certo, fizemos toda essa questão da história do cinema, da imagem em movimento”. Vídeos com os registros das atividades realizadas com os alunos estão na página do Instagram¹⁷ da Escola “emti.cem04sobradinho2”. A ideia do “CinEducação” é:

[...] pegar desde o início das imagens, quando o homem resolveu registrar as imagens, que era o período ali da arte rupestre, porque esse projeto é um projeto na área de linguagem e tecnologia. Então a gente passou pela imagem em movimentos, brinquedos ópticos, falamos da resistência retiniana, da fotografia, até mesmo a gente chegar no cinema. Cinema com áudio, cinema mudo e a partir do segundo semestre a linguagem audiovisual em si” [...] e agora a gente começou a finalizar os vídeos (2022). Para o ano que vem, a proposta seria já realmente trabalhar a prática. Trabalhar os assuntos de interesse deles como *bullying*, violência contra a mulher, mudanças climáticas. Trabalhar uma série de temas e a partir da produção deles ir atuando, o que poderia ter sido melhor, como fazer diferente. Realmente praticando pra poder ter uma resposta bem positiva, vídeos interessantes (Entrevista da profa. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

¹⁷ Ensino Médio em Tempo Integral, Centro de Ensino Médio 04, Sobradinho 02, publicado pela página do instagram “emti.cem04sobradinho2, disponível em: <https://instagram.com/emti.cem04.sobradinho?igshid=YmMyMTA2M2Y>, acesso em fev. 2023.

Fotografia 24 – Atividades desenvolvidas pela profa. Sara



Fonte: Acervo cedido pela profa. Sara.

Das experiências que vem desenvolvendo, há intersecções constantes com outras ações do Canal E. O acervo de vídeos e filmes do Canal E foi bastante utilizado pela professora nas aulas. Não somente os curtas produzidos para o Festival de Curtas, mas também os vídeos pedagógicos produzidos sobre a linguagem audiovisual. Destaca o curta “Revir”, grande vencedor do 1º Festival, que já mencionamos na pesquisa.

Eu acho aquele curta sensacional e para os meninos verem o que é possível fazer, né, do que eu estou falando. De vídeos que são possíveis de fazer, não estou falando de nenhuma produção hollywoodiana. Ele mostra bem que, com o pouco, que com o celular, com a ideia, é possível a gente fazer um filme. [...] Então mostrar para eles o que que é possível a gente fazer dentro da escola, tem tudo a ver com o “Canal E”, com curso, com toda essa bagagem que o curso me ofereceu e o contato com os professores do curso e com o Canal E (Entrevista da profa. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

Outras produções citadas são as do “Rebert Richers”, um personagem caricato e divertido criado pelo nosso colega de jornada, professor, ator e Ms. João Rafael (pelo Prof-Artes), que trata de vários aspectos da produção de um curta, desde o roteiro até a edição. Personagem que também agita o público no dia das exhibições dos curtas no Cine Brasília. Outra

são as *lives* realizada na pandemia, em 2020, como parte da Mostra #curtadecasa, em especial a “Oficina Papo-Reto”, ministrada pelo grupo focal, falando sobre a produção audiovisual por meio de perguntas pontuais feitas por professores e estudantes. “Então, consultando aí o acervo do canal E, eu tive muita ajuda, porque eu precisava para montar, a minha prática do dia a dia”. Contou com a expertise e a bagagem da equipe do Canal em vários momentos. Usou, também, material disponível nos canais de audiovisual do YouTube.

Destaque para a exibição dos filmes produzidos com os alunos em sala de aula, como por exemplo o “Juntos contra a Dengue”. Para a professora eles expressam surpresa: “nossa, esse vídeo foi filmado aqui!”, o que motiva ainda mais pela produção cinematográfica.

Configurou-se, portanto, todo um trabalho do Canal E, como mostra o trabalho da professora, que envolvia diferentes ações (curso, festival, produção) que promovia a Educação Audiovisual e que colaborava no ensino e na aprendizagem dos alunos, com a mediação do professor. Com o fim da gerência, a professora se revela “triste porque, realmente, para a gente foi uma perda muito grande não ter mais o ‘Canal E’, eu fiquei meio chocada na época e sinto falta”.

Para a última pergunta, “O que necessitamos enquanto SEEDF para avançarmos com a educação audiovisual?”, em termos institucionais, a professora aponta que é a volta do Festival de Curtas. “Então eu acho que é interessante, primordial, a gente voltar com o festival de curtas. O curso também Nos caminhos do audiovisual, oferecido pela EAPE, esse é o caminho”:

O audiovisual já é uma prática recorrente no nosso dia a dia. Não tem como a gente dissociar, tirar o audiovisual. Mesmo porque hoje em dia a gente tem Datashow, TV em sala de aula. Então a gente está o tempo todo ali lidando com audiovisual. Pra fazer o audiovisual a gente tem que ter motivação. A minha motivação surgiu a partir do festival de curtas. A gente começou, participou de uma forma bem despretensiosa, mas foi uma emoção muito grande ver nosso filme selecionado, quando ele passou lá na telinha, mesmo que tenha sido uma edição totalmente capenga. Como eu falei a gente não tinha conhecimento, nem eu como professora, os meninos tinham pouca experiência na questão da edição e o fator motivacional foi ver nosso filme lá no Cine Brasília (Entrevista da profa. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

Para a unidade escolar, seria necessário um investimento em alguns equipamentos para melhorar a prática e as vivências. Não precisa ser um grande investimento, mas celular, microfones, computador. E como professora do Ensino Médio - EJA, outra necessidade, seria:

Preparar, enquanto escola, um cantinho para poder produzir o áudio, fazer a edição, nossa sensacional, isso já é uma motivação muito grande para os meninos verem que realmente aquilo ali está sendo levado a sério. E uma das coisas que mais me motivou trabalhando com audiovisual, é justamente oferecer essa oportunidade para que os

alunos conheçam esse campo, como mercado de trabalho, uma opção. Porque de repente um aluno conhecendo, desenvolve uma paixão e vai ser um profissional na área do audiovisual. É essa, sim, a nossa proposta: conhecer, fazer com que o aluno conheça e para que ele futuramente possa fazer disso a profissão dele. Quem sabe? Então, finalizo, minha participação com um saldo muito positivo quanto ao audiovisual (Entrevista da profa. Sara Barreto cedida à pesquisadora, 2022).

Em 2022 a escola adquiriu uma mesa digitalizadora e o sonho da professora Sara era trabalhar com animação, mas em 2023 será publicada a sua aposentadoria, por isso finaliza a carreira magistério, deixando “minha sementinha plantada” para a Educação Audiovisual ser uma realidade na escola.

3.2.2 Nos caminhos do "Festival de Curtas do CEF 602", Centro de Ensino Fundamental 602 do Recanto das Emas - DF"

Professor de Artes Cênicas, Edmar Oliveira, ingressou na SEEDF em 2014 e logo em 2015 procurou melhorar a sua prática pedagógica em uma formação continuada. “Nos Caminhos do Audiovisual” juntou a prática profissional com a paixão pelo cinema e desde aquela época vem desenvolvendo projetos pedagógicos com a linguagem audiovisual de uma forma muito potente na sua escola, implementando um festival de curtas. Para aprimorar os conhecimentos na realização de filmes, ingressou no curso Técnico de Produção de Áudio e Vídeo, ofertado pelo Instituto Federal de Brasília – Campus Recanto das Emas, no ano de 2019. Agora, em 2023, inicia-se como pesquisador na área do cinema e sua intersecção com a educação, no Programa de Mestrado em Artes, Prof-Artes, no IdA/UnB. Essa é a trajetória profissional do professor Edmar que foi impulsionada pelo curso e pelo Festival de Curtas do Canal E.

Apresento as respostas que o professor Edmar encaminhou por texto via *WhatsApp*, a partir da pergunta 2:

Como no caso da professora Sara, o “colocar a mão na massa”, ou seja, as atividades práticas e o realizar um curta-metragem, é um dos fatores de encantamento e permanência do professor no curso, mesmo tendo que percorrer uma longa distância da escola, afastada do centro, até a EAPE, localizada no Plano Piloto.

Na época trabalhava em Brazlândia e toda aula era dia de uma viagem prazerosa. Era levado a conhecer diversas informações sobre o cinema e a produção audiovisual como um todo. Me recordo que sempre ficava atento e anotava toda informação e conceito novo, já pensando em possibilidades de atividades para realizar com os estudantes. Lembro das atividades práticas e principalmente da experiência de produção do curta realizado em grupo (curta “Sobre meninas e bonecas”) onde realmente colocamos a mão na massa. Lembro, também, da organização do curso. Toda a estrutura e condução do cronograma de aulas por parte dos professores, me

despertava mais interesse no assunto que já era uma paixão pessoal. Tanto que a maioria dos cursistas sempre pedia um módulo 2 do curso! (Entrevista do prof. Edmar Oliveira, cedido à pesquisadora, 2022).

Antes do curso, sempre utilizava o audiovisual como recurso para as minhas aulas. Toda vez que dava início a um conteúdo novo e debatia algum movimento artístico eu utilizava trechos de filmes e videoclipes como recurso didático. Porém, sempre tive a vontade de realizar atividades práticas com o audiovisual. Ao participar do curso, percebi a infinidade de possibilidades que poderia desenvolver com o audiovisual, não somente como recurso, mas como conteúdo. E assim, no ano seguinte ao trabalhar o conteúdo de cinema com a minha turma de 9º ano, propus um projeto de Festival de Curtas na escola (Entrevista do prof. Edmar Oliveira, cedido à pesquisadora, 2022).

O audiovisual na educação apresenta uma “infinidade de possibilidades” pedagógicas, que perpassam pelos saberes científicos e culturais, presentes nos conteúdos disciplinares. O Projeto Político Pedagógico da escola pontua o desenvolvimento de outros aspectos:

Ao elaborar, produzir, apresentar e apreciar filmes curtas-metragens, os alunos têm a possibilidade de desenvolver diversas habilidades e competências, tanto no âmbito da linguagem audiovisual quanto em aspectos sociais, tais como o desenvolvimento do poder de síntese, cooperação e trabalho em equipe, tomada de decisões e liderança e resoluções de problemas (PPP/CEF, 2022).

O “Festival de Curtas do CEF 604” começou em 2016, “onde os estudantes são orientados e produzem seus próprios curtas durante as aulas de Arte”. O projeto surge um ano depois da participação do professor no curso e no 1º Festival Curtas das Escolas Públicas do DF. Algumas das produções dos alunos foram premiadas no Festival de Curtas e em outros festivais como o Festival Taguatinga de Cinema e Festival de Curtas do Paranoá. Os curtas do “Festival de Curtas do CEF 604” estão na página do YouTube, @ArtenoCEF602.

Os filmes participantes do FestCurtas podem ser encontrados na página do Canal E¹⁸ no YouTube. Os curtas foram:

2016 - 2º Festival, filmes selecionados "A casa" e "Conexões".

2017 - 3º Festival, selecionados "Se é público também é meu" e "Além da Imaginação".

2018 - 4º Festival, premiados como Melhor abordagem do tema "O privilégio" e melhor direção "[Decidir]".

2019 - 5º Festival, selecionado "Vingadores: Guerra das canetas".

2020 - 1º Mostra On-line, premiado o filme "O privilégio" na categoria júri popular como Melhor Curta das 5 edições.

A proposta inserida no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) foi uma conquista valiosa alcançada pelo professor Edmar e por toda a comunidade escolar. Porque estando

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/@canalEdf>, acesso em jan. de 2023.

formalizada institucionalmente, abre possibilidades de parcerias que podem contribuir, inclusive financeiramente, para a implementação do projeto. O “Festival de Curtas do CEF 602”, por exemplo, foi contemplado por emenda parlamentar em dois anos consecutivos por meio do Edital Realize, promovido por um deputado distrital da ala progressista do DF.

Atualmente o projeto faz parte do Projeto Político Pedagógico da escola. Nos últimos anos dividimos as modalidades de produção por ano/série: 6º e 7º ano produzem animações em flipbook e stop motion; 7º ano releitura de videoclipes e; 8º e 9º ano produzem curtas de ficção (Entrevista do prof. Edmar Oliveira, cedido à pesquisadora, 2022).

Um destaque dado à pergunta é a necessidade de encontros com outros professores que estão realizando a educação audiovisual. Seria possível ter diferentes olhares sobre o tema, como trouxe o “I Seminário Mídias, Educação e Linguagens Audiovisuais”: Perspectivas para o Audiovisual na Educação Básica do DF”, realizado em 2016, pelo Canal E:

Precisamos de atividades e momentos que proporcionem a reflexão, a produção e a troca de experiências no que diz respeito à produção audiovisual nas escolas públicas do DF. Um desses momentos é o Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, onde podemos apreciar as produções de outras escolas e conhecer o trabalho desenvolvido por outros professores. Além do Festival, me recordo do “Seminário de Mídias e Educação” que foi outro momento onde foi possível conhecer diversos pesquisadores da área, com fóruns de debates e oficinas (Entrevista do prof. Edmar Oliveira, cedido à pesquisadora, 2022).

Fotografia 25 – Atividades desenvolvidas pelo prof. Edmar





Fonte: Acervo cedido pelo prof. Edmar.

3.2.3 - Nos caminhos do "Cine Com Ciência– Luz, Câmera, Educação", Centro de Ensino Fundamental 01 do Cruzeiro – DF

Tem um amigo que costuma dizer assim que: mais legal do que ver os grandes astros do cinema nas telonas é se ver nas grandes telonas. Então a gente sentiu que os meninos se empolgavam muito com isso ((Entrevista do prof. Erivaldo Pimentel, cedido à pesquisadora, 2022).

O prof. Dr. Erivaldo Cavalcanti Borges Pimentel é um grande entusiasta da linguagem audiovisual, do cinema e suas intersecções com a educação. Professor de Física, mais conhecido como prof. Zaldo, ministrou a disciplina durante os 30 primeiros anos da carreira. Em 2013, publica sua tese de Doutorado na Educação, pela Faculdade de Educação da UnB, orientado pela profa. Dra. Laura Maria Coutinho, que foi uma das fundadoras da TV Educativa – Canal E (capítulo 1). Sob o título “Cine Com Ciência – Luz, Câmera, Educação”, a pesquisa promoveu uma investigação sobre:

[...] a produção de vídeos com e para os alunos como recurso que proporcionasse ações dialógicas na escola e que motivassem os alunos ao aprendizado. Interessava-me por experimentar, junto aos alunos, a realização de um estudo sistematizado sobre a produção de filmes em que nossos aprendizados seriam coletivos, visto que, também, eu era um iniciante e amador nessa área. Vislumbrava que a possibilidade de tal realização pudesse se traduzir em vídeos a serem projetados na própria escola e que servissem como meio de expressão para o debate de variados assuntos, inclusive àqueles relativos ao universo juvenil” (PIMENTEL, 2013, p. 18).

Para a pesquisa, o professor Zaldo realizou uma oficina de audiovisual no CED 02, do Cruzeiro, onde fazia um trabalho experimental com o uso dos celulares. Já naquele momento “a gente sentiu que havia um espaço muito grande a ser pesquisado nessa área em função do querer dos alunos. Então os alunos recebiam essa novidade, de utilizar os equipamentos para que pudessem criar suas histórias, produzir seus filmes”. A partir de então, o trabalho com a linguagem audiovisual passou a ser o objeto principal na sua trajetória profissional. Hoje, desenvolve projetos na área no CEF 01 do Cruzeiro.

Foi como pesquisador e professor atuante na área, que chega ao curso “Nos Caminhos do Audiovisual”, na turma de 2016. Contou essas experiências, também, por áudio via *WhatsApp*.

Zaldo foi aluno na segunda turma do curso e buscava ampliar ainda mais o seu conhecimento técnico. Logo lhe chamou atenção a captação do áudio, uma área muito difícil de manejar no audiovisual com estudantes. Aprendeu sobre o *foley*, que conhecia, mas não associava ao nome, nem às técnicas. O *foley* ou sonoplastia é um processo utilizado para criar ou recriar sons, ruídos, efeitos sonoros que complementam o filme. Um dos aspectos apreendidos no curso que procura trabalhar nos filmes com os alunos é melhorar a qualidade do áudio na captação e na pós-produção. Sendo o curso “bastante complementar ao que eu já pesquisava”. Outro aspecto que destaca é a realização de um curta metragem, agora com um “público adulto (professores cursistas), do ponto de vista técnico tão conhecedor quanto eu, e aí a gente pôde ter um trabalho mais profissional”. O curta “Deixe o Barro Secar”, o filme é apresentado no Apêndice A. Dessa experiência, o filme ganhou um prêmio:

Criamos o vídeo “Deixe o barro secar” que foi gravado aqui no apartamento onde eu moro, em vias da octogonal. [...] eu o inscrevi no sétimo Festival de Cinema Transcendental. Eles selecionam os filmes justamente que falam de uma perspectiva de um mundo melhor, onde haja harmonia, equilíbrio e tal. Para minha surpresa o vídeo foi selecionado e na exibição, veio a votação e ganhamos como melhor vídeo ‘Júri Popular’”. Ganhamos o troféu “Luz” (Entrevista do prof. Erizaldo Pimentel, cedido à pesquisadora, 2022).

Com o prêmio no portfólio, o professor consegue cadastrar-se no CEAC¹⁹, “quer dizer, a partir daquele momento a Secretaria de Cultura me identificava como um cineasta profissional”, podendo receber apoio financeiro governamental para os projetos de audiovisual.

A partir do curso e de toda a bagagem adquirida ao longo da sua trajetória, passou a dedicar-se a escrever um livro didático, voltado para o público infanto-juvenil, chamado “Vídeo Estudantil”, que recebeu financiamento por edital de fomento da Secretaria de Cultura do DF, ainda em vias de publicação. Sobre o livro, o professor Zaldo relata que:

O menino tem livro de História, Geografia, Matemática; no ensino médio Física, Química, Biologia. E tem também, agora, à disposição um livro digital que é “O vídeo Estudantil” onde ali eu faço toda uma abordagem adequada para esse público infantojuvenil. Então, ensino fundamental e médio pode baixar o livro no celular e ali ter toda essa interatividade que um livro digital permite. Onde você está lendo um texto, de repente aparece lá: ‘clique aqui para assistir o vídeo’ e depois de assistir você

¹⁹ CEAC é um cadastro de artistas, produtores e entidades culturais do DF, mantido pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. Fonte de informação para mapeamento da cadeia produtiva na cultura local, e habilitação para o artista concorrer aos editais de apoio financeiro do Fundo de Apoio à Cultura (FAC). Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br/ceac/>, acesso em jan. de 2023.

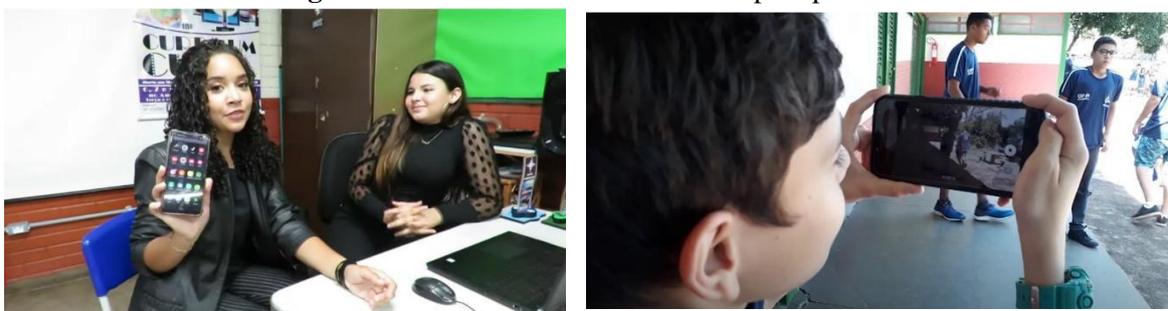
pode voltar a ler novamente (Entrevista do prof. Erizaldo Pimentel, cedido à pesquisadora, 2022).

A ideia de dar visibilidade aos vídeos produzidos pelos alunos sempre foi uma meta e desde 2015 havia uma vontade de realizar um festival de cinema. O professor Zaldo tem uma relação muito estreita com o Canal E, pois foi ele que reivindicou a participação dos seus alunos no Festival de Curtas. No ano da sua estreia, o festival seria restrito ao ensino médio. Mas o professor argumentou que os alunos da sua etapa de ensino também estavam produzindo vídeos e que seria um incentivo para escolas. Por isso, estendemos a participação para as escolas de ensino fundamental. Naquele ano, a escola foi selecionada com o curta “É normal Ser diferente!” e seguiu competindo com vários curtas nos anos seguintes.

Com mais um motivador para implementar um festival de cinema estudantil na escola, por meio do projeto pedagógico do CEF 01 do Cruzeiro, inicia o Festival “Curta um Curta”. No ano de 2022, o festival se expande para outras escolas dessa mesma região administrativa e o 7º festival “Curta um Curta” “passou a ser das 6 escolas que nós temos: 4 escolas públicas e 2 escolas particulares, não só no ensino fundamental, mas também no ensino médio”. Os filmes do festival e outros trabalhos pedagógicos sobre a linguagem, podem ser acessados na página do professor “Erizaldo Cavalcanti Borges Pimentel”, no YouTube. Para promover o projeto, segundo ele, é necessário dedicação:

Muito bacana porque a gente procura envolver os alunos, não é nada fácil não, é um trabalho de ‘eu’ equipe onde você é o produtor, você ajuda os meninos lá na edição do vídeo, onde a gente vê ainda uma dificuldade no debate para que eles tenham um roteiro mais elaborado, possa virar um filme com mais qualidade. Então isso tem sido um processo muito interessante. Que eu insistentemente tenho mantido, inclusive, seja nos cartazes, seja nos troféus, no material (Entrevista do prof. Erizaldo Pimentel, cedido à pesquisadora, 2022).

Fotografia 26 - Atividades desenvolvidas pelo prof. Erizaldo





Fonte: Acervo cedido pelo prof. Erizaldo.

Em todas as edições do Festival, o professor Zaldo convida representantes do Canal E para receber uma homenagem pelo pioneirismo na educação audiovisual no DF, com a entrega do troféu “Cruzeirito”. Mesmo depois do fechamento do Canal E. Sobre a extinção do Canal E diz que:

para mim a gente tem que estar lutando para que ele volte a ser uma realidade, fortalecido, com recursos. Porque se tudo caminha numa perspectiva de que as tecnologias sejam valorizadas, e nesse particular a produção de audiovisual, a gente não pode aceitar que a Secretaria de Educação vá no contrafluxo disso e procure tirar algo que estava tão acertado (Entrevista do prof. Erizaldo Pimentel, cedido à pesquisadora, 2022).

Fotografia 27 – Recebendo a homenagem ao Canal E, “7º Curta um Curta”



Fonte: Acervo cedido pelo prof. Erizaldo.

Segundo o prof. Zaldo, a secretaria avançou com a Portaria que instituiu a Educação Audiovisual nas escolas públicas do DF, “embora a ação do governo, a meu ver, foi um tiro no pé nesse sentido”, com o fim do Canal E. A Portaria deu à escola apoio legal para ele

permanecer como professor no projeto “Cine com Ciência”, na Parte Diversificada do Currículo (PPP/CEF 01 CRUZEIRO, 2022).

Fica clara a necessidade da manutenção do curso “Nos Caminhos do Audiovisual”, abrindo a oportunidade de mais professores buscarem uma formação continuada específica, além de apontar para a importância de manter diálogos com os pares:

E acho que a gente poderia e deveria ter um Fórum em que periodicamente a gente pudesse estar reunindo para dialogar, para conversar. E com isso, manteria acesa, entre aqueles que curtem essa área de trabalho, uma perspectiva de uma ajuda, um diálogo profícuo. A gente vai mantendo essa ‘chama’ de ver o audiovisual presente em todas as escolas do Distrito Federal. [...] acho que é importante, por exemplo, que a gente tire um manifesto dos professores que seja enviada à Secretaria de Educação e a Secretaria de Cultura para que o nosso Festival de Curtas das Escolas Públicas, ele voltasse. Porque é interessante uma dimensão dentro do Distrito Federal, que culminaria justamente com todos esses trabalhos, que como eu tenho feito, acredito que outros colegas também o fazem (Entrevista do prof. Erivaldo Pimentel, cedido à pesquisadora, 2022).

O prof. também relata o contato que vem mantendo com professores de diferentes partes do país, em especial com Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul, a partir do pós-doc realizado na faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Segundo aponta, existem muitos municípios do Rio Grande do Sul que produzem vídeos estudantis e festivais, e que há um estímulo a formação de professores e de alunos na área do audiovisual. Um intercâmbio com essas experiências poderia ser profícuo para a educação audiovisual no DF.

Ao pesquisar projetos em outros estados, encontro a pesquisa “Filmeducação: Um Cinema Possível na Escola Contemporânea”, da pesquisadora Pamela de Bortoli Machado, onde destaca projetos do Rio Grande do Sul, da Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo. No Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, desenvolvem o “Programa de Alfabetização Audiovisual” que “contempla reflexões teóricas e publicações na área do cinema e exibições dos filmes para estudantes e professores”, da Pró-reitora de extensão da Universidade Federal do Recôncavo baiano. O projeto é caracterizado pela “formação e qualificação em cinema e educação”, “tanto em espaços escolares quanto em comunidades rurais e tradicionais”. Na Paraíba, são apontados dois projetos: “Cartografia de Imagens: filme-carta, formação e experimentação” e o “Semente Cinematográfica”, esse último ligado ao projeto “Imagens em Movimento e Inventar com a Diferença”, do Rio de Janeiro. Além disso, também há o projeto de Campinas, São Paulo, “Programa Cinema & Educação” do qual participa. Segundo a pesquisadora são “iniciativas realizadas por todo o país, que valorizam o contato com a experimentação, com questões sociais e olhares críticos desse mundo social a partir da aproximação com o filme e a produção fílmica (MACHADO, 2019, p. 68-69)”

Por fim, O prof. Zaldo vai se aposentar da secretaria em 2023 e, em conversas informais, diz que teme que o projeto não prossiga, talvez, pela falta de professores que possam ou queiram trabalhar com essa especificidade. E não pensa em parar a sua jornada pelo cinema, pois está iniciando a pré-produção de um longa-metragem.

São desafios de toda a ordem que os professores enfrentam com coragem, pois os ganhos que a linguagem promove parece compensar as limitações. Ganhos, também, que os aprendentes do audiovisual podem alcançar na percepção da autoimagem, segundo apresenta o prof. João Rafael, na dissertação “A Criação de Filmes na Escola: Narrativas de Si nas Imagens em Movimento”:

Inúmeros desafios emergem ao se instituírem práticas de ensino ancoradas na criação; por outro lado, os ganhos educacionais ultrapassam os muros da escola ao promoverem um rearranjo nos papéis estabelecidos e sedimentados no cotidiano escolar, posto que, ao adentrar os espaços institucionais de ensino, o audiovisual redimensiona as perspectivas dos estudantes em âmbito pessoal e coletivo ao ampliar os processos de construção de autonomia a partir da produção das próprias imagens, sons e discursos. (BARBOSA, 2019, p.33)

Então, a partir dos relatos do grupo focal e dos ex-cursistas, pudemos verificar os desafios e as potencialidade da prática audiovisual para e na comunidade escolar. Nas considerações finais, trago a análise desse capítulo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nos caminhos” das considerações finais é importante destacar o envolvimento do grupo focal ao longo da pesquisa, localizando documentos, dados ou memórias de eventos específicos. Destaco também a participação dos três ex-cursistas contando as suas experiências com o ensino do audiovisual. Participação fundamental, pois trazem uma visão externa ao Canal E. Todo o material documental e os relatos por mensagens instantâneas, somados à metodologia participante, possibilitaram uma sistematização polifônica da pesquisa, facilitando as análises do trabalho desenvolvido pela gerência.

Porém, faz-se necessário pontuar dois fatores que limitaram a investigação: a pandemia e o encerramento da gerência no fim de 2020, que interromperam algumas ações previstas para a pesquisa, como um encontro de avaliação coletiva e presencial no Canal E. Apesar dos percalços e com os ajustes necessários, a pesquisa avançou sobre os seus objetivos, com o recorte dos 6 anos do curso.

Como primeira síntese-análise, pontuo a importância do trabalho formativo continuado em audiovisual na Secretaria. De início, fica evidente na pesquisa que o professor busca uma formação que traga uma prática em uma linguagem muito utilizada pelos alunos. O curso “Nos Caminhos do Audiovisual” promove essas vivências por meio de estratégias didáticas e atividades baseadas no fazer audiovisual, na apreciação fílmica e na contextualização das obras, associadas às técnicas capturadas da produção cinematográfica, redimensionando a formação dos cursistas e as suas práticas educativas. Curso que gera, primeiro, no professor-cursista, uma formação do olhar, do sentido estético, artístico e criativo, para depois chegar no aluno. Nesse sentido, o capítulo 2, em especial, apresenta-se como sugestão pedagógica para alimentar outras formações educativas na linguagem audiovisual, com as devidas transposições didáticas.

A falta de recursos tecnológicos exclusivos para o curso, como câmeras e computadores, é um fator apontado pelos 2 grupos como limitador para algumas práticas como a edição dos vídeos. Porém, compreendem que, infelizmente, essa é a realidade da maioria das escolas. O grupo focal aponta que smartphones com boa captação, microfones adaptáveis, computadores com software simples de edição já seriam interessantes para realizar o trabalho na escola. Importante reforçar que, mesmo com o limite tecnológico, o curso teve um saldo positivo de 23 curtas produzidos, assim como o Festival de Curtas e a Mostra On-line, que também receberam muitas produções ao longo dos 6 anos.

O segundo ponto são as potencialidades e limites da formação continuada na práxis pedagógica, a partir dos relatos dos três ex-cursistas.

Ao refletir sobre as experiências descritas pelos três professores é possível destacar falas comuns sobre os impactos do curso nas suas práticas, compartilhadas em concordância às do grupo focal. Um ponto convergente é a paixão pelo cinema, pelo audiovisual e pela educação. Outro, a percepção assertiva de que era necessário levá-los para a sala de aula não como ilustração de um conteúdo, mas como uma linguagem que potencializa práticas-pedagógicas mais próximas da realidade interconectada dos alunos. Dessa maneira, essas práticas podem promover habilidades e aprendizagens “intelectuais, sociais, emocionais e específicos do audiovisual (CIRELLO, 2010, p. 93)”, para a formação integral do aluno. Paixão e percepção geraram o movimento na busca de uma formação continuada específica na área.

Para apreender o audiovisual como linguagem, um ponto essencial para os professores foi a prática, a criação de um curta-metragem desde a elaboração do roteiro até a sua finalização na edição. Positivamente, as estratégias práticas deram mais segurança, principalmente técnica, para mediar, orientar e trabalhar com os equipamentos na hora de capturar e editar os vídeos com os alunos. E no fazer em sala, o uso dos materiais produzidos pelo Canal E, os curtas dos festivais e as produções realizadas com os alunos contribuíram como motivador para o ensino e para a aprendizagem pois são autorais e têm a representatividade estudantil.

Verificou-se que a linguagem audiovisual passou a ser central nos projetos desenvolvidos pelos ex-cursistas. O curso facilitou a elaboração de propostas pedagógicas mais qualificadas dentro da especificidade da área. Foram desenvolvidas propostas sistematizadas e contextualizadas de acordo com as necessidades e as características de cada escola, estando elencadas no Projeto Político Pedagógico-PPP das unidades de ensino, podendo facilitar, inclusive, investimentos financeiros para os projetos.

As experiências fizeram com que implementassem e participassem de projetos de audiovisual dentro e fora da secretaria. Proporcionaram também a criação dos festivais de curtas nas escolas, a participação em outros festivais locais e até nacionais, além da realização de vídeos para programas educativos de órgãos do GDF, representando a Secretaria em outros espaços.

Terceiro ponto, observamos que o curso contribuiu como um salto de qualidade para os projetos dos professores e como uma porta de entrada para esse universo fílmico. Mas o Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF é, sem dúvida, o maior ponto de convergência. O festival motiva, inspira, põe em movimento as produções, bem como justifica as ações nas escolas. Não pela competição, mas pelo encontro e partilha de saberes com os pares, pelo filme

estudantil projetado na histórica tela de cinema, para apreciar a produção dos demais colegas, possibilitar a democratização do acesso às formas de fazer cinema contando as próprias histórias. Portanto, a volta do festival é a maior reivindicação dos professores.

Nesse sentido, uma proposta de reestruturação estava em desenvolvimento pouco antes do decreto de isolamento, segundo contou o Gleison que atuava como gerente à época. Apesar da proposta não ter sido implementada, fica o registro como sugestão para implementação em outros projetos. No Planejamento Estratégico de 2020, estava previsto:

1. Propor as Diretrizes para implementação da Política de Educação Audiovisual;
2. Organizar um Caderno de Orientação Pedagógica para UEs;
3. Reestruturar a GMIP, com a aquisição de equipamentos para o estúdio;
4. Criar espaços físicos de formação e experimentação na gerência;
5. Realizar o II Seminário Mídias, Educação e Linguagens Audiovisuais;
6. Criar o Fórum Permanente de Educação Audiovisual;
7. Realizar o 6º Festival de curtas;
8. Desenvolver aplicativo (app) para celular;
9. Ampliar a formação de professores;
10. Criar a incubadora de cineclubes escolares para fomentar a produção de vídeos, a exibição, a apreciação e a formação de plateia;
11. Criar repositórios virtuais de vídeos;
12. Buscar parcerias com diferentes setores como Universidades, Terceiro Setor, Secretaria de Cultura;
13. Estabelecer um diálogo permanente com as Secretarias de Educação de outros estados que tenham propostas semelhantes, para trocar experiências e viabilizar parcerias.

Para fortalecer essas ações junto à instituição, seria preciso restabelecer o contato interrompido com os professores participantes do curso, do festival e demais parceiros, realizando um levantamento qualitativo e quantitativo dos projetos audiovisuais que desenvolvem ou estejam em desenvolvimento na secretaria. Com o objetivo de criar ações locais que fortaleçam as suas práticas e, a partir dessas experiências, capilarizar a educação audiovisual para outras unidades de ensino. Outra ideia seria realizar um encontro com uma mesa temática sobre o tema, como um marcador temporal político, para retomarmos o protagonismo sobre a política de educação audiovisual. Seria possível também propor encontros para ouvirmos as sugestões de quem está vivenciando a realidade no chão da escola, dialogando sobre quais são as perspectivas para a formação continuada, para o festival e outras demandas.

No primeiro capítulo, aponto a pandemia e a reestruturação da secretaria como disparadores da extinção do Canal E, mas é preciso distanciar a lupa e enxergar que estava em curso o desmonte das políticas progressistas conquistadas nos governos anteriores, ocorrendo na gestão local um alinhamento a uma política fundamentalista, autoritária e antidemocrática. O ano de 2023 marca a volta da arte, da cultura e da educação para o centro do debate nacional, com a posse de um Presidente, eleito democraticamente, comprometido com essas pautas. Esse cenário representa, em grande medida, a expectativa da retomada e do avanço de projetos educacionais comprometidos com a qualidade do ensino e da aprendizagem, em sua integralidade, para a educação pública em nível nacional.

No âmbito do Distrito Federal, manifestamo-nos pela retomada da Política de Educação Audiovisual, com a volta de um setor central, que tenha autonomia institucional e financeira, para a implementação das ações aqui apresentadas. Um setor que seja composto por profissionais da secretaria com perfil técnico e pedagógico para a sua gestão. Uma proposta que nasceu no coletivo de professores, mas que precisa ser, também, amparada pelos gestores da Secretaria como uma política de Estado, visando aos impactos positivos da Educação Audiovisual para a educação de crianças, adolescentes e jovens, com a finalidade de alcançar todas as escolas públicas do DF. Impactos que estão bem fundamentados nesta dissertação.

Por fim, o conjunto de reflexões, análises e ações, traduzidas na presente pesquisa, “O CURTA-METRAGEM COMO PRÁXIS PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS DO FAZER AUDIOVISUAL NA FORMAÇÃO CONTINUADA DO DF”, podem contribuir para a construção de uma educação que se revele ética e democrática por meio da imagem e do som em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERTA, Instituto Palavra. **Vamos falar sobre os conceitos de nativo, imigrante e inocente digitais?** Card publicado no Instagram EDUCAMÍDIA. Disponível em <http://gg.gg/13a3m3>, acesso em agosto de 2021.

ALBUQUERQUE, Karoline e MOTA, Renato. Brasil bate recorde em consumo de vídeos em 2020. **Olhar Digital**. Seção Cinema e Streaming. 04/03/2021. Disponível em <https://olhardigital.com.br/2021/03/04/cinema-e-streaming/brasil-bate-recorde-em-consumo-de-videos-em-2020/>. Acesso em: maio de 2022.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: **Programa Salto para o Futuro**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/2sf.pdf>. Acesso em: set. 2022.

ALMEIDA, Rogério de. **Cinema e Educação: Fundamentos e Perspectivas**. FEUSP, São Paulo, 2017.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, João Rafael Teixeira. **A Criação de Filmes na Escola: Narrativas de Si nas Imagens em Movimento**. 2020. Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes). Brasília, 2020. 85 p. - Universidade de Brasília, 2020.

BAUER, W. Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um Manual Prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi- 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozers, 2008.

BERGALA, Alain. **A Hipótese do Cinema: Pequeno Tratado de Transmissão do Cinema**. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

BITARELLO, Breno; BRAZ, André; CAMPOS, Jorge Lucio de. **Lev Manovich e a lógica digital: Apontamentos sobre A linguagem da nova mídia**. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (ubi.pt). Acesso em: agosto de 2021.

BRAGA, Roberto (Trad). Tradução livre e resumida dos principais tópicos do capítulo 9 de: MAKING DOCUMENTARY FILMS AND REALITY VIDEOS. Barry Hampe. New York: Henry Holt and Company, 1997.

BRAGA, Roberto (Trad). Tradução livre e resumida dos principais tópicos do capítulo 10 de: MAKING DOCUMENTARY FILMS AND REALITY VIDEOS. Barry Hampe. New York: Henry Holt and Company, 1997. Disponível em: <https://apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Escrevendo-um-documentario.pdf>, acesso em jan. de 2023.

BRAGANÇA, Felipe. **CONTRACAMPO: Revista de Cinema**. Publicado pelo blog Contracampo, 2002 Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/criticas/edificiomaster.htm>, acesso em dez. de 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Publicado pelo Portal do MEC. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em março de 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Publicado pelo Portal do Mec. Brasília, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/resolucao_ceb_0298.pdf. Acesso em maio de 2022.

CAMILA, Sara. **O Efeito Kuleshov e a importância do ser cinematográfico**. Publicado no Blog:comunidadeculturaearte.com. 2017. Acesso em dez. 2022.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CARVALHO, Henrique. A Jornada do Herói: Transformando sua audiência em heróis através de histórias memoráveis. Publicado pelo **Viver de blog**. Disponível em: <https://viverdeblog.com/jornada-do-heroi/>, acesso em dez. 2022. Escrito por Henrique Carvalho em 10 de agosto de 2014

CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. **Oficina: Educação a partir do Audiovisual**. 19^a Mostra, 2020. Disponível no canal “Mostra de Cinema Infantil” em <https://youtu.be/RrhiEwC3KWU> Último acesso em: nov. 2022.

CIRELLO, Moira Toledo. **Educação Audiovisual Popular no Brasil – Panorama, 1990-2009**. 2010. 361 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Estudo dos Meios e da Produção Mediática, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COMO fazer um pitching de sucesso? Para que ele serve? Publicado na página **MargôFilmes**. Disponível em: <https://margofilmes.com.br/pitching/>, acesso em nov. de 2022.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2009.

DODF nº 91. **Reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal** e dá outras providências. Lei 5105 de 03/05/2013 (disponível em: sinj.df.gov.br), acesso em 27/01/2022.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2002.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRESQUET, Adriana Mabel. **Cinema expandido na sala de aula expandida**. Artigo. Disponível em: <https://cinead.org/wp-content/uploads/2021/04/Cinema-expandido-na-sala-de-aula-expandida.pdf>. Acesso em fev. 2022.

FRESQUET, Adriana. Cinema para aprender e desaprender. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Imagens do desaprender**. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead-LISE-FE/UFRJ, 2007.

GAJARDO, Marcela. “Pesquisa participante: Propostas e Projetos”. In: BRANDÃO, Carlos GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

GONÇALVES, Felipe Canova. **Linguagem Audiovisual e Educação do Campo: praxis e Consciência Política em Percursos Audiovisuais**. 2019. 290 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

HOWARD, David e MABLEY, Edward. **Teoria e Prática do Roteiro: um guia para escritores de cinema e televisão**. São Paulo: ed. Globo, 1996.

LUIZ, Caio. Jornalismo Cultural. Publicado pelo **blog Condorcao**, maio 2019. Disponível em: <https://condorcao.medium.com/jornalismo-cultural-da-pesada-b7e8f6f2f96b>, acesso em nov. de 2022.

MACHADO, Pamela de Bortoli, 1987- Bortoli Machado. – Campinas SP: [s.n.] 2019. Filme educação: um cinema possível na escola contemporânea / Pamela de

MCKEE, Robert. **Story - Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiros**. Arte e Letra, 2006.

MORAES, Paulo Duro. **Em busca da linguagem encantada**, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

NICHOLS, Bill. A voz do documentário. In: RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). Teoria

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2016

PIMENTEL, Erizaldo Cavalcanti Borges. Cine Com Ciência – Luz, Câmera, Educação. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants, em On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, outubro 2001).

RABINGER, Michael. **Direção de cinema: Técnicas e Estética**. Editora: Elsevier, 1ªed., São Paulo, 2007.

RESOLUÇÃO CEB Nº 2, DE 7 DE ABRIL DE 1998 (1*) (**) Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. (vou procurar)

RODRIGUES (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista FAMECOS, nº 22, Porto Alegre, dezembro 2003.

SARAIVA, Leandro; CANNITO, Newton. Manual de Roteiro, ou Manuel, o primo pobre dos manuais de cinema e TV. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2009.

SEEDF. **Currículo em Movimento da Educação Básica - Pressupostos Teóricos** – Brasília, DF, 2014.

SEEDF. Secretaria de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. Publicado pelo Portal da SEEDF. Brasília, 2013. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/1_pressupostos_teoricos.pdf. Acesso em março de 2023.

SEEDF. **Portaria nº 307, de 02 de outubro de 2018**. Institui a Política de Educação Audiovisual da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Diário Oficial do Distrito Federal nº 189, Brasília, 03 out. 2018.

SEEDF. Coordenação Regional de Ensino do Recanto das Emas. Centro de Ensino Fundamental 602 do Recanto das Emas. **Projeto Político Pedagógico. Festival de Curtas do CEF 602**. 2021. Disponível em: https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2021/09/ppp_cef_602_recanto_das_emas.pdf. Acesso em jan. de 2023.

SEEDF. Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto/Cruzeiro. **Projeto Político Pedagógico**, CEF 01 do Cruzeiro. 2021. https://www.educacao.df.gov.br/wpconteudo/uploads/2021/07/ppp_cef_01_cruzeiro_plano_piloto.pdf. Acesso em jan. de 2023.

SEEDF. **Escolas e Estudantes**. Publicado pelo site da SEEDF. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/escolas-e-estudantes>. Acesso em maio de 2022.

SILVA, Ana Maria da. Festival #curtaemcasa premia produções da rede pública de ensino do DF. **Correio Braziliense**. Seção Cidadania. Postado em 07/12/2020.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores**. Editora: Aleph. São Paulo, 2015.

REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

100% Ocupado. Direção: João Vitor. Vídeo (5 min). Realização: Centro Educacional 01 do Guará. 2º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, 2016. Publicado pelo Canal E. Disponível em: <https://youtu.be/zUc71BbnT3Y>. Acesso em fev. de 2023.

CANAL E, página no YouTuber. Disponível em: <https://www.youtube.com/@canalEdf>, acesso em jan. de 2023.

CANAL E NOTÍCIA: Nos Caminhos do Audiovisual. Realização Canal E – SEEDF, 2014. Disponível em: <HTTPS://YOUTU.BE/MRKOVSQ0UIS>, acesso em jan. de 2023

CEGO Estrangeiro. Direção: Marcius Barbieri. Produção: 400 filmes. Rio de Janeiro, 2000. (6 min.). Publicado pelo canal Marcius Barbieri. Disponível em: <https://youtu.be/YdH0ISCLrFE>. Acesso em fev. de 2023.

CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. Oficina “Educação a partir do Audiovisual”. Vídeo (18 min 47 segs.). Disponível no canal “Mostra de Cinema Infantil” em <https://youtu.be/RXO5jWStpVw>. Acesso em nov. 2022.

CIRELLO, Moira Toledo Dias Guerra. Vídeo (27 min 50 segs.). Oficina “Educação a partir do Audiovisual”, 19ª Mostra, 2020. Disponível no canal “Mostra de Cinema Infantil” em <https://youtu.be/RrhiEwC3KWU>. Acesso em nov. de 2022.

CONTRASTES de Branco. Direção: Ezequiel (Calcifer). Vídeo (5 min). Realização: Centro Educacional São Francisco, São Sebastião. 3º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, 2017. Publicado pelo Canal E. Disponível em: <https://youtu.be/6WIV-XMD-ts>. Acesso em fev. de 2023.

DOCUMENTÁRIO 20 anos Canal E. Vídeo (25 min). Realização: Canal E – SEEDF, 2017. Publicado pelo Canal E. Disponível em: https://youtu.be/PJ_BZ8Glmts. Acesso em fev. de 2023.

EMTI-CEIM04 Sobradinho. “CinEducação, Imagem em movimento”, 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CbLJyst_D4Qy/?igshid=YmMyMTA2M2Y=, acesso em jan. de 2022.

“EXPERIÊNCIAS de Audiovisual e Educação”, publicado no canal do Instituto Federal de Brasília IFB, 2020. Disponível em: https://youtu.be/6xnCTuR7_NI, acesso em jan. de 2022.

JUNTOS contra a Dengue, 5º FestCurtas, publicado pelo Canal E, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/PvfaSL1bmVl>, acesso em jan. de 2022.

MEU Amigo Nietzsche. Direção: Fáuston da Silva. Produção: hojefilmes. Brasília, 2012. (15 min.). Publicado pelo Fáuston da Silva. Disponível em: <https://youtu.be/FroyMvgYfm0>. Acesso em fev. de 2023.

NANOOK, o Esquimó. Direção: Robert Flaherty. Produção: Franco-Estadunidense 1922. (1h 18Min.). Publicado pelo canal Clássicos do Domínio Público. Disponível em: <https://youtu.be/SzFHgrzxGkk>. Acesso em fev. de 2023.

NOS CAMINHOS do Audiovisual 2014. Vídeo (23 min 21 seg.). Realização Canal E – SEEDF, 2014. Disponível em <https://youtu.be/AiSVwwmsHQg>, acesso em jan. de 2023.

NOT Easy. Direção: Cheshire Seabra. Vídeo (4 min 12 seg.). Realização: Centro de Ensino Médio Paulo Freire, Plano Piloto/Cruzeiro. 3º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, 2017. Publicado pelo Canal E. Disponível em: <https://youtu.be/GAPeDPyMrLE>. Acesso em fev. de 2023.

PIMENTEL, Erizaldo Cavalcanti Borges. Publicado por Erizaldo Cavalcanti. Disponível em <https://www.youtube.com/@filmesdozaldo>, acesso em 25/012023.

REBERT Responde, Realização Canal E, 2018. Disponível em: https://youtu.be/jJBn_QjWdmE, acesso em 24/01/22. Oficina Papo Reto, realização Canal E, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/iEL6pmhL4bQ>, acesso em 24/01/22.

REALIDADE X EXPECTATIVA”, 2º FestCurtas, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/VDKMgka0Z0U>, acesso em jan. de 2022.

RELATOS Selvagens, episódio *Bombita*. Direção: Damián Szifron. Distribuição: HBO. Argentina, 2014. (2 h 2 min.), digital, son. color.

REVIR. Direção: Daniel Sena. Vídeo (5 min). Realização: Centro Educacional 08 - Gama. 1º Festival de Curtas das Escolas Públicas do DF, 2015. Publicado pelo Canal E. Disponível em: <https://youtu.be/15JGHULxYhg>. Acesso em fev. de 2023.

RUA da Amargura. Direção: Rafael Conde. Produção: Filmegraph. Belo Horizonte, 2003. (14 min.), Digital, son. color.

APÊNDICE A - FILMES PRODUZIDOS NO CURSO, FICÇÃO – 2015 A 2017

1. Sobre Meninas e Bonecas, 6'35, direção coletiva, 2015.

<https://youtu.be/s4y4wZ15vMI>

Da segunda edição do curso, em 2015, destaco a produção “Sobre meninas e bonecas”, que conta a história de uma estudante de escola pública da periferia de Brasília, que apresenta comportamentos agressivos na escola. No conselho de classe, os educadores e educadoras tentam entender as suas atitudes. Um dia, a estudante do 6º ano arremessa uma cadeira no professor. A imprensa faz uma reportagem sobre o ocorrido, dividindo as opiniões da comunidade. A escola não acolhe a estudante e ela abandona a escola. No final é revelado que sofria abusos do padrasto.

Além da forte temática do filme, o roteiro é bem construído por meio dos enquadramentos, planos, a boa atuação dos “atores” (educadores, estudantes e pais), a montagem e o desenho de som. Nesse caso em especial, a captação do áudio não foi adequada, por todas as dificuldades já comentadas, mas não prejudica a narrativa.

Observa-se as escolhas técnicas para contar essa narrativa, nas três imagens abaixo, por exemplo. O filme começa misterioso e poético com a boneca no chão do parque infantil sem nenhuma criança balançando (1). A escola é apresentada em um plano “atrás” das grades (2) a mesma referência estética na cena do abuso (3).

“Sobre Meninas e Bonecas”, plano Geral (1)



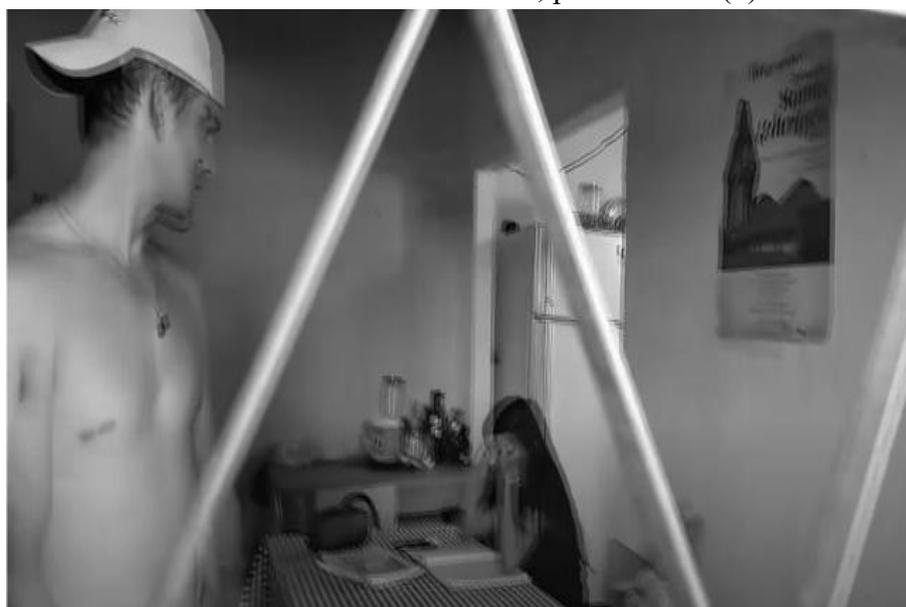
Fonte: Acervo Canal E, 2015.

“Sobre Meninas e Bonecas”, plano Geral (2)



Fonte: Acervo Canal E, 2015.

“Sobre Meninas e Bonecas”, plano médio (3)



Fonte: Acervo Canal E, 2015.

O cursista Edmar Oliveira, um dos diretores, produtores e ator no filme, é um dos entrevistados dessa pesquisa. A partir da sua participação no curso, ele passou a trabalhar com audiovisual na escola. Essa experiência é contada no capítulo 3.

2. Barbeiro Pessimista, 5'48, criação coletiva, 2015.
<https://youtu.be/s4y4wZ15vMI>

Uma adaptação do anedotário brasileiro. Um barbeiro que gosta de contar vantagens das suas viagens, mas põe defeito e “olho gordo” no passeio de seus clientes. Para vingar-se, seu compadre conta da viagem para conhecer o papa e faz uma piada trocadilho sobre o serviço do amigo.

“O Barbeiro Pessimista”



Fonte: Acervo Canal E, 2015

3. O Sapato, 7'07, criação coletiva, 2015.
https://youtu.be/1Q_FaJNO3ZE

Cris é uma esposa dedicada, mas um tanto consumista. Passando por dificuldades financeiras, promete ao marido economizar. Mas o scarpin mais desejado estava em promoção e era o último par. Para o amado não brigar pela compra, arma um plano com a amiga. Recebe ele em casa com uma camisa do time preferido e “autografado” por um craque.

“O Sapato”



Fonte: Acervo Canal E, 2015.

4. Deixe o Barro Secar, 8'33, criação coletiva, 2016.

<https://youtu.be/DgsUOeyThIU>

Deixe o Barro Secar, o curta é uma adaptação de uma parábola de autor desconhecido. Mariana ganha de aniversário um joguinho, chama sua amiga Julia para brincar e ao emprestá-lo para Julia, sente raiva pela forma como o encontra no pilotis do bloco. Lembra, no entanto, de sua avó e de um de seus conselhos que dizia: deixe o barro secar!

O cursista Erizaldo Borges, um dos roteiristas e diretor, inscreveu o filme no 7º festival. O curta ganhou na categoria de Melhor Filme Eleito pelo Júri. O cursista também faz parte dessa pesquisa (capítulo 3), por ser um dos pioneiros e grande militante da educação e do cinema no DF.

“Deixe o Barro Secar”



Fonte: Acervo Canal E, 2016.

5. Doce Lembrança, 7'29, Criação Coletiva, 2016.

https://drive.google.com/file/d/1JDXpTtMIvASF-NlcbBUtEBv-fFUYezA7/view?usp=share_link

Zeca é um menino do interior que foge com os amigos gêmeos para pegar doces de Cosme e Damião. Percorre o bairro atrás das guloseimas e vive muitas aventuras. Ao voltar para casa sua mãe reforça o castigo agora sem os doces. Deitado na cama, descobre uma delícia em seu bolso.

“Doce Lembrança”



Fonte: Acervo Canal E, 2016.

6. Retrovisor, 6'59, Criação Coletiva, 2016.

<https://youtu.be/aeZBOD3a05s>

Um taxista passa por um drama filosófico sobre seu cotidiano, enquanto transita pela cidade com seus passageiros.

“Retrovisor”



Fonte: Acervo Canal E, 2016.

7. Café com Bandido, 7'08, Criação Coletiva, 2017.

<https://youtu.be/Xm6iKr2EkCU>

Um café especial e uma grande confusão, colocam um playboy de Brasília numa baita encrenca. Uma típica “comédia dos erros” para trazer leveza ao cotidiano.

“Café com Bandido”



Fonte: Acervo Canal E, 2017.

8. Helena, 6'42, Criação Coletiva, 2017.
https://youtu.be/GR_Mrpz2bTM

“Helena” é um marco no nosso trabalho, tanto pela estética, quanto pela discussão proposta pelo filme. O curta-metragem abre a pesquisa para falar sobre a importância da formação continuada por meio do cinema. Ela é uma estudante que deseja ser reconhecida pelo nome social e completar sua transição de gênero. Já na chamada sofre com as piadinhas. Ao longo da narrativa, a câmera “nervosa” e a excelente interpretação do ator Pedro Drumond captam esse processo dolorido.

A primeira cena mostra a angústia de Roberto em sala de aula pelo bullying perpetrado pelos colegas (1). Na figura 2, a distância da personagem em relação ao posicionamento da câmera mostra um cenário desolador. Após sofrer uma agressão física na cena anterior, com o recurso de projeção virtual (3) a cena revela a angústia vivida e a libertação de Helena (4).

“Helena”, 1º plano (1)



Fonte: Acervo Canal E, 2017.

“Helena”, 1º plano inteiro (2)



Fonte: Acervo Canal E, 2017.

“Helena”, 1º plano (3)



Fonte: Acervo Canal E, 2017

“Helena”, plano médio (4)



Fonte: Acervo Canal E, 2017.

APÊNDICE B - FILMES PRODUZIDOS NO CURSO – FICÇÃO E DOCUMENTÁRIO – 2018 E 2019.

9. The End, 8’15, Criação Coletiva, 2018.

<https://youtu.be/AumOM3tlYdM>

Um rapaz tem uma vida aparentemente feliz, cursando faculdade, sem conflitos familiares! Por trás das aparências, ele vive um relacionamento abusivo, que não consegue terminar, pois tem medo de expor sua sexualidade para família. No final temos a mãe sozinha, sofrendo pela perda do filho.

“The End”



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

10. Insônia, 11’03, Criação Coletiva, 2018.

<https://youtu.be/aRYveCkyP9E>

Uma mulher de 36 anos, casada há 13 anos com seu primeiro namorado. Certa noite, após um longo dia de trabalho e a sensação de um afastamento afetuoso do marido ela vê uma mensagem muito picante em seu celular. Isso faz com que ela busque novas estratégias para reconquistar o casamento. Ao final, todas as suas preocupações se revelam como uma grande surpresa de aniversário que o seu marido estava preparando. Uma comédia divertida com a excelente interpretação dos atores.

A “comédia dos erros” foi uma escolha recorrente para as narrativas, o que corrobora com a reflexão sobre dar liberdade ao cursista de experimentar a linguagem audiovisual sem dar um rótulo estritamente pedagógico às suas criações.

“Insônia”



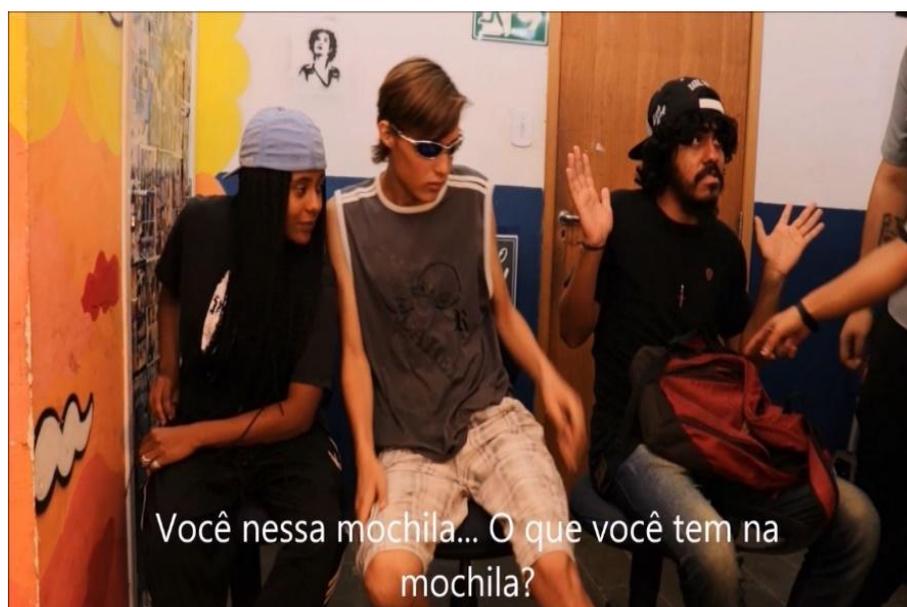
Fonte: Acervo Canal E, 2018.

11. O Invisível, 6'55, Criação Coletiva, 2018.
<https://youtu.be/ZaPkYjJwIVY>

Um rapaz surdo foi acusado de ter roubado um celular, juntamente com dois outros rapazes. Ele não usa Libras e isso acaba dificultando em todo o processo de investigação do caso. Até que a dona do celular é identificada e os policiais chegam à conclusão de que o surdo foi usado, sem saber, por dois meliantes.

O filme foi gravado no projeto “Jovem de Expressão”, espaço comunitário na cidade de Ceilândia -DF, e contou com a participação de um ex-aluno surdo, das cursistas da Escola Bilíngue, fazendo valer a expressão “Nada sobre nós, sem nós”.

“O Invisível”



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

12. A morte do presente, 7'40, Criação Coletiva, 2018.
https://youtu.be/_TxTtya4CDk

Após um dia de devolução, por comportamentos ditos impróprios pela diretora da escola, um professor pega os seus pertences e direciona-se a uma parada de ônibus. Nesse lugar, ele conhece Constância – figura que faz com que ele repense a sua vida até ali.

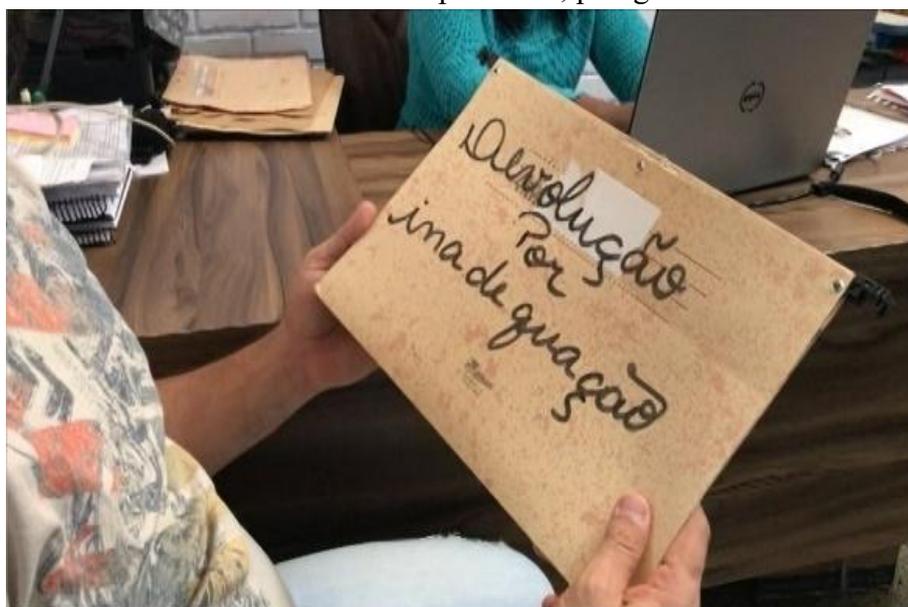
Nesse drama psicológico, o grupo arrisca diferentes planos e uma montagem em flash back para ambientar a história do professor em crise

“A morte do presente”, 1º plano



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

“A morte do presente”, plongé



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

“A morte do presente”, plano conjunto



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

“A morte do presente”, plano geral



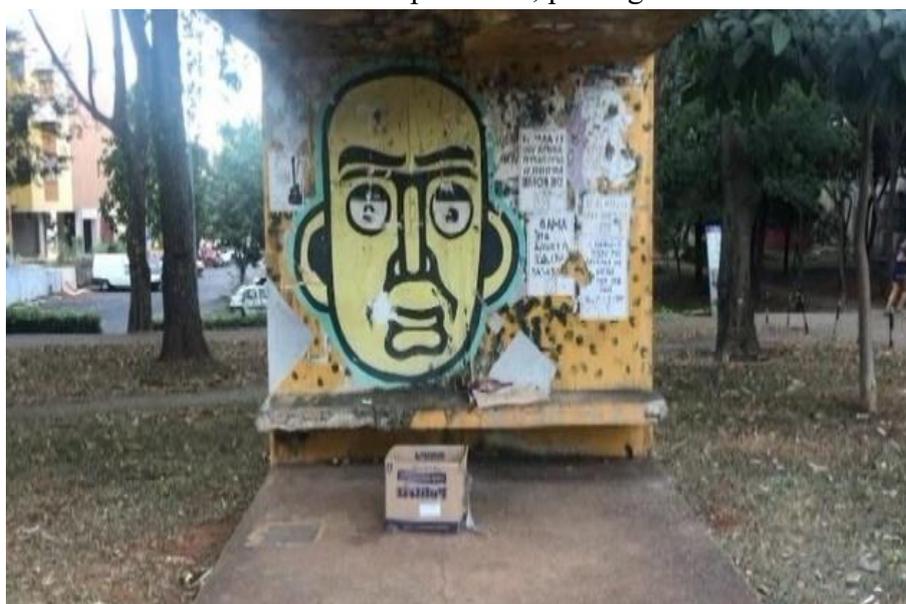
Fonte: Acervo Canal E, 2018.

“A morte do presente”, plano geral



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

“A morte do presente”, plano geral

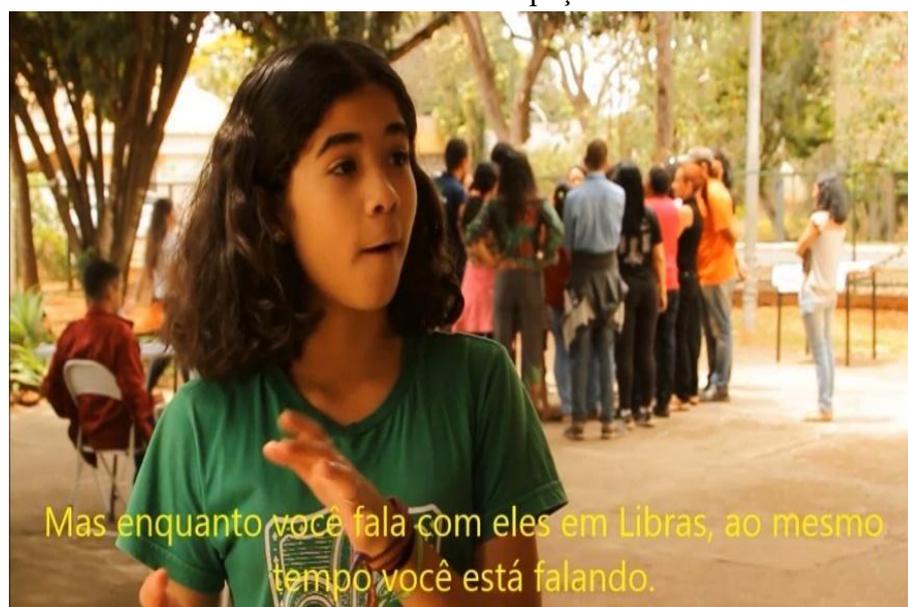


Fonte: Acervo Canal E, 2018.

13. O Terceiro Espaço, 7'27, Criação Coletiva, 2018.
<https://youtu.be/-Oabv36KyX0>

A trajetória de pessoas que são falantes, porém têm pais surdos. São os chamados CODAS. Eles vivem em um terceiro espaço e revelam como isso se dá.

“O Terceiro Espaço”



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

14. Uma Br, muitas vidas, 8'25, Criação Coletiva, 2018.
<https://youtu.be/h-Jsyq5Rook>

Uma escola à margem de uma BR. Os desafios de atravessá-la todos os dias nos horários de saídas e chegadas da escola e também nos horários das aulas de Educação Física. O documentário também conta a história do Centro Educacional Engenho das Lajes - DF, inaugurada em 1964. A escola fica próxima da divisa com o estado de Goiás.

“Uma BR, muitas vidas”



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

15 Nenen's, 5'45, Criação Coletiva, 2018.

<https://youtu.be/ptYuiRnbVLQ>

Uma noite no baile do Nenen's – um espaço de tradição no Centro de Taguatinga – DF. Um encontro com os seus frequentadores e as suas impressões a respeito do espaço, revelando histórias e afetos pelo lugar.

“Nenen's”



Fonte: Acervo Canal E, 2018.

16. Ida, 6'56, Criação Coletiva, 2019.
https://youtu.be/NHWq8OT_BNg

Após receber um infeliz diagnóstico de saúde, uma mulher sai do consultório decidida a fazer um vídeo por dia, criando dessa maneira, uma contagem regressiva feita por imagens até perder completamente a visão.

FOTOGRAFIA 53 – “Ida”

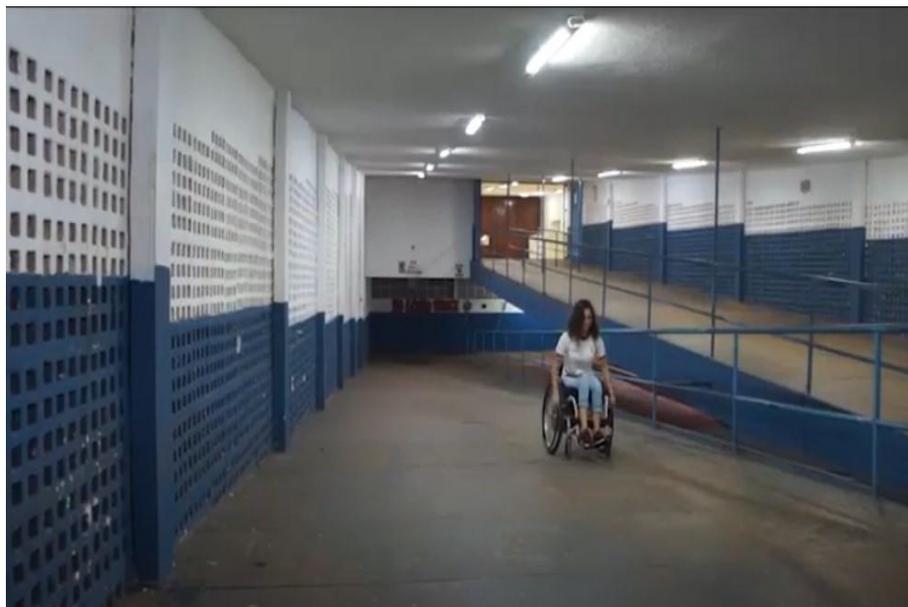


Fonte: Acervo Canal E, 2019.

17. Liberdade, 6'21, Criação Coletiva, 2019.
<https://youtu.be/L35ecB8HEbg>

Rebeca, uma atleta paralímpica, nasceu paraplégica e a cadeira de rodas sempre foi suas pernas, em casa, mas nunca na rua, pois faltava acessibilidade, chegar na escola era difícil. Foi então para as redes sociais, moveu-se rapidamente e conseguiu mostrar o problema com a ajuda dos colegas estudantes.

“Liberdade”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

18. Uma noite de Rei, 11'32, Criação Coletiva, 2019.

<https://youtu.be/0QKoNf64cJw>

Gabriel tinha acabado de chegar de um jogo de futebol e estava com muitas dores no corpo. A mãe dele mandou tomar um relaxante. Ele passou a noite inteira com contrações e correndo para o banheiro. Só depois descobriu que havia tomado um laxante ao invés de relaxante.

“Uma noite de Rei”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

19. A resiliência do Empório Lago Oeste, 9'45, Criação Coletiva, 2019.
<https://youtu.be/ISOV8cv40uA>

Em 2019, o TJDF determinou a demolição do principal local de comercialização de agricultores familiares do Núcleo Rural Lago Oeste - Sobradinho/DF. O Empório existe há 20 anos na região e tem foco em produção orgânica. Foi construído com o apoio da Secretaria de Agricultura e Emater-DF. O processo foi movido pela rede de postos de gasolina San Remo Serviços. A empresa alega que o Empório atrapalha a visibilidade de um posto da sua rede que concretamente ainda não existe. Está em fase de projeto. A partir dessa história o documentário propõe provocar uma reflexão sobre direito à cidade. Se a cidade é um reflexo daquilo que estamos vivenciando no nível social, é nela que vivenciamos as desigualdades e incongruências que sustentam relações de poder que privilegia grupos em detrimento de outros. Este é um doc para impacto social que tem a intenção de somar com a campanha de permanência do Empório no local que está hoje e dar visibilidade as pessoas do campo.

“A resiliência do Empório Lago Oeste”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

20. Uma história que vale a pena ser contada, 15', Criação Coletiva, 2019.
<https://youtu.be/ZC5urzzPOuE>

Documentário sobre a vida da estudante cadeirante e atleta paralímpica Carla, atriz principal do curta-metragem produzido a partir do roteiro de Philippe Piza. Em diálogo com a

vida da sua mãe, abordará a história de Carla antes do acidente que comprometeu sua mobilidade. O acidente, a mudança para Brasília, as dificuldades na escola e a vida esportiva.

“Uma história que vale a pena ser contada”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.

21. Ìreté Ohún – A voz da Esperança, 9’20, Criação Coletiva, 2019.
<https://youtu.be/M1xdyYIUvpE>

O documentário procura mostrar o medo e os receios de quem frequenta e segue as religiões afro-brasileiras como o Candomblé e suas variações.

“Ìreté Ohún – A voz da Esperança”



Fonte: Acervo Canal E, 2019.